

@Verdade

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela KPMG

twitter.com/verdademz

www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 31 de Maio de 2013 • Venda Proibida • Edição Nº 238 • Ano 5 • Fundador: Erik Charas



Vai te

RECENSEAR

até 25 de Julho **para poderes votar**

Depois conta-nos: # Foi fácil? # A equipa foi simpática?
Havia uma fila longa? # Tiveste algum problema?



SMS: 90440

(válido nas redes 84 e 86 ao custo de 2 Mt)



Email: averdademz@gmail.com



WhatsApp: 84 399 8634



BBM Pin: 2A8BBEFA

ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

“O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética.
O que mais preocupa é o silêncio dos bons.”

– Martin Luther King

Quem deve recensear-se?

Moçambicanos com idade igual ou superior a 18 anos e residentes numa das 53 autarquias

O que é exigido durante o acto de recenseamento?

Nome completo

Sexo

Filiação

Data e local de nascimento

Endereço da sua residência

Na falta do BI, que documento deve apresentar?

Carta de condução

Cartão de trabalho

Cartão de estudante

Cartão de identificação militar

Caderneta de desmobilização

Cédula pessoal

Boletim ou certidão de nascimento

Qualquer documento com fotografia actualizada, impressão digital ou assinatura

Ou levar dois cidadãos inscritos no mesmo posto de recenseamento

O que irá receber no fim?

Para comprovar a sua inscrição, irá receber um cartão de eleitor, devidamente autenticado e no qual constam, obrigatoriamente: a fotografia, o número de inscrição, o seu nome completo, a data e o local de nascimento, o endereço completo da sua residência, a unidade geográfica de recenseamento, a sua assinatura ou impressão digital e o número e entidade emissora do Bilhete de Identidade ou passaporte.

Onde se recensear?

O leitor deve inscrever-se no posto de recenseamento eleitoral mais próximo da sua residência habitual, pois o mesmo coincide com o local de funcionamento da assembleia de voto.

Atenção:

Em nenhum momento os membros das brigadas irão pedir o Atestado de Residência ou outro documento diferente dos acima mencionados. É ilegal! Se presenciar um caso do género, reporte-nos.


Somos todos observadores!

«Se alguém estiver a observar, será difícil fazer “batota” ou “intimidações” – e aqui está a chave para que as eleições em Moçambique sejam livres e justas.»
Manual por Eleições Livres, Justas e Transparentes, Joseph Hanlon (2013)


A democracia faz-se todos os dias, mas com as eleições autárquicas à porta e o recenseamento eleitoral já a decorrer, eis o momento para exercermos a nossa cidadania!

Temos recebido centenas de mensagens de cidadãos moçambicanos que nos contam as suas experiências nos postos de recenseamento. Queremos também ouvir de ti! A cobertura das vozes da cidadania está a ser feita pelo Jornal @Verdade em parceria com o Centro de Integridade Pública na secção Recenseamento ao Minuto do nosso website. Participa!


05/25/2013 09:21 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
As 8h deverá começa o recenseamento eleitoral raiz nos 53 Municípios de #Moçambique onde teremos eleições #Autarquicas2013

05/25/2013 09:21 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
(@DemocraciaMZ) 8h02 recenseamento eleitoral quase a começar na EP 3 de Fevereiro #Maputo impressora ainda não funciona <http://t.co/qKpHxASMZm>

05/25/2013 09:21 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 CIDADAO REPORTA em #Nacala Porto ainda nao chegaram os materiais de recenseamento eleitoral

05/25/2013 09:21 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 Escola Sec Francisco #Maputo recenseamento quase a iniciar problemas tecnicos <http://t.co/6VWmoFtbJc>


05/25/2013 09:21 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 tres jovens madrugadores para recensear-se na Escola Second Francisco Manyanga #Maputo


05/25/2013 09:21 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 @ialbinoso: EP Unidade 25 #Maputo troca de maquina de Inhagoia dita o inicio tardio do recenseamento <http://t.co/rkiCb022Im>


05/25/2013 09:21 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 CIDADAO Gabriel REPORTA posto de recenseamento na escola secundaria de Laulane #Maputo ainda nao esta funcionar

05/25/2013 09:21 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 @ialbinoso: posto na ES Noroeste 1 #Maputo técnicos com dificuldade em usar novo equipamento <http://t.co/FE2AFCdgmU>


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 @ialbinoso: ES Noroeste 1 #Maputo apenas 1 dístico cidadãos obrigados descobrir posto recenseamento <http://t.co/qAD88xIPtt>


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 @teveen: Recenseamento a decorrer na EP Maxaquene #Maputo pouca afluência <http://t.co/AhBkwi9gXM>


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 9h59 Recenseamento eleitoral decorre sem sobressaltos na escola ADPP #Maputo VIDEO <http://t.co/ibFm-4Z8LqS> via @youtube


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 CIDADAO REPORTA na Malhangeline #Maputo posto recenseamento ainda não abriu pk brigadistas ã sabem operar novo equipamento

05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 posto Campo de 1 de Maio #Quelimane ainda nao comecou a recensear porque a maquina nao esta funcionar


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 nao existem materiais para o recenseamento no posto da escola Muatala #Nampula nao informacao de quando chegara


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 recenseamento ainda nao iniciou postos das EPCs Sangariveira, Namuinho, Bairro Popular, 17 Setembro e Murropue #Quelimane


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 Posto de recenseamento eleitoral da escola primária do Bagamoyo a funcionar sem problemas


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 Posto de recenseamento eleitoral do DAIMANE, no KAMUBUKWANA #Maputo o processo ainda não arrancou por falta de equipamento


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 Posto de recenseamento eleitoral da EP Infulene #Maputo tudo a postos so não há ninguém para se recensear

05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 @ialbinoso: na EP IV-Congresso, #Maputo maquina avariou recenseamento parado aguarda-se tecnico STAE <http://t.co/2yCgSkfHxM>

05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 10h Posto de recenseamento eleitoral EP Unidade 29 #Maputo equipamento comecou a ser instaldo há me-pessoas na fila

05/25/2013 11:43 | by @Verdade


 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 no posto recenseamento escola comunitária polana caniço B #Maputo máquina avariou

05/25/2013 11:43 | by @Verdade


 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 @NelsonCarvalho: 11h nenhum dos postos de recenseamento está

funcionar nos postos de Muatala, Mutaunha e Mar-rere #Nampula

05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 @NelsonCarvalho: brigadistas STAE ainda ã chegaram aos postos EP Muatala e ES Cossore #Nampula vários cidadãos aguardam


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 problemas c/novo equipamento recenseamento particularmente p/impressão dos cartões de eleitor VIDEO <http://t.co/YZ7Hii8rdh>


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 RT @SergioChusane Acordo bem disposto txuno-me vou Posto Recenseamento de Magoanine A NÃO TEM MATERIAL VOLTA + TARDE! Heish


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 10h32 Na sede do Posto Administrativo de Muatala #Nampula ainda nao foi instalado o posto de recenseamento eleitoral

05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 nao ha hora para comecar recenseamento fora do centro urbano de #Nampula materiais ainda estao no STAE


05/25/2013 11:43 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 ate a governadora de #Nampula esta apanhar “seca” para recensear-se o equipamento nao esta a imprimir dados recolhidos

05/25/2013 12:04 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 maquina de recenseamento nao funciona no posta da Escola primária da maxaquene B #Maputo


05/25/2013 12:04 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 nenhuma material para o recenseamento eleitoral que deveria ter iniciado as 8h chegou ao STAE em #Nacala Porto

05/25/2013 12:13 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 materiais para o recenseamento eleitoral tambem nao chegaram ainda ao #Gurue os brigadistas estao no STAE aguardando

05/25/2013 14:01 | by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ)
#Autarquicas2013 11h22 EPC de Napipine #Nampula so funciona 1 maquina faltam outros materiais de recenseamento cidadãos cansados de esperar

VERDADE

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Eleições Autárquicas em directo

05/25/2013 14:02 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autarquias2013 11h52 CID Cristovao REP posto na EPC Npuecha **#Nampula** pessoal do STAE ainda nao se fez presente muitas pessoas estao espera

05/25/2013 14:02 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autarquias2013 12h03 CID Cristovao REP posto na EPC de Murrapaniua-1 **#Nampula** material acaba d ser trazido, brigadistas estavam ca cedo

05/25/2013 14:02 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autarquias2013 11h45 posto na EPC de Mutauanha **#Nampula** equipamento instalado e ja comecou recenseamento eleitoral

05/25/2013 14:02 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autarquias2013 12h comecou recenseamento no posto da casa cultura bairro Muatala **#Nampula** regista fraca afluencia de cidadaos

05/25/2013 14:02 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autarquias2013 12h19 brigadistas ainda sentados no patio do STAE **#Nacala** Porto, esperam materiais para o recenseamento eleitoral

05/25/2013 14:21 | by @Verdade
CIDADÃO Mucavel REPORTA:
N posto d recenseamento 19 d outubro magoanine a verifica pouca aderencia das 8 at agora k sao 11:16 so atenderam 4 pessoa.

05/25/2013 14:22 | by @Verdade
CIDADÃO REPORTA:
Malhangelene, o posto de recenseamento ainda nao abriu alegadamente por que as pessoas nao sabem operar as maquinas

05/25/2013 14:22 | by @Verdade
CIDADÃO Hermenegildo REPORTA:
Ja sao 11:30h na escola primaria de minkajuine o recenseamento ainda nao arancou devido a falta de material.

05/25/2013 14:23 | by @Verdade
CIDADÃO REPORTA:
Nao recenseamos na escola primaria e completa da Liberdade, porque ate 9:00horas a brigada nao tinha chegado. desistimos eramos muitos, depois dizem que Mocambicano quero fazer tudo em cima do joelho.

05/25/2013 14:23 | by @Verdade
CIDADÃO REPORTA:
EPC Sikwama iniciou o processo quando eram dez horas, depois de ter ficado a espera desde oito e trinta. As recenseadoras ainda nao tem pratica, tudo é feito numa morosidade tal, e o que val ainda nao ha muita gente. Imagine se estivesse muita gente!

05/25/2013 14:23 | by @Verdade
CIDADÃO REPORTA:
Na cidade d Nampula existem posto d recenseamento que ainda ate neste preciso momento nao chegaram os quites e alguns nem sabem usar as maquinas...

05/25/2013 14:24 | by @Verdade
CIDADÃO REPORTA:
Bom dia aqui tecnico de estatistica e informatica do STAE, tamos com problemas de falta de gerador num dos postos de recenseamento, isto porque esta zona onde se encontra a brigada nao tem energia eléctrica. Municipio de Namaacha.

05/25/2013 14:24 | by @Verdade
CIDADÃO REPORTA:
Oii! Na COOP fomos muito bem atendidos apenas as maquinas nao estao a funcionar! Disseram que haveria de ver, amanha tentaremos! Cumprimentos!

05/25/2013 14:24 | by @Verdade
CIDADÃO REPORTA:
Em Nampula. Quis rechar nao consegui. Fui ao pavilhao pouca afluencia muito tempo espera. Desisti. Fui a outro posto junto jardim continuadores uma sala completa de pessoas mas atendimento lento demais. Porque nao treinaram antes. Aqui tambem desisti.

05/25/2013 14:24 | by @Verdade
CIDADÃO Zindoga REPORTA:
Ja rencensei na escola primaria 19 d outubro, Magoanine nao ha enchente talvez por ser primeiro dia.

05/25/2013 14:25 | by @Verdade
CIDADÃO Abdurremane REPORTA:
Na provincia de Nampula apenas arrancou na cidade capital aqui na cidade de Nacala nem agua vai nem agua vem e muito menos sabemos aonde estao instalados os postos. De Nacala.



05/25/2013 14:38 | by @Verdade
Recenseamento eleitoral. São 8:30, na EP Combatentes ainda estão a arrumar as máquinas.



05/25/2013 14:40 | by @Verdade
Os brigadistas dizem que não têm chave para abrir a sala que lhes foi dada. Estão a montar as máquinas fora. Já são 8:37h ainda não começaram.



05/25/2013 14:42 | by @Verdade
8.48h, só se vê crianças. O brigadistas ainda não têm acesso à chave da sala concedida pela direcção da escola.

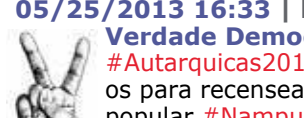


05/25/2013 14:43 | by @Verdade
Já são 8.30 EP Combatentes, no bairro FPLM, só se vê crianças

05/25/2013 14:45 | by @Verdade
Recenseamento eleitoral EP Combatentes, são 9:12h, não se vê quase ninguém. Notável é só figura de um polícia.

05/25/2013 14:48 | by @Verdade
Na EP IV Congresso, no bairro da Urbanizacao, a maquina avariou. O processo esta paralizado. Espera-se pelo tecnico do STAE. Ha mais de 10 pessoas.

05/25/2013 16:33 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autarquias2013 14h23 comecou enfim recenseamento eleitoral no Posto de Natikiri ES Teacane **#Nampula**



05/25/2013 16:33 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autarquias2013 muita afluencia de cidadaos para recensear no posto da escola parque popular **#Nampula** reclamam lentidao

05/25/2013 16:33 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autarquias2013 no posto EPC de Nampine havia falta de energia electrica povo contribui para comprar-se credelec e recenseamento iniciou

05/25/2013 17:18 | by @Verdade
O primeiro dia foi péssimo, houve muitos problemas técnicos em maioria dos postos - José Tivane, delegado de MDM

05/25/2013 18:23 | by @Verdade
“**Felisberto Naife, director-geral do STAE, disse a AIM que** “até a madrugada de hoje conseguimos colocar o material em todas as autarquias e a maior parte delas estão a funcionar. Temos técnicos que estão a trabalhar noite e dia para que o processo esteja em dia”

05/25/2013 18:25 | by @Verdade
Naife explicou que o STAE teve um constrangimento na parte de logística devido a falta de meios de transporte mas que aguarda um reforço que esta sendo feito paulatinamente e que o problema esta a ser resolvido.

05/25/2013 18:31 | by @Verdade
Presenciamos em vários postos cidadãos que esperaram mais de meia hora até conseguirem ter o seu novo cartão de eleitor, refira-se que este recenseamento é para todos cidadãos maiores de 18 anos residentes nos Municípios.

05/25/2013 18:32 | by @Verdade
Vários postos em Inhambane, Maputo e Nampula o recenseamento foi mesmo interrompido aguardando a chegada de um técnico do STAE.

05/25/2013 18:33 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autarquias2013 confusao no posto ES de Teacane **#Nampula** so comecaram atender as 14h e ja querem encerrar varios municipios querem recensear

05/25/2013 18:38 | by @Verdade
“**CIDADÃO REPORTA:**
num posto de recenseamento do município da Matola antes de eu recensear-me fui obrigado a fornecer os meus dados de identificação pessoal e da minha residência ao Secretário do Bairro

05/25/2013 18:44 | by @Verdade
“Tendo em conta a experiência do passado, queremos fazer com que este processo seja muito melhor este ano. Para isso, pretendemos garantir uma melhor preparação dos brigadistas de modo a que possam flexibilizar o registo dos eleitores”, defendeu Lucas José, chefe do Gabinete de Imprensa do STAE

05/25/2013 18:53 | by @Verdade
“**CIDADÃO Henriques REPORTOU 12h49:**
Estou neste momento no posto de recenseamento em Nampula, no bairro de Muatala, unidade comunal de Micolene, bem perto da casa provincial da cultura, e até agora ainda não início. A brigada do STAE destacada para o local alega que estão sem carga no aparelho e nem extensão para puxar energia tem, e o director da casa provincial da cultura disponibilizou um espaço para realizar o processo hoje e talvez amanhã visto que o salão tem servido para actividades teatrais. Coisas de vergonha.

05/25/2013 19:41 | by @Verdade
Segundo o DIÁRIO DA ZAMBÉZIA
O recenseamento eleitoral na província da Zambézia, segundo maior circulo eleitoral iniciou com algumas dificuldades de ordem técnica e organizacional. Um pouco pelas autarquias, os nossos repórteres que acompanharam o processo viram brigadistas sem dominio das máquinas, postos

NEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.

não abertos e até locais onde o material não havia chegado.

05/25/2013 20:13 | by @Verdade

Segundo o Diário da Zambézia

Em Quelimane: Os Postos de recenseamento de Sangariveira, Janeiro, Murropue, EPC de Janeiro, Coalane, Namuinho, 17 de Setembro, Bairro Popular, 1 de Maio, as máquinas até as 12 horas deste sábado encontravam-se inoperacionais. As razões segundo aquilo que apuramos, prendem-se com problemas técnicos. E não só, nestes postos, também as escolas onde os mesmos foram instalados não tinham energia e algumas máquinas ficaram sem baterias.

05/25/2013 20:18 | by @Verdade



Segundo o Diário da Zambézia

No município do Gurué, até as 10h, os brigadistas encontravam-se amotinados no STAE distrital, aguardando a recepção do equipamento que não

havia chegado.

05/25/2013 20:21 | by @Verdade

Segundo o Diário da Zambézia

Nos municípios de Alto Molócué e Mocuba, alguns postos não haviam aberto até as 14 horas deste dia 25 de Maio, devido a problemas operacionais com o equipamento informático.

05/25/2013 20:25 | by @Verdade

O Diário da Zambézia reporta ainda

um caso gritante vem da autarquia de Alto Molocue, onde secretários dos bairros, distribuem senhas as populações nas suas zonas residenciais, para depois do recenseamento, os eleitores coloquem no verso os seus nomes e devolvam aos secretários. No Bairro Mucaca aconteceram vários registos desta prática.

05/25/2013 20:28 | by @Verdade

Em declarações ao Diário da Zambézia

a directora do STAE na Zambézia, Regina Joyce Matsinhe, afirmou que em todos municípios da Zambézia o recenseamento arrancou a mesma hora, facto que contrasta com a realidade no terreno.

05/25/2013 20:31 | by @Verdade

O Diário da Zambézia refere que

em todos postos de recenseamento, das autarquias da Zambézia, houve afluxo dos cidadãos para obterem cartões de eleitor.

05/25/2013 20:37 | by CIP-AWEPA



Redação Muitos postos de recenseamento não conseguiram abrir este sábado por causa da chegada tardia dos equipamentos, e houve relatos generalizados de falhas de equipamentos, onde os postos abriram. Uma mul-

her em Maputo twittou "fomos muito bem atendidos apenas as máquinas não estão a funcionar, amanhã tentaremos!"

5/25/2013 20:40 | by CIP-AWEPA Redação

No entanto, em outros locais de registo correu sem problemas. A afluência foi misturada com longas filas em alguns lugares, filas curtas em outros lugares, e ninguém a registar em outros.

05/25/2013 20:40 | by CIP-AWEPA Redação

Em Marromeu, Milange, Massinga, Pemba e Manica os postos de recenseamento abriram na hora e estavam funcionando, com filas de até 75 pessoas.

05/25/2013 20:41 | by CIP-AWEPA Redação

A província de Nampula teve sérios problemas. Pois o equipamento não chegou em Nacala Porto, Moçapo e Gurúé ontem e só chegou em alguns postos da cidade de Nampula no período da tarde.

05/25/2013 20:41 | by CIP-AWEPA Redação

Em outros lugares, em Montepuez, Macia, Beira, Tete e Moatize poucos postos - ou nenhum - abriu até ao meio da manhã.

05/25/2013 20:41 | by CIP-AWEPA Redação

Em Inhambane muitos postos fecharam por causa da falha do equipamento.

05/25/2013 20:44 | by CIP-AWEPA Redação

Onde o registo foi aberto, o processo estava muito moroso as pessoas recém-formadas que lentamente tentavam ganhar confiança no uso do computador de registo. O registo exige recolha de impressões digitais e uma foto, e imprimir um cartão que é selado em plástico. Este está provando ser muito complicado. Os problemas técnicos com o software também apareceram durante o dia. O sistema regista os dados sobre o documento apresentado pelo eleitor em potencial, tal como um cartão de identificação, mas não aceitaria datas de emissão de alguns documentos, e não havia nenhuma maneira de gravar no documento de tempo de vida, sem uma data de expiração (como emitida a pensionistas).

05/25/2013 18:27 | by @Verdade



Apesar de Felisberto Naife garantir que os membros das 754 brigadas, criadas para este recenseamento, receberam treino sobre o seu manuseamento, durante 10 dias, salta a vista nos postos que os nossos repórteres visitaram, e que começaram a funcionar tardiamente, que os brigadista não se estão familiarizados com o uso das novas máquinas, como se pode ver nestes vídeos

05/26/2013 10:32 | by @Verdade

Neste posto de recenseamento na EPC de Namícopo Sede, em Nampula o recenseamento ainda não começou, desde ontem, devido a dificuldade de ligar o equipamento informático a energia eléctrica. Havia dezenas de cidadãos que desistiram de recensear-se!

05/26/2013 12:07 | by @Verdade

Malema, semana passada elevado à categoria de Autarquia pela Assembleia da República, não vai recensear os seus municípios durante estes 60 dias do Censo Eleitoral, como vai acontecer nas outras autarquias da província de Nampula.

05/26/2013 12:08 | by @Verdade

A directora provincial do STAE em Nampula, Isabel Tirane disse que neste momento decorre um trabalho de levantamento das necessidades para os processos de recenseamento e a respectiva votação para depois enviar à direcção central daquele órgão responsável pelo processo de organização de escrutínios em Moçambique.

05/26/2013 12:11 | by @Verdade

Segundo Isabel Tirane, directora do STAE em Nampula

em seguida serão instalados os órgãos eleitorais designadamente, o Secretariado Técnico da Administração Eleitoral (STAE) e a comissão distrital de eleições.

05/26/2013 12:25 | by @Verdade



Muitos cidadãos afluíram esta manhã ao posto de recenseamento da Escola Primária da Barragem no Município de Nampula.

05/26/2013 12:34 | by @Verdade



No posto da EPC de Namícopo 2 o recenseamento está a decorrer, boa afluência, mas com muita lentidão devido a clara falta de prática dos brigadistas do STAE na operação do equipamento informático.

05/26/2013 12:45 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:

estou no posto de recenseamento da escola 3 de Fevereiro o operador do computador não domina o teclado demora mais 1h para recolher os dados de cada cidadão.

05/26/2013 12:47 | by @Verdade

CIDADÃO Pedro REPORTA:

Estou na Escola Primária 3 de Janeiro no Bairro Azul, no município de Tete, vinha recensear-me mas os brigadistas dizem que o equipamento não funciona! Assim que de Segunda a Sábado não tenho tido tempo espero poder recensear no próximo Domingo!

05/26/2013 12:52 | by @Verdade

Em Maputo, no posto de Quarteirão 17 Relento Daymane, o recenseamento ainda não começou. Só esta manhã os equipamentos foram levantados.

05/26/2013 12:53 | by @Verdade

12h13 Brigada no posto de recenseamento na EP1 de Bagamoyo a operar sem problemas. Faltam cidadãos para recensear.

05/26/2013 12:55 | by @Verdade

12h30 Brigada no posto de recenseamento na EP Infulene Benfica a funcionar desde ontem sem problemas. Faltam cidadãos para recensear.



05/26/2013 12:57 | by @Verdade

Posto na EP1 da Liberdade Matola ontem recenseou mais de sete dezenas de cidadão. Hoje após registar cerca de 2 dezenas tinteiro da

impressora acabou. Os tinteiros de substituição existentes no kit não são os adequados para a impressora (trazem ref diferente).

05/26/2013 13:05 | by @Verdade

Pouco movimento no posto de recenseamento na escola comunitária de Chamanculo, no município de Maputo, nesta manhã de domingo.

CIDADÃO REPORTA:

apelar toda população para depois do recenseamento eleitoral verificarem os se cartões de eleitores tem os dados correctos. Verificou-se em Nampula, no posta da escola de Belenenses cartões impressos com nome do posto de Namutequeliua Expansao. No posto de 12 de Outubro houve cartões que vinha impresso pavilhão de desporto. Quero pedir para a população que tiver estes problemas regressar para trocar os cartões.

05/26/2013 14:15 | by @Verdade

CIDADÃO Baptista REPORTA:

acordei às 8h para me recensear, chegado ao posto na escola primaria unidade 5, no bairro Luís Cabral, no Município de Maputo, onde só haviam 6 pessoas a minha frente e ainda não fui atendido agora que já passa das 12h. Os brigadistas são muito muito lentos assim não vou conseguir recensear-me.

05/26/2013 14:27 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:

neste sábado assim que abriram os postos de recenseamento os municípios do posto

Eleições Autárquicas em directo

administrativo de Messano, na Macia, manifestaram-se recusando fazer o recenseamento eleitoral. Afirmam ter pedido instalação de energia eléctrica em 1994 e até hoje estão as escuras. Chamaram a FIR para conter a manifestação pacífica de centenas de munícipes. Houveram tiros para o ar. Não houve vítimas.

05/26/2013 14:35 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA: no posto existente na Escola de Khongolote, no Município de Maputo, o recenseamento ainda não começou. Apresentando vários problemas tais como falta de tinteiros para impressora e ausência de tomadas com energia eléctrica para ligar o equipamento informático.

05/26/2013 16:01 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA: o recenseamento eleitoral na autarquia de Monapo apenas começou hoje e na zona mais urbana. Os brigadistas que deviam trabalhar nos postos fora do centro ainda não saíram.



05/26/2013 16:13 | by @Verdade

Recenseamento a decorrer sem problemas no Município da Manhica, regista-se pouca afluência e muita lentidão dos brigadistas

05/26/2013 16:13 | by @Verdade

Verdade Democracia (@DemocraciaMZ) #Autarquias2013 @NelsonCarvalho: tudo a funcionar no posto de recenseamento da Escola Primária Muatata #Nampula faltam cidadãos

05/26/2013 16:18 | by @Verdade

CIDADÃO Maurício REPORTOU 14h23: acabei de chegar ao posto de recenseamento na escola secundária de Nacala Porto estão mais de 30 pessoas na fila e só uma brigadista para recolher dados.

05/26/2013 16:24 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA 13h29: Vim recensear-me no posto da Escola 30 de Janeiro, no município da Matola, e informaram-me que a impressora não está a imprimir.

05/26/2013 16:29 | by @Verdade



O recenseamento na Escola Secundária 12 de Outubro, no Município de Nampula, está paralisado devido a avaria do computador

05/26/2013 16:41 | by @Verdade

CIDADÃO Hélder REPORTA 14h58: tenho 77 anos de idade. Estou numa fila grande para o recenseamento eleitoral. Quero saber se está prevista prioridade para as pessoas idosas?

05/26/2013 16:43 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA: No primeiro e segundo dias de recenseamento eleitoral na cidade de Nampula as máquinas não estão a funcionar em vários postos. Parece-me ser um plano do partido no poder e do STAE, mas nós iremos até ao fim... estamos cansados deste governo!

05/26/2013 16:46 | by @Verdade



Recenseamento eleitoral na EPC Maxaquene "C", no município de Maputo, decorre muito lentamente. Alguém na fila diz "estou aqui desde 12h e já são quase 15:30h. Ainda não consegui recensear. Lá dentro dizem que há problemas técnicos"

05/26/2013 16:49 | by @Verdade



Ainda na EPC Maxaquene "C", em Maputo, este jovem afirma estar a desistir da fila para o recenseamento "não recenseio mais porque só tenho tempo aos Domingos mas a fila está parada há mais de 5h... Aaaaari!"

05/26/2013 16:53 | by @Verdade

CIDADÃO Sueque REPORTA 16h38: fui recensear-me hoje foi fácil. Não havia muita gente no posto de recenseamento da escola 3º Congresso do município de Inhambane

05/26/2013 16:56 | by @Verdade



Recenseamento eleitoral paralisado na escola primária de Malhasine, no Município de Maputo, devido a falta de tinteiros para imprimir os cartões dos eleitores.

05/26/2013 17:01 | by @Verdade

CIDADÃO Delfino REPORTA 12h59: o processo de recenseamento eleitoral em Nampula está a decorrer com grandes dificuldades, por parte dos brigadistas que até parecem não terem formação, e as máquinas usadas parecem não ter qualidade.

05/26/2013 17:08 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA 15h23: o recenseamento parou nos postos de recenseamento do Município de Inhambane (EPC 1º de Maio, EPC 3º Congresso e EPC 25 de Setembro) devido a falta de tinteiros para as impressoras onde são impressos os cartões de eleitores.

05/26/2013 17:13 | by @Verdade

Desde às 13h30 o posto de recenseamento na EPC de Marrere, no Município de Nampula, não está a trabalhar. O equipamento informático está avariado, segundo os brigadistas.

05/26/2013 17:20 | by @Verdade

Cidadãos com Bilhete de Identidade não biométrico e/ou cédula pessoal não estão a ser recenseados no Posto da EP1 de Mutita, no município de Nampula. Segundo os brigadistas o software não reconhece estes documentos previstos pela Lei para o registo de eleitores.

05/26/2013 18:08 | by @Verdade



15h45 Cansados de esperar pelos tinteiros vários cidadãos desistem de recensear-se e abandonam o posto da EPC Maxaquene "C", no município de Maputo

05/26/2013 17:41 | by @Verdade

Após o atraso da chegada dos kits com todos materiais, só chegaram ao STAE em Nacala cerca das 20h de ontem, o recenseamento eleitoral começou às 8h de hoje em alguns postos de Nacala Porto. Ao longo do dia o recenseamento teve início em outros postos do município.

05/26/2013 18:17 | by @Verdade



Recenseamento eleitoral paralisado na escola primária de Khongolote, no Município de Maputo, devido a falta de tinteiros para imprimir os cartões dos eleitores.

05/26/2013 18:00 | by @Verdade

O equipamento informático existente no posto da Escola Comunitária Malimusse, no Município de Ma-

puto, não está a funcionar desde ontem. Os brigadistas afirmam que o STAE provincial está informado desde ontem mas até hoje nenhum técnico apareceu nem o equipamento foi substituído. Este posto de recenseamento localiza-se na rua dos Sem Medo, ao lado da delegação do partido Renamo na cidade de Nampula.

05/26/2013 18:12 | by @Verdade

No posto de recenseamento da Cavalaria, no município de Nampula, desde as 12h que o recenseamento parou devido a problemas em imprimir cartões de eleitores.

05/27/2013 11:36 | by @Verdade

8h15 Falta de tinteiros continua a paralisar o recenseamento no posto da Cavalaria no bairro de Carrupeia no município de Nampula

05/27/2013 12:01 | by @Verdade



Neste posto o recenseamento continua a acontecer com muita lentidão o que está a deixar aborrecidos os 20 cidadãos presentes. Foram distribuídas senhas para entrar por ordem no

processo de quem chega e sai para outros afazeres e depois regressa. Cada eleitor está a aguardar mais de 30 minutos para ser recenseado.

05/27/2013 12:11 | by @Verdade

Ainda no Município de Nampula no esta a ser possível recensear no posto existente na EPC de Nampine pois não chega corrente eléctrica até ao local onde foi instalada a brigada do STAE

05/27/2013 12:17 | by @Verdade

8h30 ainda não era possível recensear no posto existente na ES de Teacane, no Município de Nampula, devido a falta de tinteiros para impressão dos cartões de eleitores. Há muita afluência de cidadãos para se recensearem!

05/27/2013 12:31 | by @Verdade

Recenseamento eleitoral a decorrer sem sobresaltos no posto da EPC de Mpuecha no Município de Nampula, onde muitos cidadãos estão a tratar os seus cartões de eleitores.

05/27/2013 12:52 | by @Verdade

Não está a ser possível recensear no posto existente na escola APEA no município de Nampula desde as 11h de Domingo (26). Alguns cidadãos que estiveram ontem deixaram os dados de identificação com a esperança de hoje passarem a recolher os cartões. Não foi possível imprimir os cartões pois os tinteiros existentes para substituição não são da mesma referência da impressora.

05/27/2013 13:48 | by @Verdade

Segundo o Diário da Zambézia no município da Zambézia os postos de recenseamento que estão a funcionar não abriram a hora marcada.

05/27/2013 13:50 | by @Verdade

Segundo o Diário da Zambézia mais de 200 pessoas que recensearam este domingo na ES do Guruê não obtiveram os cartões de eleitor, sob alegação da falta de tinta nas impressoras. Os cidadãos foram aconselhados a regressarem na terça-feira. Situação similar aconteceu no posto de Moneia, na mesma autarquia.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

05/27/2013 14:11 | by @Verdade
Segundo o Diário da Zambézia



O STAE encerrou deliberadamente o Posto de Recenseamento de Coalane, no município de Quelimane. Quer dizer, os residentes do Coalane não podem recensear-se. O que se passa?

05/27/2013 14:34 | by @Verdade

O equipamento informático de recenseamento na escola de pesca, no município da Matola, não está a funcionar desde manhã. Muitos cidadãos não puderam tratar o cartão de eleitor.

05/27/2013 14:37 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:
Eu quero recensear-me nas os brigadista do STAE não estão no posto existente na EPC 30 de Junho, no município da Mocimboa da Praia.

05/27/2013 14:40 | by @Verdade

CIDADÃO Tsinine REPORTA:
no posto de recenseamento da Escola Eduardo Mondlane, no Infulene, município da Matola, o equipamento informático está avariado desde ontem.

05/27/2013 14:47 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:
no município de Nacala está muito difícil para recensear, uma pessoa demora cerca de uma hora de tempo para obter o cartão de eleitor.

05/27/2013 15:45 | by CIP-AWEPA Redação

Há informações de vários eleitores indicando que as brigadas de recenseamento estão a exigir declarações de residência emitidas pelo Secretário do Bairro para poderem se recensear. Contactamos o porta-voz do STAE, Lucas José, que afirmou não ser permitida tal exigência, por não estar prevista na lei.

05/27/2013 17:34 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:
estive no posto de recenseamento na Matola Gare, hoje de manhã, e vi os brigadistas muito mal preparados em operar o computador e a impressora, eu até ajudei a mudar o tinteiro mas mesmo assim não foi possível imprimir o meu cartão de eleitor, sugeriram que voltasse amanhã. Quando saí havia uma fila longa de cidadãos impacientes.

05/27/2013 18:25 | by @Verdade Redação

Um brigadista da Escola Secundária da Polana, em Maputo, afirmou que esta Segunda-feira o fluxo de cidadãos para se recensearem foi fraco em relação aos primeiros dois dias.

05/27/2013 18:27 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:
No município da Namaacha, os postos de recenseamento eleitoral NA EPC Mugado e Mª Auxiliadora só funcionaram algumas horas no primeiro dia do recenseamento (25 de Maio), de lá até cá está tudo paralisado porque não há tinta para imprimir os cartões. Quando as coisas são feitas em cima do joelho o resultado é este. Que processo estamos a preparar?

05/27/2013 18:31 | by @Verdade

No posto de recenseamento da Escola Secundária Josina Machel, no município de Maputo, registou-se uma afluência razoável de cidadãos que garantiram que "o atendimento foi rápido."

05/27/2013 18:36 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:
no município de Alto Molocué vários postos de recenseamento não funcionaram.

05/27/2013 18:43 | by @Verdade

O posto de recenseamento na EPC de Mutauana, no município de Nampula, parou de registar eleitores cerca das 11 horas devido a avaria no equipamento informático.

05/27/2013 18:46 | by @Verdade

Também em Nampula, no posto da EPC da Cerâmica, o recenseamento parou devido a dificuldades em operar o equipamento informático

05/27/2013 18:53 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:
fui recensear-me no posto do bairro do Aeroporto na escola unidade 18, no município de Maputo, mas não consegui porque o equipamento informático estava com problemas. Outros cidadãos também estavam para recensear mas acabamos todos por desistir.

05/27/2013 14:54 | by @Verdade



Director do STAE haver dito que aconteceu formação e capacitação durante dez dias que antecederam ao início do processo.

05/27/2013 19:49 | by @Verdade O posto de recenseamento na escola 3 de Fevereiro, no município de Nampula, parou de emitir cartões de eleitores esta tarde devido a avaria do equipamento informático.

05/27/2013 19:54 | by @Verdade

Durante a tarde os postos de recenseamento eleitoral nas EPC Parque Popular, Escola 3 de Fevereiro e pavilhão de Desportos, no município de Nampula, pararam o recenseamento devido a falta de tinteiros certos para imprimir os cartões dos eleitores.

05/28/2013 09:00 | by @Verdade Redacção



No posto de Recenseamento Eleitoral de Daimane, Distrito Municipal de KaMubukwana, só no princípio da tarde desta Segunda-feira (27) começou o processo. O atraso deveu-se à chegada tardia do kit de recenseamento. Só uma pessoa foi recenseada devido a problemas técnicos da máquina.

05/28/2013 10:17 | by @Verdade Redacção

As máquinas de recenseamento eleitoral dos postos das escolas primária Infulene Benfica, Bagamoyo e do posto de Daimane, todos no Distrito Municipal de KaMubukwana, estão inoperacionais devido ao uso de tinteiros inadequados, com a referência 122, para as impressoras. Neste momento os brigadistas estão de braços cruzados e não sabem a quando é que o problema vai ser resolvido. As máquinas fotográficas que acompanham o kit têm também problemas.

05/28/2013 10:49 | by @Verdade



No posto de recenseamento da Escola Secundária de Vilanculos muitos munícipes não conseguem recensear. Os brigadistas, quando se trata de estudantes alegam que terão um dia específico para o efeito. Sem, contudo, informar quando e porquê.

Vimos pelo menos 7 indivíduos não conseguiram ter o cartão

de eleitor. A explicação da brigadista na imagem é simples: "no vosso bairro tem um posto".

Portanto, em Vilanculos não é o documento de identificação que se exige aos que pretendem recensear. Antes de qualquer coisa importa saber se trata de um estudante ou um cidadão residente num bairro onde haja um posto.

Nem mesmo quando o cidadão afirma que vive no bairro X, mas sempre votou no posto onde lhe é negado um direito constitucionalmente consagrado. Os brigadistas estão a cumprir a sua missão.

05/28/2013 12:50 by @Verdade

O posto localizado na EPC de Mutauanha, no município de Nampula, não está a recensear cidadãos devido a uma avaria no equipamento informático desde as 10h de Segunda-feira (27). STAE informado do problema ainda não resolveu.

05/28/2013 15:42 by @Verdade

O nosso jornalista Sérgio Fernando acaba de ser detido por estar a visitar e fotografar um posto de recenseamento no Município de Nampula. Neste momento está a ser levado para a 3ª esquadra.

05/28/2013 18:27 by @Verdade

O nosso jornalista acaba de ser solto. Ele não trazia o cartão de trabalho por isso o polícia decidiu dete-lo. Entretanto o nosso colega foi agredido pelo polícia que alega que o jornalista resistiu a detenção.

05/28/2013 18:34 by @Verdade



Eleitores aguardaram várias horas a reparação do equipamento informático para poderem recensear no Posto de Recenseamento Eleitoral da Escola 3 de Fevereiro de Nampula

05/28/2013 19:49 by @Verdade

Na sequência das situações de brigadistas que exigem Atestado de Residência aos cidadãos que pretendem recensear-se e ainda para a situação que testemunhamos em Vilanculos, onde uma brigada recusou recensear estudantes indicando que todos estudantes iriam recensear-se no mesmo dia o STAE, através do seu porta-voz, Lucas José, afirma que são ilegalidades que os brigadistas estão a cometer.

Para o brigadista apenas são necessários os seguintes dados: Nome e Número do documento.

Em caso de mudança de residência, se está em Nampula e tratou o BI em Maputo, não há nenhum problema porque as pessoas são livres de se movimentar em todo o país, ou seja, a mudar de residência.

05/29/2013 09:10 by @Verdade

Bom dia o recenseamento eleitoral prossegue, apesar dos problemas técnicos e de logística, no seu quinto dia oficial.

Um dos postos que está a funcionar sem problemas é o que está localizado na EPC de Napipine, no município de Nampula, onde cerca de uma dezena de cidadãos estavam presentes às 8 horas para obterem o seu cartão de eleitor.

05/29/2013 09:13 by @Verdade

No posto da Cavalaria, em Nampula, o recenseamento continua paralisado pelo segundo dia consecutivo devido a problemas com tinteiros

ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.


para imprimir os cartões de eleitores. Segundo o STAE local esforços estão a ser feitos para resolver o problema durante os próximos dias.

05/29/2013 09:18 by @Verdade

Segundo o jornal Correio da Manhã

o chefe nacional de Mobilização da Renamo, Armindo Milaco, tem estado a apelar aos brigadistas que trabalham no recenseamento eleitoral em Nampula para abandonarem os respectivos postos e aos agentes da Polícia para que não protejam esses locais. O argumento daquele dirigente da Renamo é de que "actualmente não existem condições políticas para a realização de eleições justas em Moçambique". "Queremos apelar aos brigadistas para que abandonem os postos de recenseamento porque não nos responsabilizamos pelo que lhes acontecer" afirmou Milaco, durante uma conferência de capacitação de centenas de quadros e simpatizantes do seu partido, a nível da província de Nampula.

05/29/2013 10:46 by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ) #Autarquias2013 @FernandoSrgio: Brigadistas do posto de recenseamento escola APEA Nampula estão parados faltam tinteiros <http://t.co/zKw9VMDI>

05/29/2013 11:06 by @Verdade

O posto na Escola Secundaria Eduardo Mondlane, no bairro Ferroviário, no município de Maputo até as 9h não tinha aberto as portas para o recenseamento.

05/29/2013 10:46 by @Verdade

 **Verdade Democracia** (@DemocraciaMZ) #Autarquias2013 @FernandoSrgio: No posto de recenseamento da escola sec de Nampaco #Nampula também faltam tinteiros <http://t.co/tGm7fIQpww>

05/29/2013 10:49 by @Verdade



No posto da EP de Namicopo-sede, no município de Nampula, os trabalhos de recenseamento estão parados. O computador está avariado e até as 9 horas aguardava-se a chegada do técnico para solucionar o problema.

05/29/2013 11:06 by @Verdade

O Posto de recenseamento na Escola secundaria Noroeste 1, no município de Maputo, está paralisado.

Os brigadista recusam-se a apontar as razões da paralisação e afirmam terem recebido ordens do director distrital do STAE "para não falar" com a imprensa.

05/29/2013 12:07 by @Verdade

CIDADÃO Bonifacio REPORTA:

muitas pessoas a tentarem recensear-se no posto da Textafrica, no bairro de Muatala, no município de Nampula. Faltam tinteiros para impressora e muitos estão a desistir.

05/29/2013 12:11 by @Verdade

Os brigadistas do posto de recenseamento na escola de Namutequeliua, em Nampula, estão a tirar uma "soneca" pois continuam a não ter tinteiros para a impressão dos cartões dos eleitores.

05/29/2013 12:08 by @Verdade



Verdade Democracia (@DemocraciaMZ) #Autarquias2013 @NelsonCarvalho: posto de Recenseamento em Malimusse município #Nampula maquinas continuam avariadas a espera de tecnicos

05/29/2013 12:02 by @Verdade

No Posto de recenseamento da EP da Maxaquene, município de Maputo, a situação voltou a normalidade, depois da paragem que se registou desde Domingo originada pela falta de tinteiro.

Cidadãos que tentaram recensear-se ontem e ante de ontem haviam recebido senhas e quando regressam tem prioridade para tratar o cartão de eleitor.

05/29/2013 13:09 by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:

Pedi dispensa para ir recensear-me chego no posto de no bairro de T3, município da Matola, e não há material, é justo!

05/29/2013 13:21 by @Verdade

O posto de recenseamento na escola de Namutequeliua, no município de Nampula, não está a funcionar por falta de tinteiros para impressão de cartões de eleitores.

05/29/2013 13:26 by @Verdade

O posto de recenseamento no pavilhão de Desportos, em Nampula, não está a funcionar pois os tinteiros existentes não são os adequados para substituir os que vinham na impressora.

05/29/2013 13:31 by @Verdade



No posto da EPC de Namicopo-sede, no município de Nampula, hoje não se recenseia. O computador não está a funcionar e também não há tinteiros para imprimir cartões de eleitores.

05/29/2013 13:33 by @Verdade



Verdade Democracia (@DemocraciaMZ) #Autarquias2013 @NelsonCarvalho: posto de Recenseamento em Malimusse município #Nampula maquinas continuam avariadas a espera de tecnicos

05/29/2013 15:33 by @Verdade

Eleitores reclamam morosidade do processo de recenseamento, no posto que se encontra na EPC da Kurhula. "Os brigadistas ainda não dominam as máquinas," disse Alberto Chitembo, eleitor.

Neste posto constatamos a presença de pouco mais de 20 eleitores que na fila aguardavam a vez de se recensearem.

05/29/2013 15:46 by @Verdade

No município de Nampula, o computador que está no posto da EPC da Cerâmica já está operacional. O recenseamento está a ser feito, contudo com muita lentidão.

05/29/2013 15:56 by @Verdade



Verdade Democracia (@DemocraciaMZ) #Autarquias2013 @NelsonCarvalho: no Posto de Recenseamento da EPC do Parque Município de #Nampula, actividade parou por falta de tinteiro

05/29/2013 16:40 by @Verdade

CIDADÃO Benjamin REPORTA:

o posto de recenseamento na ES de Pemba, município de Pemba, não está a funcionar devido a falta de tinteiros para impressão dos cartões.

05/29/2013 16:58 by @Verdade

CIDADÃO REPORTA:

falta de material parou o recenseamento nos Posto que estão nas EP1 de Machilone e Nacololo, no município de Alto Molocué.

05/29/2013 17:48 by @Verdade



Posto de recenseamento eleitoral na escola de Namutequeliua, município de Nampula, onde os brigadistas fecharam as portas devido a falta de tinteiros.

05/29/2013 17:51 by @Verdade



Posto de recenseamento eleitoral no pavilhão dos Desportos em Nampula que está há sensivelmente três dias sem recensear um nenhum eleitor devido a avaria no computador e ainda a falta de tinteiros para impressão dos cartões.

05/29/2013 18:02 by @Verdade

O Movimento Democrático de Moçambique (MDM) avalia de forma negativa o processo de recenseamento eleitoral que já vai no seu quinto dia. A posição deste partido assenta-se no facto de, logo no início deste processo, terem-se registado "avarias constantes e sistemáticas" das máquinas que estão a ser usadas.

05/29/2013 18:04 by @Verdade

Para Lutero Simango os problemas de máquinas, a falta de tintas adequada para imprimir os cartões e outras situações que estão a caracterizar o processo, são indícios de que alguém está interessado em sabotar o recenseamento. "Pensamos que há uma estratégia de desmotivas as pessoas de recensear" referiu

05/29/2013 18:44 by @Verdade

Ainda no âmbito da fiscalização do recenseamento, Simango diz que os membros do seu partido nos locais onde decorre o recenseamento são impedidos de ter acesso aos dados de registo diário dos eleitores. Uma ordem que, segundo disse, foi dada aos supervisores pelos directores distritais do STAE.

05/29/2013 18:44 by @Verdade

"Existem postos de recenseamento onde mais de 69 por cento dos eleitores inscritos num dia usaram testemunhas, pelo que pensamos que podem ser eleitores não elegíveis para recensear naquele posto" disse Lutero Simango.

05/29/2013 18:45 by @Verdade

Simango diz que a publicidade exibida nos meios de Comunicação Social peca porque "não esclarece ao eleitorado que este recenseamento é de raiz e que todos cidadãos com idade eleitoral devem ir votar, mesmo os que já tinham cartões antes do dia 25 de Maio." Sendo por isso que "o MDM pensa que muita gente não está esclarecida sobre o assunto."

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.

ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Editorial

averdademz@gmail.com

Delírios

“Nós o Governo e nós os moçambicanos temos confiança em vós (polícias)... Quando ouvirem gritos, alaridos, muitas vezes tentando desacreditar ou desmoralizar a Polícia, continuem a respeitar a confiança depositada em vós. Confiamos em vós”, palavras de Armando Emilio Guebuza na celebração dos 38 anos da Polícia da República de Moçambique.

Se é verdade que não se pode afirmar, de forma generalizada e irresponsável, que a Polícia serve os interesses do partido no poder e das suas lideranças não seria injusto, de todo, afirmar que o silêncio – de quem manda no país – sempre que a mesma Polícia abraça, de forma reiterada, o excesso de zelo é suspeito, é nefasto ao exercício das nossas liberdades constitucionais. Quando a acção destes agentes é louvada e a crítica pública em relação ao seu desempenho é reduzida literalmente à dimensão de sabotagem à tranquilidade e ordem pública, não é preciso dizer mais nada. Temos uma Polícia, como ficou explícito na detenção de Jorge Arroz, que o cidadão deplora, mas que o Chefe de Estado ama profundamente.

Indubitavelmente, o nosso “idolatrado” Chefe de Estado perdeu uma nobre oportunidade de ficar calado. Já disse o escritor brasileiro, Augusto Cury, “o silêncio é a oração dos sábios”, mas Guebuza provou que de sábio não tem nada. O PR, como sempre, saiu-se muito, muito mal. É sempre assim quando depara com os críticos à sua (des)governança.

Ao proferir tal pronunciamento no dia da Polícia, o filho “mais querido da nação” mostrou, à saciedade, a insensibilidade por que ainda se rege, a mesma que tem vindo a apresentar aos moçambicanos há sensivelmente 10 anos. Parece que o senhor Guebuza, à medida que se aproxima o fim do seu mandato, vai perdendo discernimento, tornando-se incapaz de perceber que ele é o grande problema desta nação. Diga-se de passagem, não há registo no país de tanto descontentamento, quer por parte dos médicos, desmobilizados de guerra, quer do povo em geral. O desgoverno de Guebuza é tão nítido, mas tão nítido que até quem não dispõe de um sistema HD vê.

Como é que a Polícia vai deixar, sem generalizações, de atropelar literalmente os direitos de cidadãos? Se o PR aplaude pornograficamente comportamentos desviantes dos agentes da lei e desordem isto não vai mudar. Eles estão no caminho certo. Nós, as vítimas, é que não compreendemos que o Chefe de Estado não respeita os nossos direitos. O que diriam os agentes da G4S se ouvissem as palavras de Guebuza depois do que lhes aconteceu num passado recente nas mãos da FIR? O que diriam todos os cidadãos honestos que são vítimas todo o santo dia destes trabalhadores abnegados que o PR delirantemente tanto ama? Acreditamos que nenhuma pessoa sensata gostaria de estar na pele de Guebuza para ouvir.

Na verdade, o PR está a perder as estribeiras. Não é de bom grado um Chefe de Estado deixar-se levar pelas emoções. Aplaudindo o péssimo comportamento da nossa Polícia, ele mostrou a todos a imagem de um homem aflitivamente triste e desesperado com a situação desgredida a que nos leva.



Boqueirão da Verdade

“É que começo a gostar da ideia de a Renamo ter “ad infinitum” Forças Armadas. É a única entidade que consegue pôr em linha estes gajos. Chamem isso fora da lei, ilegal, injusto, antidemocrático etc... mas é funcional ao sistema político vigente. Dhlakama é dos poucos indivíduos neste país que têm o que quer, quando quiser, como quiser”, **Egídio Vaz**

“Nunca vi um jornalista moçambicano vestir colete à prova de bala durante a cobertura de uma manifestação ou repressão da FIR ou da PRM contra cidadãos ou quejando. Será que a FIR ou a PRM é maluca quando arma a sua força com este tipo de coletes? Que ideia de segurança laboral têm as empresas jornalísticas moçambicanas?”, **Idem**

“Com a detenção do Dr. Arroz, o Governo não só eleva a causa dos médicos tal como mostra que nunca esteve interessado em dialogar com esta classe. A ideia de prisão deve ter vindo da genial cabeça dos bêbados, arruaceiros e irresponsáveis que perfilam no Governo com alcunha de assessores!”, **Matias de Jesus Júnior**

“Dizem que o Primeiro-Ministro, aquele que inaugura geleiras e barracas no Zimpeto e visita jornais para conhecer quem anda a escrever e como escreve, não foi a uma agenda verdadeiramente digna de um PM. A conferência dos Recursos Minerais, onde ficou evidente que estamos a ser roubados por Ali Baba e os seus 38 ladrões! Bem, assim não tarda a ganhar a alcunha de Primeiro-Ministro de Agendas banais e banais!”, **Idem**

“Flagrante delito mediante apresentação de um mandado de busca e captura! É uma nova figura jurídica criada pelos incompetentes juristas da Frelimo afectos ao Governo! Tenho o Galvão Telles e o Oliveira Ascensão lá em casa. Não me recorde de ter visto esta tipologia nas suas páginas. Juristas de má qualidade!”, **Ibidem**

“A detenção do DR Arroz é simplesmente VERGONHOSA. O Governo está totalmente desnorteado e não podemos continuar a ser cúmplices deste ataque ao Estado de Direito! (...) A cidadania manifestou-se na Sexta Esquadra. Para além do pessoal de Saúde, foram muitas as pessoas que ali se deslocaram para prestar a sua solidariedade ao Dr. Jorge Arroz. Na verdade, aquele acto histórico será estudado nos manuais de história na Nova Ordem que seguramente está a caminho. As forças de repressão seguramente que ficaram cheias de medo com a Multidão. Afinal não é só em Satungira onde há baixas!”, **José Belmiro**

“Prós e Contras: 1. Deveria ou não o actual presidente do CNE Sheik (muçulmano) Abdul Carimo mudar o seu traje/roupa religiosa quando representa o Estado (Laico) moçambicano? 2. Até que ponto pode um cidadão em representação de todos os outros manter a sua tradição discriminante? E se

fosse um “mazione”? Um curandeiro?! Quais os Prós e Contras?”, **Ivan Amade**

“Moçambique assinou um pacto com a mudança. As coisas nunca mais serão como antes. Um regime quando está próximo do fim entra em desespero e demonstra-o através das suas acções. Ao libertar Jorge Arroz, presidente da Associação dos Médicos, estaremos também a libertar o povo moçambicano”, **Quitéria Guirengane**

“Porque a PGR reagiu assim tão rápido? Porque alguém deu ordens para que assim fosse? Porque agiu segundo a lei, uma vez que a detenção é ilegal? Se é ilegal, quem vai pagar pelas horas que o jovem Arroz esteve “guardado” numa cela? O que vai acontecer com a pessoa que assinou o mandato de captura contra o Jorge Arroz? Se as pessoas não tivessem ido ‘estacionar’ em frente à esquadra, o que teria acontecido ao Arroz? Eu prefiro felicitar os médicos, activistas, jornalistas... que não arredaram o pé – mesmo sob ameaça – até que ‘justiça’ fosse feita, **Zenaida Machado**

“Mais do que nunca, hoje o povo sabe muito bem quem se transformou no INIMIGO DO POVO. Os moçambicanos estão mais instruídos, informados e conscientes do que nunca. Chega de dar “vitórias retumbantes” nas eleições a quem deixa morrer nos hospitais os nossos familiares só porque pretende beneficiar, sozinho, do usufruto das nossas riquezas, a quem manda os nossos irmãos da polícia maltratar, espancar, prender ou balar os seus outros irmãos, a quem nos proporciona um serviço péssimo de educação, a quem governa o país favorecendo exclusivamente aos seus interesses pessoais ou familiares, chega de insultos, arrogância e desprezo ao povo. Chega de aturar tudo isso de forma conformada e passiva, reclamando apenas nos corredores, “chapas” ou no Facebook”, **Edgar Barroso**

“A nossa polícia está desnorteada. Não bastou enxotar pessoas. Perdeu a noção das coisas. Vão-me disparar “para o ar” no meio de uma multidão por causa de um tipo que raspou um dos seus carros e fugiu!? Tem sede e comichão por tiros e sangue”, **Naja Karina**

“Queria que a lua cheia fosse para bem longe de Moçambique. Infelizmente, tenho compatriotas que não devem ter tomado o remédio da panelinha de barro, e, para agravar a situação, estão na polícia. É que de repente parecem ter ficado dementes. Não será o efeito da lua cheia?”, **Bayano Vally**

“A detenção de Jorge Arroz por agentes da PIC e o processo elaborado nos muros do Ministério do Interior, certamente a mando de algum apparatchick qualquer, vem recordar-nos PORQUE aquela polícia deve estar sob alçada do Ministério Público...”, **Livre Pensador**

OBITUÁRIO:

Salomão Manhiça
2013



Faleceu na quarta-feira da semana passada, vítima de doença, o autor do Hino Nacional, “Pátria Amada”, Salomão Manhiça. Ele era etnomusicólogo, professor e perito em tecnologias de comunicação e informação.

Salomão Manhiça andava doente há algum tempo. Em vida, ele era um homem dedicado às artes, tendo sido secretário-geral do Ministério da Cultura e Juventude (1982-1989), Director Nacional de Acção Cultural na Secretaria de Estado da Cultura, mais tarde Ministério da Cultura (1978-1982), Director Nacional de Cultura no Ministério da Educação e Cultura, e Vice-Ministro da Cultura, Juventude e Desportos (1994-1997).

No ramo do conhecimento, manifestou grande interesse pelas tecnologias, o que igualmente o fez ascender a cargos do topo, tendo sido em 2003-2009 presidente do Conselho de Administração (PCA) do Instituto Nacional das Comunicações de Moçambique (INCM), Secretário Executivo/Director, da Unidade Técnica de Implementação da Política de Informática (UTICT); (1998-2000) - Gestor Sénior Responsável pelas Tecnologias de Informação e Comunicação e Relações Públicas, do PNUD Moçambique; (1997-1998) - Leitor e Consultor, do Centro de Informática da Universidade Eduardo Mondlane (CIUEM).

Manhiça foi promotor e dinamizador do desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), tendo contribuído para o desenvolvimento da Política de Informática, da Estratégia de Implementação da Política de Informática, da Estratégia de Governo Electrónico, da Estratégia de Ciência, Tecnologia e Inovação de Moçambique (ECTIM), entre outros. Integrou e dirigiu o Secretariado Executivo da Comissão para a Política de Informática e a Unidade Técnica das Tecnologias de Informação e Comunicação (UTICT), junto do Gabinete de Sua Excelência o Primeiro-Ministro (de 1998 a 2010).

Fez parte de várias organizações como membro e em outras como conselheiro, com destaque para as Nações Unidas, Commonwealth, entre outras.

Segundo a filha, a cantora Tânia Manhiça, Salomão Manhiça foi vítima de um cancro que o apoquentava há algum tempo. Na semana antepassada, a Assembleia da República reconheceu o musicólogo como o criador do Hino Nacional que vigora desde Abril de 2002, quando substituiu o que foi cantado pela primeira vez, oficialmente, no dia da independência nacional, 25 de Junho de 1975.

O finado deixa viúva e três filhos.



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Francelina Xiconhoca Romão

Francelina Romão, a voluntariosa porta-voz do Ministério da Saúde (MISAU) perdeu uma excelente oportunidade de engravidar o silêncio. Poucos Xiconhocas tiveram tamanha ousadia. Para que todos compreendam é bom repetir o que educada senhora disse: “você é que vieram pedir emprego”. Assim mesmo, como quem fala num colman de venda de venda de gelinhos a Xiconhoca referiu-se aos profissionais da Saúde. Muito inteligente a senhora. Nunca deve ter entrado numa unidade sanitária pública para tratar seja o que for. Por isso não nos devemos espantar com esse tipo de comportamento de quem julga que no país dos atropelos não existam cidadãos que conheçam os seus direitos.

2. Sérgio das Chantagens Sangarote

Há um docente que faz furor em Vilanculos. Anda na boca da juventude da vila, mas isso não acontece pela sua competência enquanto docente ou pelo seu rosto. O homem é um verdadeiro encosto para os estudantes da Escola Superior de Desenvolvimento Rural. Aos fins-de-semana o homem anda aos berros com a aparelhagem sonora do veículo no qual se faz transportar com outros docentes igualmente Xiconhocas. A sua mesquinhez vai mais longe e as raparigas que o digam. Muitas, dizem um pouco por toda a vila, tiveram de se deitar nos seus imundos lençóis para conseguirem ter bons resultados na cadeira que ele lecciona. Um homem realmente pequeno, esse Sérgio Sangarote.

3. Polícia de Investigação Criminal

A notícia correu célere e espalhou-se via WhatsApp: uns Xiconhocas levaram detido o presidente da Associação Médica de Moçambique, Jorge Arroz. Os Xiconhocas acusaram um homem que representa a luta pelos direitos de uma classe de crime de sedição. Há quem diga que o problema do país é que existem pessoas que julgam que certas acções vergonhosas significam prestar um serviço ao partido no poder. Até pode ser, mas um Xiconhoca só age desse modo com o consentimento e cumplicidade de outro Xiconhoca maior. E esse está na cadeira mais alta do partido que não gosta dos profissionais da Saúde.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

1. STAE: Problemas no início do recenseamento

A juntar aos problemas técnicos com os equipamentos de informática surgiram situações de membros das brigadas que não estão a cumprir a Lei Eleitoral e têm estado a exigir o Atestado de Residência aos cidadãos que pretendem recensear-se. Isso é ilegal. O que circula pela opinião pública esclarecida, regra geral, circunscreve-se aos problemas técnicos. Mas a Xiconhoquice vai mais longe.

Um pouco por todo o país é praticamente impossível recensear. Os membros das brigadas dizem, sem pejo, que têm instruções para proceder de tal maneira. A ideia é impedir os jovens de recensear. Na lógica de permanecer no poder, a sua postura faz todo o sentido. A Frelimo tem medo da juventude. Nas eleições intercalares de Inhambane o STAE usou todos os meios e mais alguns para excluir do processo todos os estudantes universitários. No meio desta Xiconhoquice o que deve ressaltar e deixar o cidadão contente, apesar da dificuldade em recensear, é que o poder está do nosso lado. A Frelimo não teme nem

a Renamo e nem o MDM, tem temor dos jovens cada vez mais esclarecidos e conscientes dos seus direitos. Esse impedimento tem esse lado positivo.

2. Instituto de Cartografia da Machava e impuro

Os estudantes internos do Instituto de Formação em Administração e Cartografia (INFATEC), sito no bairro da Machava, na cidade da Matola, vivem em precárias condições de alojamento, em consequência da degradação daquele estabelecimento de ensino, que há anos não beneficia de obras de restauro. Os instruendos queixam-se das dificuldades de acomodação, da falta de água e luz, há mais de três meses, da alimentação inadequada e da precariedade da higiene, facto que faz com que se defeque a céu aberto. Contudo, a direcção da instituição tem estado a agravar as propinas sem nenhuma comunicação prévia, e os alunos afirmam que não estão a ver nenhum ganho dessa medida.

Os educandos do INFATEC, oriundos de várias províncias do território moçambicano, asseguraram ao @Ver-

dade que estão deveras insatisfeitos com as condições desumanas a que são submetidos enquanto mensalmente desembolsam quantias elevadas para terem um acolhimento digno de seres humanos.

Segundo os nossos interlocutores, que nos falaram sob anonimato, supostamente porque temem represálias, o instituto que frequentam está desguarnecido e nele acontece um pouco de tudo. Para além de que no período nocturno é impossível estudar ou rever as matérias devido à ausência de iluminação, os balneários, os refeitórios e o pátio são uma lástima, facto agudizado pela falta água.

Os estudantes dirigem-se às famílias que vivem nas proximidades da sua escola para ter acesso ao precioso líquido. Os dormitórios são os únicos compartimentos em condições razoáveis, porém, ao invés das casas de banho, os educandos fazem necessidades biológicas num arbusto local quando não é possível recorrer aos vizinhos. É preciso dizer mais para provar que estamos diante de uma Xiconhoquice...

3. População de Vilankulos

Vilankulos acordou em polvorosa na manhã desta segunda-feira, 27 de Maio, quando um corpo foi dado como desaparecido no interior de um supermercado chamado Global Comercial. A população quis invadir o estabelecimento, mas a Polícia não permitiu. No final, o corpo apareceu.

A notícia correu célere como um rastilho de pólvora pela pacata Vila Municipal de Vilankulos. Uma pessoa tinha desaparecido depois de entrar num supermercado local para fazer compras. Uma adolescente desesperada, em prantos, jurava a todo o mundo que o seu pai tinha caído numa cova no interior daquele estabelecimento comercial.

A moça, lavada em lágrimas, jurava a pés juntos que o seu pai estava lá dentro. A Polícia teve de intervir para impedir o pior. O pai apareceu nas instalações do comando local e disse que nunca havia entrado no espaço em questão. Fica, contudo, a suspeição sobre o local. O estabelecimento permanece fechado e não se sabe qual será o futuro da adolescente.

A longa luta dos médicos e outros profissionais da Saúde em Moçambique: da génese ao apocalipse

O exercício da profissão médica é das mais honrosas actividades na vida. A valorização dos quadros profissionais da Saúde é de extrema importância para que se garanta o direito à saúde e à vida, constitucionalmente definido.

Em Moçambique a historia dos médicos, em particular, e de todos os funcionários da Saúde – na busca e conquista de condições condignas de trabalhos – tem trilhado por caminhos tortuosos e penosos. O sonho de construir uma classe médica digna e respeitada, capaz de responder aos desafios da saúde, tem sido das tarefas mais difíceis na actualidade, por parte destes profissionais.

O sentimento de injustiça, incompreensão e discriminação negativa pelo Governo tem-se avolumado não só entre os profissionais da Saúde, com mais destaque para os últimos anos em que culminou numa luta incansável pela conquista dos seus direitos.

Compreender os caminhos e os longos anos desta luta não parece fácil, quando o Governo se esforça no exercício da contra-informação e deturpação da realidade irrefutável. Desafiamos então a compreender-se a longa luta dos médicos, espelhando neste texto a dura realidade dos momentos em que a classe vive. Começemos pelas generalidades.

Generalidades

Moçambique, jovem país, recentemente independente (desde 1975), cedo optou por uma ideologia político - filosófica de esquerda, com o partido único a rever-se no marxismo-leninismo, e na Constituição da Republica Popular de Moçambique.

O estado soberano e independente nacionalizou tudo: a terra, as propriedades imóveis, os serviços de saúde e funerários e, pelos vistos, “nacionalizou também os médicos” na construção do homem novo.

No imediato pós-independência, ainda que com poucos recursos, o médico foi respeitado e esforços fizeram-se para dignificar este profissional, estabeleceram-se rendimentos que naquele contexto eram aceitáveis. O seu rendimento mensal de médico, nessa altura, não era muito diferente dos deputados da Assembleia Popular, de altos oficiais do Estado, e não muito longe dos ministros.

A título de exemplo, com 9 salários era possível comprar uma viatura condigna. Entretanto, volvidos 37 anos, para comprar a mesma viatura o médico precisa de 60 salários, como resultado da sistemática deterioração da condição de vida do médico e um atentado à satisfação das suas necessidades básicas.

Se é verdade que nos primórdios da independência a condição de vida era aceitável, também é bem verdade que, por outro lado, o Governo exigia sacrifícios aos médicos. Ora vejamos: os médicos são a única classe profissional em Moçambique de nível superior que desde a independência foi trabalhar em zonas rurais mesmo em tempo de guerra, vivendo em condições de alojamento deploráveis; são os únicos que foram obrigados a trabalhar necessariamente para o Estado e a sua formação profissional e médica é a mais longa na história do país, variando de seis a sete anos.

Os Momentos

1º Momento: A Génese e Sacrifícios Partilhados

Em 1992 Moçambique, através de uma nova Constituição, optou por uma nova ordem político-social, com a introdução do multipartidarismo e da economia de mercado como forma de construção de um Estado de direito democrático. Assim, paulatinamente, a estrutura económico-social dos países começa a mudar, trazendo à superfície a dura realidade, que anteriormente era mascarada pela economia centralizada.

Os “novos-ricos”, provenientes essencialmente da privatização das empresas estatais, começam a emergir na sociedade e evidenciado as diferenças entre as classes sociais e económicas, num país paupérrimo que na década de noventa foi considerado o país mais pobre do Mundo.

O custo vida em Moçambique catapultou – talvez pela fraca experiência na economia do mercado

e no multipartidarismo – e como consequência o rendimento dos médicos começa vertiginosamente a desajustar-se em relação ao custo de vida.

O valor do seu salário começou a depreciar perante as suas necessidades de vida. Compreendendo as dificuldades económicas do país, e acreditando que se estava num período de transição política, económica e social, os médicos aceitaram o sacrifício a bem da construção da Nação.

2º Momento: as Iniquidades na Função Pública

A mudança de sistema económico – de economia centralizada à economia do mercado – agudizou as diferenças sociais e económicas entre os moçambicanos. Se anteriormente o Governo repartia os sacrifícios e louros por todos, a essa altura começou a escolher as classes favoritas dentre os funcionários públicos.

A nível político começou pela revisão em alta das remunerações dos titulares de altos cargos no aparelho de Estado, entre ministros, oficiais seniores e especialmente os deputados, atribuindo rendimentos especulativos e subsídios intermináveis.

A seguir, para satisfação insaciável do consumismo do erário, optou por criar incentivos aos funcionários do sector financeiro, atribuindo salários mais altos na função pública. A título de exemplo, em 2012, o médico moçambicano em início de carreira auferia um salário base de 15.531MT e líquido de ± 24.000 MT, um servente no Banco de Moçambique recebia entre 20.000 a 30.000 MT, um motorista entre 20.000 a 50.000 MT e um comissário geral tributário/aduaneiro, um salário base de 47.453 MT, muitos deles com emolumentos de 100% e regalias como casa e viatura de serviço, combustível, despesas caseiras e outras.

Simultaneamente o Governo reviu em alta os rendimentos no sector da Justiça, estabelecendo salários e subsídios invejáveis às outras classes profissionais. Por exemplo, um ajudante de escrivão judiciário tem um salário base de 17.584 MT, um secretário judicial um salário base de 31.970 MT, um juiz em topo de carreira um salário base de 37.366 MT. Entretanto, o salário base do médico especialista consultor – entenda-se em topo de carreira – é de 29.000MT.

Começa então a percepção por parte dos médicos de que na função pública há dois pesos e duas medidas e dualidade de critérios na atribuição de rendimentos às classes profissionais. Começa a luta pela salvaguarda dos seus direitos, sendo uma das primeiras classes a criar uma associação que os representava, e elabora e submete o estatuto do médico que nunca foi aprovado pelo Governo. A Associação Médica – e a posteriori também a Ordem dos Médicos – inicia um diálogo com o Governo para o reajuste do salário dos seus membros, processo que dura há mais de 17 anos e que nunca foi respondido satisfatoriamente.

3º Momento: Ventos de Mudanças

A luta dos médicos adquire uma nova dinâmica com a eleição de novos corpos directivos para a Associação Médica de Moçambique, em 2012. Uma equipa jovem, composta por jovens médicos. Imbuídos de motivação e espírito de justiça laboral, equidade na função pública, e da necessidade de resgatar valores e respeito pela classe médica – inspirados nos anseios similares aos daqueles jovens moçambicanos que em 1962, olhando para a injustiça colonial, se juntariam numa frente que iniciou a luta para a independência nacional – os jovens médicos iniciam uma nova fase da luta pelos seus direitos.

Herdando um processo de mais de 17 anos de diálogo sem resposta, os médicos entram na fase real de negociação. Pela primeira vez se ouve falar, na classe toda, do estatuto do médico, e as vozes de descontentamento emergiram do seu silêncio como um todo.

Foi então que o MISAU apresenta uma proposta salarial inicial em que haveria uma subida do salário base do recém-formado para 20.000MT e 38.000MT para o especialista consultor. Feitas as contas, a subida real do salário líquido seria dos ±24000 MT para ±28000mt para o recém-formado e dos ±42000 MT para ±48000MT para o especialista.

Esta proposta é apresentada em reunião geral de médicos hoje histórica pela grande afluência.

Nunca em momento algum da história da AMM uma reunião juntou tantos médicos, e o anfiteatro da Faculdade de Medicina foi pequeno para os perto de 400 médicos, que ocuparam o espaço todo da sala e de fora ficaram vários, além dos que pela Internet acompanharam este encontro. Estima-se que cerca de 1/4 dos médicos moçambicanos na função pública tenha estado presente. Esta assembleia chumbou a proposta do Governo, pois ficou claro ela não dignificava o médico e, seguindo o princípio de se lutar por um salário base digno suplementado por subsídios que podem ser retirados a qualquer momento, delegou-se a direcção da AMM para avançar para a negociação com uma proposta de um mínimo de 40000MT de salário de base, tendo em vista o que se paga a outras classes de profissionais na função pública, pois o médico não é mais nem menos válido que os outro profissionais que auferem esses salários.

Uma vez mais goradas as negociações, tudo mercê da estratégia do silêncio do Governo, lança-se um pré-aviso da greve dos médicos, anunciada pela Associação Médica de Moçambique (AMM) a 7 de Dezembro de 2012, com antecedência de sete dias no aviso, pacote reivindicativo lógico e passível de ser resolvido, e abertura total para o diálogo.

Em resposta ao pré-aviso, seguiram-se de imediato as negociações, a 10 de Dezembro de 2012, a um alto nível: O Primeiro-Ministro abriu uma linha de conversa e negociação, através do MISAU com a missão de revisão salarial e aprovação do estatuto do médico. A 13 de Dezembro de 2012, a AMM desconvocou a greve que estava marcada para o dia 17 do mesmo mês.

Um dos pontos do pacote reivindicativo, a melhoria das condições de habitação, havia sido resolvido, ou pelo menos assim parecia, pois o MISAU emitiu uma circular, anulando a anterior de 2008, da qual retirava as casas aos médicos que já tinham 5 anos de exercício profissional. Dois pontos constituíam diferendos: o estatuto do médico, que era necessário harmonizá-lo com a AMM, e o pacote remuneratório atractivo. Ambas as instituições chegaram a acordo (em 13.12.2012) em relação à componente estatuto, que deveria estar resolvida até 31 de Janeiro de 2013, de forma a submetê-la à Assembleia da República (AR) e posterior aprovação na 1ª sessão da AR de 2013. No tocante à componente pacote remuneratório, ambas as instituições chegaram a acordo (igualmente em 13.12.2012) pelo que este seria resolvido até o dia 5 de Janeiro de 2013.

4º Momento: A Primeira Greve Geral dos Médicos

As comissões criadas para se ocupar do estatuto do médico, trabalharam sem grandes problemas, tendo ultrapassado as diferenças que perigavam o documento. Já as comissões salariais seguiam rumos divergentes. O MISAU tinha uma proposta inicial de salário base (20.000,00 MT), que fora anteriormente rejeitada pelos médicos, optando por uma contraproposta para uma redução do salário base para 18.000MT.


Por intransigência do Governo e tentativas de impor decisões e não negociar, a Associação Médica foi forçada a convocar a primeira greve geral, que foi assumida pela maioria dos médicos moçambicanos, e solidarizada pela maioria dos médicos expatriados que, por obrigações contratuais, não poderiam aderir à greve.

Assistia-se a um desvio de interesses individuais para os colectivos, deixando estes médicos de ser um grupo, mas assumindo claramente e publicamente a categoria de CLASSE. Um contrato intergeracional afirmava-se entre os médicos mais jovens e mais velhos, deitando por água abaixo a teoria de desestruturação e divisionismo da classe médica. Os médicos estagiários também aderiram, aliás, estes estavam a poucas semanas de terminar o estágio profissionalizante, pelo que fazia todo o sentido aderirem pois era uma forma de reivindicação que os beneficiaria cerca de duas semanas depois. Por outro lado, não poderiam (os médicos estagiários) efectuar nenhum atendimento clínico sem a presença de seus tutores – os médicos em

Previsão do Tempo


Sexta-feira 31 de Maio

Zona SUL




Céu pouco nublado localmente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a noroeste fraco a moderado.

Zona CENTRO



Céu pouco nublado a limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.


Zona NORTE



Céu pouco nublado localmente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado.


Sábado 1 de Junho

Zona SUL




Céu pouco nublado localmente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sul a nordeste fraco a moderado.

Zona CENTRO



Céu pouco nublado a limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco.


Zona NORTE



Céu pouco nublado localmente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.


Domingo 2 de Junho

Zona SUL




Céu pouco nublado localmente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sudoeste fraco a moderado.

Zona CENTRO



Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas ao longo da faixa costeira da Zambezia. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado.

Zona NORTE




Céu pouco nublado localmente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sudoeste a sueste fraco a moderado.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o

XICONHOCA



Envie-nos um SMS para 821111 E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

Sociedade

greve! Voltaremos mais tarde a este assunto.

E foi assim, que passados nove dias de paralisação das actividades médicas (com excepção dos serviços mínimos definidos pela AMM), a greve teve o seu termo a 15 de Janeiro de 2013, com a assinatura de um Memorando de Entendimento (MdE) entre o MISAU e a AMM. Em linhas gerais, o MdE estabelecia: ausência de represálias aos médicos e médicos estagiários; necessidade de um salário DIGNO e DIFERENCIADO para o médico baseado no princípio de equidade, com efeitos a partir de Abril de 2013; aprovação do estatuto do Médico na 1ª sessão da AR e manutenção de uma plataforma contínua de diálogo.

5º Momento: Não Cumprimento do Memorando de Entendimento

O período inicial pós-greve foi caracterizado por uma situação pública indesejável. Aos médicos não foram devolvidas as suas casas de habitação; por exemplo: em Nampula, mantiveram-se as condições precárias de habitação. Outro exemplo: em Gaza e Tete foram feitas transferências de médicos de forma apressada e outras canceladas.

A Faculdade de Medicina da Universidade Eduardo Mondlane elabora um despacho punitivo aos médicos estagiários que comprovadamente “faltaram às suas obrigações académicas” e “louva os médicos estagiários que com algum sacrifício e abnegação cumpriram com as suas obrigações”. Repleto de ilegalidades, este despacho nunca foi alvo de análises jurídico-legais, por parte das entidades que anteriormente afirmavam que a greve dos médicos era ilegal. Aliás, a AMM, em representação dos médicos estagiários (que se diga que são membros associados da AMM), prontamente reagiu ao despacho exarado por aquela instituição de ensino superior.

Cartas da AMM dirigidas ao Director da Faculdade de Medicina, a Sua Excelência Primeiro-Ministro, à Comissão de Petições da AR e à Reitoria da Universidade Eduardo Mondlane, resultaram apenas no silêncio por parte destes. Em finais de Fevereiro de 2013, a AMM alertou ao MISAU sobre a violação do MdE.

Interessante é que a AMM enviou uma carta ao Provedor da Justiça, para que possa analisar os factos e pronunciar-se em relação ao caso. Este, em jeito de resposta, solicita uma mediação no Hotel Rovuma, tendo como intervenientes a AMM, a Faculdade de Medicina e os médicos estagiários, tendo prometido entregar a acta do encontro para que fosse assinada, e posteriormente se pronunciar, o que nunca fez.

A 1 de Março de 2013, a AMM, dirige uma carta à AR pedindo a inclusão do estatuto do médico na agenda da sessão, mas o silêncio foi a resposta. Membros do Sindicato Nacional da Função Pública (SINFP) entraram em contacto com a AMM, no sentido de perceber que dados adicionais devem apresentar na concertação social.

O MISAU contacta a AMM para um encontro, que teve lugar a 25 de Abril, em que a AMM fora informada, pela primeira vez, de que o estatuto do médico fora aprovado a 26 de Fevereiro de 2013, na 4ª sessão ordinária do Conselho de Ministros (CM) e que o projecto de lei havia sido enviado para a AR. Tal aprovação em CM era similar ao discutido entre as comissões com “pequenas” alterações. Mais uma vez, este instrumento norteador da vida do médico moçambicano foi alterado à revelia dos interessados.

Foi introduzido no estatuto do médico o artigo 28, que no seu ponto número 1 diz: “Os médicos e médicos dentistas, formados nas universidades públicas estão obrigados a prestar serviço ao Estado por um período equivalente ou superior ao período da sua formação”. Caso este estatuto seja aprovado tal como se apresenta na AR, provavelmente se passe a obrigar os médicos moçambicanos que pagaram por si os seus estudos a trabalharem para o Estado contra a vontade destes, facto que se enquadra na definição de escravidão moderna e coloca o Estado na posição de tirano e escravagista.

Interessante é o facto de estarmos a falar do estatuto do médico e não do estatuto daquele que quer ser médico. Ora, este artigo seria melhor enquadrado (se realmente em algum sítio se enquadra) no regulamento de atribuição de bolsas de estudo das universidades públicas, e não no estatuto do médico! Outro facto interessante: nenhuma outra classe profissional é obrigada a trabalhar no Estado. Por que motivo se quer obrigar o médico a trabalhar para o Estado?

Além do mais, coloca o próprio Estado numa saia justa, quando será obrigado a contratar todos os médicos formados. Por quanto tempo irá conseguir contratar todos os médicos?

Relativamente à componente remuneratória, o Governo decidiu uma revisão salarial fixada em 15%, ou seja, o salário base passou para aproximadamente 17.000 MT, quando o acordado foi um salário digno e diferenciado, entenda-se que Digno, no dicionário da língua portuguesa, significa merecedor, respeitável e Diferenciado significa distinto entre dois ou mais elementos e Equidade, significa justiça e imparcialidade.

6º Momento: A Greve Geral dos Funcionários de Saúde

Três grandes pontos foram acordados entre o MISAU, em representação do Governo de Moçambique, e a AMM, em representação dos médicos: não represália aos médicos e médicos estagiários, salário digno e diferenciado no sector público, discussão do estatuto do médico na 1ª sessão da AR e diálogo permanente traduzido em matrizes de trabalho com prazos de acção. Todos estes pontos não foram cumpridos.

O incumprimento do memorando assinado em Janeiro obrigou

os médicos a entrarem na fase mais difícil da história da justiça laboral em Moçambique: a segunda greve geral dos médicos no espaço de apenas quatro meses. Desta vez os outros profissionais da Saúde se juntariam à causa.

Apercebendo-se das injustiças laborais e inspirados nas reivindicações dos médicos em Fevereiro de 2013 os profissionais da Saúde constituídos por enfermeiros, serventes, motoristas, maqueiros, técnicos administrativos, técnicos de laboratório, farmacêuticos, entre outros criariam a Comissão de Profissionais de Saúde Unidos (PSU).

Assumindo a liderança e tomando a iniciativa, a PSU tenta o diálogo com o Governo, mas, uma vez mais, e através de manobras intimidatórias e da clássica estratégia do silêncio, o Governo não responde satisfatoriamente às suas reivindicações. Com a revisão do salário em 15% para os médicos e 9% para outros funcionários da Saúde, convoca-se uma Greve Geral dos Funcionários de Saúde para 20.5.13, por cinco dias prorrogáveis. Na letargia que o caracteriza, o Governo manteve-se em silêncio por três dias e só veio a optar pela discussão nessa altura.

Em sede de negociação, o Governo recusa-se a dialogar na presença da PSU, acusando-a de “bando de arruaceiros” e escorraça-a da mesa de debate. Por sua vez, a AMM recusa-se a negociar com o Governo sem a presença da PSU.

A greve continua a nível nacional, com uma adesão de cerca de 90% de todos os funcionários da Saúde, com o encerramento total de várias unidades sanitárias, parcial de várias outras, e serviços mínimos a serem garantidos por profissionais militares e estrangeiros. Em resposta, o Governo estabelece uma estratégia de desinformação, tomando para isso os órgãos de comunicação



A falta de fundamento da detenção

O antigo Juiz-Conselheiro do Tribunal Supremo, João Carlos Trindade, num acto de cidadania, partilhou gentilmente matérias relativas ao enquadramento jurídico sobre o crime de sedição que, alegadamente, teria fundamentado a detenção do Presidente da Associação Médica de Moçambique, Dr. Jorge Arroz.

Segundo Trindade convém prestar atenção ao que dispõe o artigo 179 do Código Penal em vigor: “Aqueles que, sem atentarem contra a segurança interior do Estado, se ajuntarem em motim ou tumulto, ou com ruído, empregando violência, ameaças ou injúrias, ou tentando invadir qualquer edifício público, ou a casa de residência de algum funcionário público:

1º, para impedir a execução de alguma lei, decreto, regulamento ou ordem legítima da autoridade;

2º, para constranger, impedir ou perturbar no exercício das suas funções alguma corporação que exerça autoridade pública, magistrado, agente da autoridade ou funcionário público;

3º, para se eximirem ao cumprimento de alguma obrigação;

4º, para exercer algum acto de ódio, vingança ou desprezo contra qualquer funcionário, ou membro do Poder Legislativo, serão condenados a prisão até um ano, se a sedição não for armada.

1º - Se a sedição for armada, aplicar-se-á a pena de prisão.

2º - Se não tiver havido violência, ameaças ou injúrias, nem tentativa de invasão dos edifícios públicos ou da casa de residência de algum funcionário público, a prisão não excederá a seis meses na hipótese do artigo e a um ano na do parágrafo antecedente. “.

Segundo o docente João Carlos Trinda-

de, da simples leitura do dispositivo legal extraem-se facilmente as seguintes conclusões: Em termos substantivos:

- A reunião dos representantes de uma classe profissional, numa sala da sede da sua organização e no exercício do direito constitucional à greve, não se pode confundir com motim ou tumulto. Além disso, para que se verificasse o crime, seria necessário reunir indícios suficientes de que os actos praticados (o ajuntamento em tumulto ou motim...) se destinavam a qualquer dos fins indicados no preceito incriminador:

1 - impedir a execução de alguma lei, decreto, regulamento ou ordem legítima da autoridade;

2 - constranger, impedir ou perturbar no exercício das suas funções alguma corporação que exerça autoridade pública, magistrado, agente da autoridade ou funcionário público;

3 - eximir-se ao cumprimento de alguma obrigação; ou

4 - exercer algum acto de ódio, vingança ou desprezo contra qualquer funcionário ou membro do Poder Legislativo.

Ora, não se afigura, de todo, que tenha sido possível alcançar tais indícios.

Em termos processuais:

- O crime de sedição, tal como tipificado no Código Penal, é um crime de execução colectiva, pelo que não se compreende que só o Dr. Arroz tenha sido detido, invocando-se flagrante delito. Todas as pessoas que estavam reunidas com ele no momento da detenção deveriam ter sido igualmente conduzidas à esquadra para responderem pela mesma imputação;

- Se a detenção se deu “em flagrante delito”, como revelou o porta-voz da Polícia, como se compreende que te-

social estatais, intimida funcionários e demite alguns das suas funções. A revolta aumenta e já há casos de dirigentes importantes do sector da Saúde que se demitiram das suas funções.

7º Momento: O Apocalipse

Ao início da noite de 26 de Maio, um domingo, o Presidente da Associação Médica de Moçambique, o Dr. Jorge Arroz, esteve detido por cerca de quatro horas na 6ª esquadra da PRM, em Maputo.

O nosso colega foi levado sem que lhe fosse explicado o motivo, mas, posteriormente, depois da intervenção de diversas figuras que acorreram ao local, ficámos a saber de que estava a ser acusado do crime de sedição.

Em pouco tempo juntou-se uma multidão de populares, médicos e outros profissionais da Saúde, juristas, jornalistas, entre outros, exigindo a libertação do Dr. Arroz.

Finalmente, o Dr. Arroz foi recolocado em liberdade, tendo, logo de seguida, concedido uma conferência de imprensa.



Esta atitude veio a agravar o fosso que divide os profissionais da Saúde e o empregador – o MISAU – e deixou os profissionais da Saúde ainda mais revoltados e mais galvanizados para aderirem ao movimento. E este apoio foi visível no dia 27 de Maio, no quase repleto Teatro Gilberto Mendes, onde os profissionais da Saúde se juntaram para manifestarem a sua solidariedade à causa e mostrar o seu desagrado relativamente à situação.

A 28 de Maio, teve lugar um encontro entre as partes discordantes, mas sem acordo, pois o MISAU mantém a posição de separar a AMM do PSU sem querer abordar o assunto de fundo.

O fim afigura-se único: a satisfação dos cadernos reivindicativos dos funcionários da Saúde. Quando? Só o Governo sabe.

Assina: Gabinete de Informação da AMM

nha sido emitido um mandado de captura prévio? Nesse caso, seria dispensado o mandado, pois, “em flagrante delito a que corresponda pena de prisão todas as autoridades ou agentes da autoridade devem, e qualquer pessoa do povo pode, prender os infractores” (artigo 287º do CPP);

- Ainda que se admita a remota possibilidade de terem existido indícios suficientes e de a reunião dos grevistas poder ser qualificada de tumulto ou motim, sempre seria irregular a captura, se o respectivo mandado não respeitasse (como parece ter sucedido, pelos relatos da comunicação social) os requisitos formais do artigo 295º do Código de Processo Penal (CPP) vigente, maxime, do seu nº 2 (“a indicação do facto que motivar a prisão, ou desse facto e das circunstâncias que, nos termos do artigo 291º, justificam a captura”). Neste caso, ter-se-ia, inclusivamente, violado o disposto no nº 3 do artigo 64 da Constituição;

- Tendo em conta que ao crime caberia, na pior das hipóteses, a pena de prisão até um ano, tudo o que a Polícia poderia, legalmente, ter feito após a condução do “arguido” à Esquadra era notificá-lo para se apresentar no tribunal competente no dia seguinte, para eventual julgamento em processo sumário, e não conduzi-lo para uma cela, pois nos crimes punidos com pena de prisão não superior a um ano não é permitida a prisão preventiva (artigo 286º do CPP).

Em resumo, mais uma vez a Polícia revelou ineptidão e falta de competência no cumprimento das normas processuais, sendo legítimo pressupor que os reais motivos da detenção tenham sido outros, que não aqueles que, de forma atabalhoada, foram tornados públicos.

O trabalho desprezado

É considerada uma profissão medíocre, que não exige nenhuma formação técnica e, por vezes, não é necessário ter um grau de instrução. Basta apenas saber sofrer, entregar-se arduamente ao trabalho, ter aptidões para exercer todo o serviço que for ordenado, receber os enfermos e encaminhá-los para as respectivas salas de tratamento médico, arrumar e trocar roupa de cama – não importam as condições higiénicas em que estiver – remover o lixo hospitalar, lidar com os excrementos humanos, sangue, urina, vômitos, cadáveres, dentre outras situações que só são lembradas a posteriori, em casa, na altura em que um prato de comida, conseguido com tanto sacrifício, chega à mesa. Assim tem sido o dia-a-dia dos auxiliares dos serviços prestados nos estabelecimentos hospitalares.

Texto: Emildo Sambo • Foto: Miguel Mangueze

Os serventes de uma unidade sanitária exercem uma tarefa de-veras árdua e, segundo as suas declarações, são destratados e humilhados pelos seus superiores hierárquicos, os seus salários não passam de 3.000 meticais mensais, em 30 anos de serviço dificilmente conseguem construir uma casa e a sua maioria atinge a idade da reforma sem nada de que se possa orgulhar, durante a aposentadoria, de ter sido um quadro da Saúde. Esses profissionais encarregues de manter os estabelecimentos onde se recebem e tratam doentes num ambiente limpo e organizado queixam-se de uma desvalorização generalizada do seu trabalho e reivindicam consideração e dignidade.

Jorge Fulano é servente no Hospital Geral de Mavalane, mas neste momento está afecto ao Centro de Saúde do Bagamoyo. No seu local de trabalho faz quase tudo: limpa o soalho, encaminha os doentes e os feridos em camas portáteis para as medicinas a fim de serem atendidos pelos médicos, cuida dos pacientes, empurra as macas transportando os cadáveres para as morgues, dentre outras tarefas que abrigam a que esteja exposto a vários riscos contra a sua saúde mas nem assim é valorizado ou estimulado.

“Um dia, no meu posto, um chefe afirmou que se nós (serventes) não quiséssemos trabalhar não havia problemas porque se podia dirigir ao mercado de Xipamanine a fim de recrutar outras pessoas com capacidade para exercer as mesmas tarefas que nos tinha atribuído. Isso significa que somos considerados desprezíveis e inúteis”, desabafou Jorge Fulano.

Num outro desenvolvimento, o interlocutor do @Verdade afirmou que as condições em que ele e os colegas que exercem a mesma actividade labutam não são das melhores, sobretudo nas enfermarias. “Nós é que lavamos as roupas de cama, limpamos o chão e os locais onde se instalam os doentes ou se atendem os feridos ou lesionados. Já imaginaram o que seria desses lugares sem a nossa presença?”, perguntou Fulano, para quem a casa na qual vive foi construída com muito sacrifício, juntando dinheiro proveniente de xitique. O seu maior anseio é a sua remuneração passar dos actuais 3.000 meticais para 10.000 meticais e ver o comportamento dos chefes das diferentes áreas da Saúde mudado em relação aos serventes.

Alguém imagina como é que são os lençóis da maternidade?

Com uma voz trémula, olhos esbugalhados, reluzentes e prestes a derramar lágrimas, Guilhermina Xirindza, funcionária do Centro de Saúde de Xipamanine, há 30 anos, disse-nos que para ser auxiliar do sector de higiene numa unidade sanitária é preciso estar em condições de lidar com muitas coisas, sobretudo com a sujidade, falta de respeito por partes dos chefes e ainda rece-



ber salários baixos. “Tenho 30 anos de serviço como servente, o meu salário é de 3.000 meticais e só progredi uma vez, por isso, não faço ideia em que escalão estou enquadrada. Somos discriminados, mas um médico e um enfermeiro sem o servente fazem os seus trabalhos com muitas dificuldades porque para acederem ao paciente dependem nós.”

Rosália Romão é empregada do Hospital Central de Maputo (HCM), na área da lavandaria, há quatro anos, nunca foi promovida e o seu vencimento é de 2.500 meticais. Já submeteu documentos a pedir uma progressão na carreira mas até o presente não obteve nenhuma resposta. “É obrigatório que eu me levante da cama às três horas e meia de madrugada para até às cinco horas e 30 minutos estar no serviço. A partir das sete e meia não é possível seleccionar os lençóis por lavar um a um e antes de se fazer qualquer coisa é preciso verificar se têm agulhas ou não para evitar incidentes. É um trabalho pesado e com riscos de contrair doenças.”

Segundo a nossa entrevistada, antes de levar cada uma das duas peças que se colocam na cama por cima do colchão e sob o cobertor para a lavagem é igualmente necessário separar os lençóis com urina dos que contêm excrementos humanos e sangue. “Imagine como é que são os lençóis da maternidade. Tenho de tomar o máximo de cuidado para não apanhar doenças. Esta nossa tarefa é dolorosa mas não é valorizada. As máscaras que usamos no nosso meio de trabalho não são próprias para o tipo de actividades que exercemos não impedem que inalemos o mau cheiro da roupa das enfermarias. Corremos o risco de contrair tuberculose e eu tenho uma constipação que não passa. A verdade que seja dita, gostaria de mudar de emprego.”

“Não somos considerados importantes...”

Margarida Hamela, afecta ao Hospital Geral de Mavalane, disse que faz parte do turno das sete às 19 horas mas ganha 3.000 meticais, “apesar de lidar diariamente, há 22 anos, com excrementos humanos e outro tipo de sujidade que me deixam indisposta. Não somos considerados quadros importantes para o funcionamento de uma unidade sanitária. Todos os dias para chegar ao meu posto faço ligações. Tenho um filho que está a dever uma disciplina para concluir a 12ª classe, mas quando o aconselho a continuar a estudar pergunta com que dinheiro vou pagar a instrução dele quando a minha remuneração em muito pouco consegue satisfazer as necessidades alimentares da família.”

Tude tende a piorar...

Há sete anos, Marta Sarmiento formou-se como enfermeira de Saúde Materno Infantil (SMI) e é profissional há cinco anos. Na sua opinião, desde que está na área da Saúde tudo tende a piorar: as condições de trabalho, o material médico e a situação do próprio doente não são das melhores.

“Quando chego ao meu local de trabalho encontro 50 doentes à espera de serem atendidos e olham para mim como a solução para os problemas que lhes apoquentam. Perante esse número de pacientes, devo repartir a minha atenção por todos no sentido de atender cada um segundo as suas necessidades nesse momento por vezes, estou cansada e com sono”, contou-nos Marta, tendo acrescentado que, apesar

da falta de meios para a sua actividade, como profissional faz alguma coisa para aliviar o sofrimento dos enfermos que ficam horas a fio de olhos fixos no seu rosto, alguns a implorar por tratamento.

Os doentes ficam uns debaixo dos outros

De acordo com a nossa interlocutora, os gestores dos hospitais têm sido insensíveis às preocupações dos enfermeiros com vista a garantir um atendimento médico digno aos doentes. “Quando reclamamos da falta de meios de trabalho os nossos superior hierárquicos respondem-nos com insultos e somos aconselhados a não parar de trabalhar por falta de meios. Não temos material de protecção para nós nem para os doentes, faltam luvas e máscaras. As camas e os lençóis não chegam para todos os enfermos. Destes alguns são postos debaixo dos leitos dos outros e nos corredores. Mas em nenhum momento ficamos de braços cruzados, procuramos meios alternativos. Eu pessoalmente fico perturbada por saber que perante essas adversidades tenho a obrigação de assegurar a vida dessas pessoas até o sol raiar. Mas que estímulo tenho? Nenhum.”

“Na minha área devo usar o mesmo par de luvas para, de duas em duas horas, atender um doente. Perante essa falta de condições de trabalho, exponho a minha saúde e do doente ao risco. Normalmente estou numa escala sozinha, à noite, mas o ordenado é de 5.800 meticais. A fadiga é total...”

Alguns perigos

Marta Sarmiento contou-nos alguns episódios que se deram há anos. Segundo ela, um doente teve um desequilíbrio patológico no controlo das suas emoções e dos impulsos e manifestou um comportamento anti-social. Consequentemente, pretendia atirar-se pela janela a partir de um dos andares do HCM. Todavia, a enfermeira, corajosa, interveio para proteger a vida do paciente e nada de grave aconteceu.

Entretanto, há três anos, Marta contraiu uma lesão (já cicatrizada) quando salvava uma parturiente que numa madrugada sofreu um surto de psicose e, para além de ameaçar os outros doentes, saltou da cama e com as próprias mãos quebrou o vidro da janela na tentativa de se atirar da mesma. “Agarrei no paciente no sentido de evitar um acidente mas feriu-me com um estilhaço de vidro que trazia. Por pouco perfurava-me o abdómen.”

*Nomes fictícios

ACONTECEU
A verdade em cada palavra.

Suposto desaparecimento de um homem gera confusão em Vilanculos

Vilanculos acordou em polvorosa na manhã desta segunda-feira, 27 de Maio, quando um corpo foi dado como desaparecido no interior de um supermercado chamado Global Comercial. A população quis invadir o estabelecimento, mas a Polícia não permitiu e, por fim, o corpo apareceu.

Texto: Rui Lamarques

A notícia correu célere como um rastilho de pólvora pela pacata Vila Municipal de Vilanculos. Uma pessoa tinha desaparecido depois de entrar num supermercado local para fazer compras. Uma adolescente desesperada jurava a qualquer pessoa que o seu pai tinha caído numa cova no interior daquele estabelecimento comercial.

A população não se fez de rogada, correu para a vila e cercou o supermercado. Na sequência disso, os agentes da Lei e Ordem foram chamados a intervir para conter os ânimos dos populares. As lágrimas do jovem, de 17 anos de idade, cujo nome optamos por omitir, serviram de combustível para atear a revolta dos residentes de Vilanculos. A corporação teve de reforçar o contingente e os meios para proteger o estabelecimento enquanto, dizia, investigava o caso.

Do nada, do meio dos manifestantes, saiu uma sa-raiva de pedras em direcção aos polícias no local. Os agentes da Lei e Ordem responderam com 17 tiros para o ar e ninguém foi ferido. A população não arredou o pé daquele lugar, mas manteve distância, aos seus olhos, prudente. O supermercado foi fechado.

Vilanculos acordou, nesta terça-feira, com uma série de versões sobre o caso. Umas diziam que o homem foi encontrado sem vida. Outras davam conta da existência de restos humanos no recinto.

A verdade, porém, é que o proprietário do estabelecimento comercial cercado pela população, em pouco tempo, adquiriu a nacionalidade e ergueu um império imobiliário sem precedentes na história daquele município. Isso, dizem algumas pessoas ouvidas pelo @Verdade, levanta suspeitas. Outra versão colocada pelos residentes dá conta de uma possível guerra entre os agentes económicos.

Em conferência de Imprensa, o porta-voz do Comando Distrital da Polícia da República de Moçambique (PRM)



em Vilanculos, Constantino Chuquelane, fez saber que o suposto desaparecido estava vivo.

“Do trabalho feito no terreno apurámos que não se deu o desaparecimento de ninguém no estabelecimento em causa. O suposto desaparecido está vivo (...)”, referiu a fonte.

Quanto às informações que foram circulando ao longo da Segunda-feira, Constantino disse que não são verídicas. “Esclarecemos que o caso que está a ser propalado não se registou”. Quanto ao cidadão ferido que foi levado ao hospital, de acordo com testemunhas, a Polícia não desmente peremptoriamente.

Contudo, agentes à paisana confirmaram ao @Verdade que existe, de facto, um buraco no estabelecimento, mas mesmo não foi encontrado nenhum corpo. Na verdade, dizem, trata-se de uma fossa com espaço suficiente para um adulto ficar DE pé.

No Comando Distrital da PRM em Vilanculos foi possível conversar com o alegado desaparecido. O homem, que reside em Inhassoro, onde trabalha numa empresa de segurança, garantiu que nunca entrou na loja em causa. A adolescente, por seu turno, garante que recebeu uma chamada dizendo que o seu pai tinha desaparecido no local.

Neste contexto, a rapariga vai responder a um processo-crime. O Global Comercial ainda não voltou a abrir as suas portas depois do episódio. O que é certo é que os negócios, naquele estabelecimento comercial, jamais serão os mesmos.

Falta de carteiras enfurece alunos em Chibuto

Alguns alunos do segundo ciclo, na Escola Secundária de Chibuto, na província de Gaza, recusaram-se, na manhã desta terça-feira, 28 de Maio, a assistir às aulas alegadamente por falta de carteiras. Na sequência deste acontecimento, três estudantes foram detidos pela Polícia da República de Moçambique (PRM) acusados de promover a desordem.

Texto: Redacção

Passado algum tempo, os educandos foram restituídos à liberdade devido, em parte, à pressão exercida por um grupo de alunos que se amotinou defronte do edifício do Comando Distrital da PRM para exigir a soltura dos seus colegas.

Por alguns minutos, as lições foram interrompidas na Escola Secundária de Chibuto e os portões estiveram encerrados. Um cidadão reportou ao @Verdade que a direcção daquele estabelecimento de ensino encomendou, no passado, algumas carteiras no sentido de evitar que os instruendos aprendam sentados no chão, mas ainda não foram disponibilizadas.

A nossa Reportagem contactou, telefonicamente, o director dos Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologia em Chibuto para se pronunciar sobre os distúrbios havidos na Escola Secundária de Chibuto e a detenção de três estudantes nesta terça-feira, tendo o nosso interlocutor dito que a informação não era verídica. Segundo o dirigente, o certo é que houve um grupo

de alunos que não queria estudar por razões que ele próprio não soube explicar.

Em Nampula, onde se produz madeira em grandes quantidades e espécies variadas, os estudantes das escolas primárias completas de Namuatho “A”, Serra da Mesa, Carrupeia, Namicopo-sede, Terrene, Murrapaniua-sede, Muatala e das secundárias de Napipine, Teacane, Cossore, dentre outras, também lhes são ministradas aulas sentados no chão e debaixo das árvores. As autoridades do sector da Educação estão a par deste problema, mas nenhuma solução à vista existe, supostamente por falta de fundos.

Alguns pais e encarregados de educação ouvidos pela nossa Reportagem afirmaram que estão agastados com o facto de os seus filhos serem ensinados em condições que não permitem um aproveitamento positivo, enquanto a província de Nampula é uma das maiores produtoras de madeira. Aliás, os responsáveis dos instruendos que frequentavam as escolas a que nos referimos afirmaram

que são coagidos a desembolsar algum valor para a compra de carteiras, mas as salas de aulas não têm um banco sequer.

Na Escola Primária de Namicopo, por exemplo, mais de oitos salas de aulas não têm nenhuma mesa destinada aos estudos e há turmas que assistem às aulas debaixo das mangueiras. A Escola Primária dos Belenenses, apesar de ser um dos poucos estabelecimentos de ensino cujas instalações são condignas, também debate-se com a falta de carteiras.

Entretanto, a Escola Primária da Barragem tem carteiras em excesso, por isso, algumas foram emprestadas ao Instituto de Formação de Professores de Nampula (IFPN).

Bruge Rupia, chefe dos Serviços da Educação, Juventude e Tecnologia, disse que o sector necessita de cerca de seis mil carteiras. Indicou que neste momento pelo menos 227 alunos sentam-se no chão e outros 277 estudam em salas improvisadas.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque o sexo dói?

Olá queridos.

A situação social no nosso país tende a piorar, e não a melhorar, pelo que vemos todos os dias nos canais de comunicação. Ao menos, há dias, aprendi uma coisa positiva. É que algumas organizações não-governamentais, em parceria com as unidades sanitárias, introduziram aquilo que se chama de “Profilaxia Pós-Exposição” à violação sexual. Isto significa que se uma rapariga é violada e o caso é reportado imediatamente ao hospital mais próximo, é possível que ela receba comprimidos que ajudam a evitar contrair infecções como VIH. O programa ainda está no início, mas vale a pena saber que existe. Aqui nós falamos sobre a saúde sexual e reprodutiva, por isso, se quiseres saber mais sobre este assunto,

enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Boa noite Tina. Há semanas mandei uma mensagem com uma dúvida, mas não tive resposta. Tenho 21 anos, estou com o meu namorado há dois anos. Gostamos um do outro, porém, sinto dores no útero durante o acto sexual e, por vezes, nos lábios da vagina; e por isso, quase que nunca tenho prazer. Isso já é uma preocupação para nós. Pedimos a sua ajuda.

Mm... imagino a sensação de frustração por que vocês devem passar. Sabes, quando temos este tipo de problemas o melhor sempre é ir ver um médico, pois as causas são várias. Eu investiguei um pouco, e fiquei a saber que as dores no útero ou dores pélvicas DURANTE O ACTO SEXUAL podem ter várias origens. Uma delas pode ser a falta de lubrificação da vagina, e isto acontece com muitas mulheres. Isto pode ser resolvido de duas formas: tu estares mais relaxada e vocês passarem mais tempo nos preliminares antes da penetração, pois isso ajuda a que fiques mais lubrificada (saí aquele líquido claro e transparente da vagina); se não consegues ficar lubrificada naturalmente, vocês podem usar gel lubrificante, que pode ser encontrado nas farmácias. Se este não for o caso, então é necessário que tu consultes um/a médico/a para saber se não terás alguma infecção no útero ou no canal vaginal que, quando o pénis penetra e fricciona, causa dor tanto dentro como fora. Se vocês querem evitar doenças e gravidez não planificada, não deixem de usar o preservativo por pensarem que é o causador da dor. O problema não está no preservativo.

Boa tarde Tina. Tenho um problema que já venho tentando resolver há dois anos. Tenho uma filha de 5 anos. Fazia planeamento com Microgenon, e numa altura em que não havia deram-me Microlut. De lá para cá, tenho ausência do período. Fui à ginecologista e receitaram-me pilulas novamente. O estranho é que o período só sai, e muito pouco, quando tomo a pilula. Quando paro, também pára. Voltei e receitaram-me Medroxiprogesterona e, mesmo assim, continua a ausência. Câtia.

Olá querida. Eu sei a ansiedade que nos causa a ausência do período, principalmente quando queremos ou não queremos engravidar. Então, pelo que eu percebo da tua questão, tu tens um problema de irregularidade no teu ciclo menstrual, ou melhor, às vezes vês a menstruação e outras vezes não? Como sabes, e devem ter-te explicado, as pilulas contraceptivas têm essa função de regularizar o nosso ciclo, porque elas são feitas de hormonas artificiais. E porque são feitas de hormonas, isso significa também que pode ocorrer algum tipo de alteração hormonal ou mesmo no teu organismo, sempre que tu interrompes a toma. Mas não vás apenas pelo que eu te estou a dizer, mas sim, volta a consultar uma ginecologista e explica exactamente como o teu problema acontece. Tens que ser honesta quanto à forma como tu tomas as pilulas, quando é que tu interrompes e porque interrompes. Isso vai ajudar-lhe a saber como podes ultrapassar o problema. Também pode recomendar-te um outro método contraceptivo, se for o caso. Cuida-te.

Há anos que é espancada pelo marido mas não o larga

Marlene Abdul, de 34 anos de idade, residente no bairro de Malhazine, Rua 08, Célula 05, em Maputo, vive maritalmente com Ivanildo, há 11 anos. Porém, a sua vida tem sido um verdadeiro calvário porque é vítima, constantemente, de violência física e psicológica. A vítima não tem hematomas no rosto, aparenta estar saudável, mas queixa-se de dores fortes em algumas partes do corpo, sobretudo à volta da bacia, quando permanece sentada por algum tempo.

Texto & Foto: Coutinho Macanandze

A cidadã é igualmente agredida pela tia do esposo, alegadamente porque nega ser submissa e, por via disso, aceitar exercer quaisquer actividades caseiras que lhe forem incumbidas. Marlene Abdul é apenas um exemplo dentre várias mulheres que sentem na pele, caladas, as consequências da violência doméstica mas não denunciam os casos. A pessoa a que nos referimos assegurou-nos que, segundo as suas estimativas, dos 11 anos de convivência como o seu marido, 10 foram somente de pancadaria. Entretanto, persiste em continuar no seu lar porque pretende garantir que os seus quatro filhos tenham um pai e uma mãe por perto e não fiquem sem o amparo e afecto dos dois.

Apesar de sentir que o compromisso assumido há 11 anos, de cuidar um do outro em qualquer circunstância da vida, está a ser gorado pelo cônjuge, Marlene ainda declarou que pelos seus descendentes ainda tem forças suficientes para o que der e vier, ou seja, não vai arredar o pé daquela residência. Todavia, os maus-tratos constituem uma parte dos problemas mais marcantes da sua vida desde que está casada. Em casa não tem nenhum direito, nem de opinar, sobretudo, em situações que envolvam o seu parceiro. “A família do meu marido tenta fazer com que eu cumpra ordens sem querer ouvir o meu parecer, e quando recuso sou espancada, sofro golpes violentos e hoje sinto dores internas em algumas zonas do corpo.”

A última atrocidade cometida por Ivanildo aconteceu num sábado, 11 de Maio. Marlene, segundo nos revelou, voltou do trabalho, encontrou o marido em casa e perguntou-lhe se já tinha ou não dinheiro para as compras que estavam programadas, uma vez que no dia seguinte o casal iria receber os amigos e alguns familiares com os quais fazem xitique. O esposo deu uma resposta negativa e saiu à procura do valor em causa. Horas depois telefonou para a mulher, a partir de algures, com o intuito de saber se o problema relacionado com a falta da corrente eléctrica na residência estava ou não resolvido. A cônjuge disse que a situação prevalecia porque era necessária uma intervenção masculina, uma vez que alguém devia subir no telhado para descobrir o que é que se passava no poste de energia e em casa não havia nada para se cozinhar. Essas informações não agradaram ao marido, o que o deixou enfurecido.

Com os nervos à flor da pele, Ivanildo comprou comida confeccionada numa das barracas do seu bairro e levou para casa, onde comeu na presença da esposa. Esta ficou ofendida, conteve os ânimos e ficou a olhar para o esposo na altura em que este se alimentava. Para espalhecer, Marlene dirigiu-se a um estabelecimento comercial nas proximidades da sua residência. Ao voltar para a casa encontrou o marido a falar, ao telefone, com uma mulher na presença da sua tia. Segundo a nossa entrevistada, os



interlocutores conversavam sobre a sua alegada desobediência, o que a deixou ainda mais nervosa.

Passado algum tempo, a cidadã que se queixa de ser vítima de violência doméstica iniciou uma discussão com o agressor em torno do Módulo de Identificação do Subscritor (SIM). De repente, a tia do jovem intrometeu-se e perguntou: “Que mulher é essa que não respeita o marido e tem a ousadia de o confrontar sem remorso? Qualquer dia ela pode abandoná-lo sem nenhuma explicação e devia também perceber que a sua autoridade na família está a ser posta em causa.”

Essas palavras intensificaram a fúria de Ivanildo e o deixaram fora de si. Descontrolado, o jovem tentou ordenar à mulher que abandonasse a casa sem levar nada mas foi desobedecido, o que concorreu para que ele e a sua tia espancassem Marlene tendo causado sequelas na coluna e num dos olhos. A vítima contou-nos ainda que para se defender de tanta brutalidade agrediu a tia do seu marido com algumas dentadas.

Polícia ignora a vítima

“Fui atacada de forma desumana e arrastada para a rua como se fosse um objecto inútil. Largaram-me sem nenhuma preocupação em relação à minha pessoa nem em levar-me ao médico. Por volta das 23 horas do mesmo sábado, decidi quebrar o silêncio e dirigi-me ao Posto Policial de Malhazine, sito a poucos metros da nossa casa, para fazer uma denúncia. Quando cheguei ao local apenas recebi dois documentos, um para o Centro de Saúde do Bagamoyo e outro para o Gabinete de Atendimento à Mulher e Criança Vítimas de Violência Doméstica. Os polícias que me atenderam informaram-me de que não atendiam casos semelhantes ao que eu apresentava”, narrou Marlene.

No domingo, 12, dia do xitique, a cidadã voltou para o seu lar e encontrou muita gente a comemorar. Sem abordar ninguém foi ao quarto repousar porque ainda se ressentia de dores. Ninguém reclamou a sua falta nem procurar saber o que se passava com ela. O momento era de festa: os convivas conversavam, comiam e dançavam na maior naturalidade. “Sofri sozinha naquele dia e senti-me discriminada porque, para além de o meu marido não me ter saudado, nem sequer tive um prato de comida. Tornei-me uma estranha na minha própria casa somente porque alguém tem o objectivo de me fazer aceitar tudo, sem questionar, até o que fere a minha consciência.”

Aliás, no mesmo domingo, como forma de iniciar um diálogo com o esposo, Marlene in-

formou que esteve na esquadra e no Gabinete de Atendimento à Mulher e Criança Vítimas de Violência Doméstica, porém, o companheiro não prestou atenção às suas palavras.

Um agressor impune

Dias depois, Ivanildo foi intimado pela instituição que lida com a matéria de violência doméstica para se explicar. Ao invés de uma punição que desencorajasse os seus actos, simplesmente recebeu conselhos e a jovem continua a ser agredida, humilhada e ferida psicologicamente.

Contudo, o artigo 13 (violência física simples) da Lei no. 29/2009, sobre a Violência Doméstica Praticada Contra a Mulher e a Criança, determina que “aquele que voluntariamente atentar contra a integridade física da mulher, utilizando ou não instrumento e que cause qualquer dano físico é punido com pena de prisão de um a seis meses e multa correspondente. Avaliadas as circunstâncias do cometimento do crime e a situação familiar do condenado, o tribunal pode substituir a pena de prisão referida no número anterior pela pena de trabalho a favor da comunidade.”

O mesmo dispositivo legal, criado com a finalidade de “sancionar os infractores e prestar às mulheres vítimas de violência doméstica a necessária protecção, garantir e introduzir medidas que forneçam aos órgãos do Estado os instrumentos necessários para a sua eliminação”, diz, no artigo 14 (violência física grave), que “aquele que violentar fisicamente a mulher, de modo a afectar-lhe gravemente a possibilidade de usar o corpo, os sentidos, a fala e as suas capacidades de procriação, de trabalho manual ou intelectual, é punido na pena prevista no artigo 360 do Código Penal, sendo a pena mínima elevada a um terço e multa nunca inferior a um ano.”

Refira-se que o caso do casal a que nos referimos está sob a alçada do Tribunal do Distrito Municipal Kamubukwana (Benfica). O estranho é que a mulher que reclama devido a maus-tratos há anos manifestou sinais de arrependimento pelo facto de o problema por ela apresentado estar a ser dirimido naquela instância. A sua intenção era que o assunto terminasse entre quatro paredes.

Importa igualmente realçar que a lei supostamente criada para “garantir a integridade física, moral, psicológica, patrimonial e sexual da mulher, contra qualquer violência exercida pelo seu cônjuge, ex-cônjuge, parceiro, ex-parceiro, namorado, ex-namorado e familiares”, parece carecer de outros dispositivos para fazer valer os fins para os quais foi aprovada.

FACTO
A verdade em cada palavra.

Líderes do bairro Magoanine “C” acusados de vender talhões das vítimas das cheias

As 20 famílias, cerca de 1.000 pessoas, que ainda vivem no centro de reassentamento de Magoanine “C”, em consequência das cheias que assolaram a cidade de Maputo, em Janeiro passado, estão desesperadas e com as mãos à cabeça em virtude de as autoridades locais terem vendido os seus terrenos atribuídos pela edilidade nas imediações do Hospital Psiquiátrico de Infulene. O vereador de infra-estruturas no Conselho Municipal da Cidade de Maputo tomou conhecimento do problema através dos próprios lesados numa visita que fez ao local onde se encontram albergados. Há igualmente queixas que dão conta de que os chefes de quarteirões daquele ponto do Distrito Municipal KaMavota roubaram uma quantidade significativa de produtos alimentares das vítimas das inundações, o que fez com que passassem a depender das ofertas de pessoas de boa vontade para sobreviver.

Texto: Coutinho Macanandze

Em Fevereiro passado, a edilidade iniciou a inscrição dos cidadãos que perderam as suas casas e vários outros bens devido às inundações com a finalidade de atribuir talhões com o respectivo Direito de Uso e Aproveitamento de Terra (DUAT). Desde essa altura, apenas quatro famílias, de um total de 24, é que beneficiaram de espaço para reerguer as suas habitações e outras 20 ainda aguardam por um pedaço de chão no qual possam construir também os seus domicílios.

Entretanto, os compatriotas a que nos referimos estão aflitos supostamente porque Alzira, nome com que se identificou à nossa Reportagem, membro da Organização da Mulher Moçambicana (OMM), abocanhou dois terrenos para si e colocou os restantes à venda em conluio com o chefe do quarteirão “A”, no Magoanine “C”, de nome Chico. Este, segundo as pessoas prejudicadas, é o responsável pela procura de clientes interessados em comprar terras para fixar residências, cujo preço é de 45.000 meticais. Fechado o negócio, o valor é repartido entre as autoridades.

Dulce Palmira, que vive no centro de reassentamento desde o dia 15 de Janeiro deste ano, disse-nos que há dois meses que não tem alimentação, água, assistência médica e o seu terreno, oferecido pelo município, nas imediações do Hospital Psiquiátrico de Infulene, foi vendido pelos chefes de quarteirões.

“A senhora Alzira, membro da OMM, comete desmandos neste centro de reassentamento. No período nocturno vinha cá na sua viatura e carregava quantidades significativas de produtos alimentares para abastecer a sua barraca. Actualmente, quando adocemos ninguém está por perto para nos socorrer, mas na altura em que ainda havia alimentos as autoridades do bairro estavam sempre presentes para nos roubar. Os líderes já não atendem as nossas chamadas telefónicas e quando manifestamos o nosso agastamento somos ameaçados de morte. Não nos deixam sossegados porque pretendem continuar a roubar o pouco que temos”, desabafou Dulce.

Rocina Lechela, de 40 anos de idade, cuida de uma família composta por cinco membros. Disse-nos que recebeu um talhão do município de Maputo mas ficou sem o mesmo. “Os chefes do bairro de

Magoanine “C” chamaram-me para conhecer o meu terreno nas proximidades do Hospital Psiquiátrico do Infulene, mas quando cheguei ao local disseram que devia voltar para o centro de reassentamento porque o espaço já tinha sido atribuído a uma outra pessoa que nem foi vítima das cheias.”

Para além de contestar o processo de atribuição de talhões porque, na sua opinião, está repleto de anomalias, Rocina afirmou que está deveras desassossegada com as ameaças de morte proferidas pelos líderes da zona onde se encontra e os alimentos não chegam aos beneficiários. “Não suporto viver neste centro porque as condições de sobrevivência são deploráveis, não recebemos alimentação nem cuidados médicos. Fomos esquecidos pelo município, por isso nenhum dirigente visita o centro, somos obrigados a mendigar para conseguir um prato de comida.”

Por sua vez, Hermínia Macia, também de 40 anos de idade, disse-nos que assinou vários papéis para beneficiar de um DUAT mas ainda não recebeu nenhum terreno. “Os chefes do bairro estão a vender os talhões destinados às vítimas das cheias. A nossa incerteza em relação ao rumo das nossas vidas aumenta a cada dia que passa. As casas de banho já não funcionam e foram trancadas e a alimentação não é disponibilizada há dois meses. Eu, por exemplo, não trabalho e tenho de depender de pessoas de boa vontade para assegurar pelo menos que os meus filhos continuem a estudar. Por vezes, passamos o dia inteiro sem comida.”

A nossa interlocutora fez saber que algumas pessoas que se encontravam no centro de reassentamento de Magoanine “C” voltaram para as suas casas, embora destruídas, porque não aguentavam levar uma vida de pedintes.

Marta Maló, acolhida no mesmo centro, é porta-voz das famílias ali instaladas. Testemunhou que Alzira e Chico venderam os talhões que pertenciam às pessoas afectadas pelas inundações em Janeiro passado. “Os lesados estão desesperados e perderam a esperança de recuperar os espaços usurpados.” Aliás, a nossa entrevistada assegurou que uma parte dos terrenos negociados pelas estruturas do bairro ainda está inscrita em nome dos legítimos donos.

Alzira defende-se

Alzira nega que tenha abocanhado dois talhões das vítimas das enxurradas e que tenha também desviado produtos alimentares para o seu estabelecimento. “Essas acusações não têm fundamento, são descabidas e falsas porque nunca me apoderei de nenhum terreno. São afirmações que pretendem denegrir a minha imagem, por isso, desafio os indivíduos que me acusam a comprovar o meu envolvimento na negociata de terras e desvio de comida para a minha barraca.”

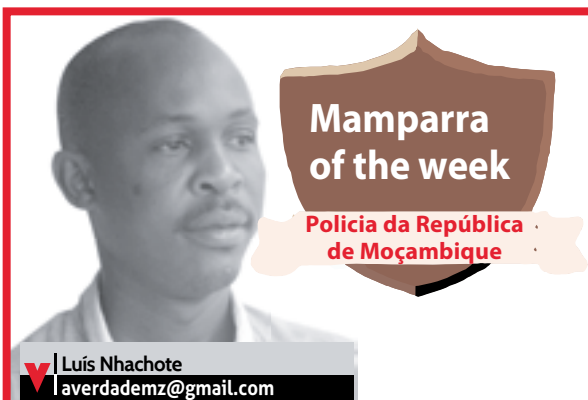
Segundo a nossa fonte, um processo que é tratado por mais de uma pessoa quando não corre bem a culpa recai sempre sobre quem está na dianteira e responde pelo assunto a que o mesmo diz respeito. Por vezes, pessoas inocentes são acusadas de cometimento de irregularidades só porque se ofereceram para ajudar.

Outro indiciado de estar envolvido no esquema de venda de terrenos é o chefe do quarteirão “A”, identificado pelo nome de Chico. Este, quando contactado telefonicamente pela nossa Reportagem, na quinta-feira, 23 de Maio, desligou, de repente, o celular logo que se apercebeu de que o assunto era “negócio de talhões das vítimas das cheias”.

Na sexta-feira, 24, voltamos a insistir para que Chico prestasse esclarecimentos em relação às acusações que pesam sobre si, porém, voltou a desligar o telemóvel quando lhe perguntámos sobre a venda de terrenos e roubo de comida. Na manhã de sábado, 25, ao invés de telefonarmos, fomos à casa do visado, mas ele não estava lá.

Há uma comissão a trabalhar no assunto

O secretário do bairro de Magoanine “C”, Ricardo Langa, disse, telefonicamente, ao @Verdade, que não tinha conhecimento de que os terrenos dos compatriotas que perderam as suas residências em consequência das cheias foram ou estão a ser vendidos. “Eu soube durante a visita do vereador de infra-estruturas do município porque os reassentados acusaram os membros locais de estarem envolvidos no assunto.” Nesse contexto, Langa disse que foi criada uma comissão de trabalho encarregue de fazer uma investigação para se apurar o que está a acontecer.



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O Mamparra desta semana é atribuído à Polícia da República de Moçambique que, num acto sem igual, foi prender Jorge Arroz, o líder máximo da Associação Médica de Moçambique. A mamparrada, com requintes de masoquismo, que roça a arrogância, deve ter sido decidida ao nível mais alto.

Aqui não se pretende legitimar o direito à não assistência médica, nem aplaudir o direito à greve, algo constitucionalmente consagrado. Pretende-se mas é elevar ao escalão de Mamparra os (próprios) mamparras que andam por cima da lei.

Estaremos nós a viver num Estado policia-

do?

É a nossa Polícia servil do Governo (do Polícia) do Dia?

É o Doutor Jorge Arroz o mais criminoso deste País?

São os médicos deste nossa linda Pérola do Índico uns marginais?

A quem favoreceu a mamparrada da prisão do líder de umas das organizações que lutam por uma causa legítima?

Um país não se constrói com uma polícia anti-direitos constitucionais consagrados na Lei Mãe (Constituição da República).

Os métodos do senhor mais alto dessa instituição, chamada polícia, cuja vocação é a defesa e segurança da ordem pública, não é prender, mas sim educar, fazer valer a lei e, sobretudo, fazê-la funcionar.

Aonde estamos a ir nesta “policia” com retoques Frelomoleques?

Ao som do caril de patos?

Ou dos minerais que não se comem?

Ou dos apóstolos da desgraça?

Os dos tagarelas?

Ou ainda seremos aconselhados a continuar a irritá-los?

A vítima terá que ser necessariamente o Dr. Arroz?

Basta deste tipo de mamparras.

O País não merece, a sociedade não merece, as crianças de hoje e senhores do amanhã não merecem serem ofendidas por este tipo de mamparrices feitas com o dinheiro dos nossos impostos.

Mamparra, Mamparra, Mamparra!!!

Até para a semana.

Uma Vila limpa, mas...

Se fosse possível julgar a governação municipal em Manhiça pelo centro da vila, Alberto Chicuamba, diga-se, poderia dormir descansado. Manhiça é muito mais do que aparenta quando se circula pelas impecáveis vias de acesso que vão dar ao edifício do Município e ao palácio do administrador. É certo que foi feito trabalho, mas não deixa de ser verdade que a periferia foi relegada para um segundo plano.

Texto & Foto: Rui Lamarques



Desde que Manhiça foi projectada, a vila sempre atraiu olhares de quem passasse pela EN1. Com o processo de municipalização essa sedução perdeu força. Agora, com um novo aspecto, a vila municipal mais limpa do país tem a rara oportunidade de novamente mostrar o seu rosto com orgulho. A renúncia de três edis em finais de 2012 no país representaram, dizem os munícipes, uma nova postura do edil local no que diz respeito aos problemas da urbe.

A Vila da Manhiça, sede do distrito do mesmo nome, situa-se ao longo da EN1. O Posto Administrativo 3 de Fevereiro marca o seu limite norte. A localidade Maciene fica no extremo. Ou seja, representa o limite sul. A leste fica o Posto Administrativo de Calanga. Magude e Moamba fazem fronteira a oeste. As actividades principais da população local são a agricultura e o comércio. Com cerca de 57 por cento de população rural, o meio de sobrevivência dos residentes daquele município não poderia passar ao largo da agricultura de subsistência.

Com uma superfície de 2373 Km² e uma população de 130 mil habitantes, Manhiça possui solos de fertilidade média, com uma zona alta de sedimentos arenosos eólicos. O potencial de terra arável é de 236 hectares e só 20 por cento é que estão ocupados. Com cerca de 7.5 por cento de população à mercê da pobreza, a estrutura etária reflecte uma relação de dependência. Ou seja, para cada 10 crianças ou anciãos existem 12 pessoas em idade activa.

Efectivamente, a taxa de urbanização é de 12 por cento. Manhiça também se gaba no que diz respeito à província de Maputo, de ter a maior população de gado bovino. Nos seus tempos áureos, a percentagem chegou aos 15 por cento. Agora, porém, não passa dos 11 e a tendência é de redução.

Ernesto Guambe, de 26 anos de idade e vendedor informal, não alinha nesse reducionismo e amplia a discussão quando é questionado sobre o móbil da mudança e responde: “não é justo afirmar que a vila mudou por causa da queda dos edis de Cuamba, Pemba e Quelimane. Nada nos garante que antes era possível gerar tantas mudanças positivas. Portanto, trata-se de uma tese polémica e eivada de preconceitos”.

Por outro lado, segundo ele, dada a particularidade da urbanização, ainda fortemente concentrada nas grandes cidades como Maputo, pequenas vilas não oferecem os serviços suficientes para o atendimento das necessidades sociais inerentes à sociedade urbana. Contudo, em 2012 Manhiça colectou cerca de 430 milhões de meticais devido à descentralização de alguns serviços, tais como cobranças de impostos sobre os veículos, de diesel, manifestos e de imposto predial. No entanto, o aumento de receitas da edilidade nem sempre teve reflexo imediato na melhoria das condições de vida dos munícipes.

O novo mercado municipal também significou uma outra fonte de rendimentos. “Com o aumento das receitas, a edilidade pretende compensar os munícipes, melhorando os serviços básicos sociais. O anúncio da expansão

da rede eléctrica que deverá atingir quatro mil novas ligações, a serem executadas este ano, faz parte dessas melhorias”. São palavras de Alberto Chicuamba, proferidas em Abril de 2012.

Volvidos 13 meses, Manhiça pode orgulhar-se de ter melhorado o seu rosto. É uma vila limpa como não há memória. Mas como não há bela sem senão, por detrás do betão escodem-se bairros periféricos onde falta tudo. Portanto, a compensação prometida em Abril de 2012 beneficiou um espaço muito pequeno da urbe.

Neste momento, em alguns bairros a energia eléctrica chega sem qualidade devido à sobrecarga da rede, um bico-de-obra que a Electricidade de Moçambique (EDM) não tem estado a resolver e que acontece em todo o país. A EDM tem estado a estender a energia aos pontos mais recônditos de Moçambique, mas o fornecimento é muito deficiente.

A taxa de lixo que é cobrada aos cidadãos mensalmente na compra de energia não tem permitido satisfazer as necessidades. É um facto que os custos de remoção superam de longe as receitas colectadas para esse efeito. Contudo, os residentes julgam que se não é possível limpar toda a urbe que não se dê prioridade ao centro da vila.

Rosa, de 43 anos de idade e comerciante de carne de vaca no novo mercado municipal, fez saber que quando vai comprar energia cobram-lhe 12 meticais da taxa de Rádio, 30 meticais de taxa de lixo e 17% do Imposto Sobre o Valor Acrescentado (IVA), mas não vê o retorno disso no tocante à prestação de serviços pelo município. O edil da Manhiça contrapõe dizendo que pessoas como Rosa não têm razões de queixa, pois vivem em bairros onde não há vias de acesso para a entrada dos veículos para a recolha de lixo, mas todos os dias saem das suas casas para sujar a vila.

Reassentamento polémico

Em 2011, algumas famílias da vila da Manhiça estavam de costas voltadas com a edilidade devido ao reassentamento compulsivo de que foram alvo. Tratou-se de uma parte significativa das 680 famílias que o município da Manhiça decidiu retirar do bairro Nwankakana, localizado à beira da EN1, para o bairro Beluacuane, alegadamente porque elas haviam fixado as suas residências numa área de reserva do Estado.

O grupo referiu, naquele ano, que o edil da Manhiça, Alberto Chicuamba, estava a ser injusto para com eles, primeiro porque afirmam que estão naquele local há mais de 50 anos. Segundo, porque o local onde a edilidade foi fixar a população não reúne condições de habitabilidade humana, não havendo energia eléctrica, muito menos água potável, para além de no processo de retirada destas famílias não ter havido indemnização.

O descontentamento dos populares não demoveu as autoridades municipais que acabaram por retirar os residentes daquele bairro sem lugar para a compensação. Hélio Cherinda, de 23 anos de idade, vive actualmente no novo espaço residencial e explica que a sua vida mudou radicalmente depois daquele decisão. “Primeiro, deixei de ir à escola porque tinha de escolher entre a educação e o negócio.”



A escolha para Hélio foi determinada pelo estômago. Entre formar-se e alimentar-se, o rapaz, que se dedica à venda de produtos de primeira necessidade na EN1, escolheu o imediato. Na hora de explicar os motivos da sua escolha, Hélio prefere apontar um culpado: “Estudar é minha obrigação, mas quando a minha família é obrigada a sair de um lugar onde viveu cinquenta anos e a desculpa das autoridades municipais é a de que se trata de uma reserva de Estado é fácil encontrar a causa

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Manhiça



de jovens como eu abandonarem os seus sonhos de formação académica". Na mesma situação encontram-se vários jovens que residem em Beluacuane.

Acesso à energia

Em 2008, o número de quadros de fornecimento de energia era de 3672. A edilidade acreditava que, em 2011, o total de consumidores fosse ultrapassar os 6000 com a ligação de mais 4000 quadros. Sucede, porém, que esse registo não foi alcançado. Só no ano a seguir, 2013, é que essa fasquia foi ultrapassada. Para além dos que existiam, foram instalados cerca de 2532 quadros. Ou seja, eram na totalidade 6204 consumidores em 2012. Até finais daquele ano, o número continuou a crescer.

Embora ainda não existam registos do ano em curso, a estimativa da empresa fornecedora de energia é a de que o número de consumidores continue a crescer impulsionado pelos quatro transformadores distribuídos pelos bairros.

Ainda ficou por implementar a expansão de uma rede de distribuição para os povoados dos bairros em expansão. Existe, também, a possibilidade de distribuir energia por vias alternativas.



Educação

O investimento no sector tem estado a crescer. No que diz respeito ao primeiro ciclo do ensino primário, Manhiça conta com um total de 28 escolas para 12 bairros. Quanto ao nível de ensino subsequente, o segundo grau, a vila tem 23 escolas. Existem dois estabelecimentos de ensino para o nível básico e igual número para o pré-universitário. Há duas escolas técnicas profissionais e uma unidade de ensino superior. Para combater o indi-



ce de analfabetismo, acima de 50 por cento, foram instalados 26 centros de alfabetização.

Habitação

O tipo de habitação predominante é a palhota com pavimento de terra batida, paredes de estacas ou caniço com cobertura de zinco, o que representa 77 por cento das casas de Manhiça. As moradias de madeira e zinco, em termos estatísticos, significam quatro por cento. As de bloco e tijolo totalizam 26 por cento da habitação da vila.

Saúde

O município está dotado de seis unidades sanitárias. O hospital da Manhiça conta com uma maternidade e 40 camas para internamento. O tempo médio de espera, calculado pelo @Verdade, é de 47 minutos. Foram erguidos três centros de saúde e dois postos.



Contexto histórico

Nos finais do século XIX, a ocupação portuguesa realizou-se através da nomeação do primeiro administrador residente em 1885, tendo a povoação sido elevada à categoria de sede de Posto Militar e da circunscrição do mesmo nome, que incluía os territórios da Manhiça, Cherinda, Loyoti e Milalene. A vila foi criada pela portaria no 11978 de 18 de Maio de 1957, que extinguiu a circunscrição e criou na sua área o conselho do mesmo nome dotado de uma Câmara Municipal que entrou em funcionamento em 1958. Pelo mesmo diploma foi elevada à categoria de vila-sede do conselho. Após a independência nacional, as leis 6/78 e 7/78 de 22 de Abril extinguíram a vila e transformaram a Câmara Municipal em Conselho Executivo.

A designação Manhiça, na verdade, provém dos tempos do primeiro régulo desta região, Manacusse, que, em desobediência a Tchaka Zulo, partiu da África do Sul, via Suazilândia, até ao vale do rio Limpopo, à conquista de novas terras. No seu percurso ia deixando os madodas nas zonas que ocupava, tendo Magozoene ficado no espaço dos Xerinda, Timane nas terras de Intimane, e Manhiça, nas terras a que deu o seu nome.

Município da Manhiça em números

Vereações 4
Consumidores de energia 6204
Agentes económicos 137
Transportadores licenciados 24
Escolas secundárias 4
Escolas primárias do primeiro ciclo 28
Escolas primárias do segundo ciclo 23
Funcionários do município 90
Fontes de abastecimento de água 90
Analfabetismo 58 por cento
Vias de acesso construídas 3000 metros
Habitantes 157 mil.
População vulnerável e em estado de insegurança alimentar 7.5 por cento



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Num desamparo total

Com as características próprias de um local abandonado, a vila municipal de Ribáuè, na província de Nampula, cresce no meio de dificuldades. O acesso deficitário a água e a saúde, o desordenamento territorial, as estradas sem asfalto e o alto nível de desemprego são alguns dos principais problemas que apoquentam milhares de munícipes daquela autarquia. Porém, apesar de enormes privações por que a população passa, aquele ponto do país pode orgulhar-se do protagonismo que tem vindo a ganhar no campo agrícola. Nos últimos dias, os agricultores já começam a abandonar outras culturas para se dedicarem exclusivamente ao cultivo de mandioca para a sua venda à fábrica de cerveja.

Texto & Foto: Helder Xavier



Todos os dias, pelas manhãs, quando sai de casa à procura de água, Margarida, de 48 anos de idade, tem de percorrer pelo menos três quilómetros a pé até chegar ao fontenário mais próximo. Quase sempre, em busca do precioso líquido, ela tem de atravessar a linha férrea com um recipiente na cabeça ou nas mãos. Diga-se, em abono da verdade, que o acesso ao bairro onde mora é feito de forma precária, uma vez que não existe uma passagem de nível.

Apesar de a cada ano aumentar o fornecimento de água, a população continua a caminhar longas distâncias para obter o preciso líquido. A título de exemplo, frequentemente, quando a água deixa de jorrar naquele ponto, a dona Margarida é obrigada a caminhar pouco mais de 10 quilómetros, mais para o interior da localidade. Mas nem sempre consegue obter água para o consumo. “É uma situação muito difícil para todos os moradores”, de-sabafa.

Margarida e o seu agregado familiar, constituído por oito pessoas, vivem no bairro de Triângulo, na localidade de Namigonha, a 12 quilómetros da vila de Ribáuè. É um sofrimento constante, que começa nas primeiras horas do dia e termina ao pôr-do-sol. O problema não é de hoje, já é de conhecimento das autoridades locais, porém, pouco ou quase nada foi feito para mudar a situação.

Embora a vila municipal de Ribáuè seja abastecida por um sistema de água canalizada, o fornecimento de água potável aos habitantes ainda é feito de forma deficiente. Há bem pouco tempo, o distrito contava com 12 furos e três poços, para uma população estimada em mais de 140 mil pessoas. Presentemente o número cresceu, embora não de forma satisfatória, sobretudo a nível do município, onde o fornecimento é feito em condições extremamente difíceis. A nível do distrito de Ribáuè, cerca de 70 por cento da população ainda recorrem ao rio e poços tradicionais.



Na maioria dos bairros da autarquia, o acesso a água potável ainda é um problema sério, e afecta directamente pouco mais de seis mil pessoas. A essa situação, agrega-se o precário sistema de abastecimento.

mais frequentes têm a ver com furtos de galinhas e violência doméstica motivada por ciúmes.

Saúde

Não só a falta de água deixa a população à beira do desespero, o acesso à saúde é outro grande problema que tira o sono aos munícipes da pobre vila de Ribáuè. A nível do distrito não existem mais de 10 unidades sanitárias. Apesar disso, ainda se assiste a casos de pessoas que têm de percorrer longas distâncias para obter cuidados médicos.

As principais causas de internamento nas unidades sanitárias têm sido a malária e as doenças diarreicas. Em média, por mês, pouco mais de 25 pessoas são internadas. Os casos mais graves são transferidos para o Hospital Central de Nampula. Além de percorrer longas distâncias – pelo menos quatro quilómetros –, os pacientes são obrigados a aguardar por muito tempo nas filas para serem atendidos e receberem cuidados médicos. A nível do sector, neste momento, o desafio continua a ser o melhoramento do atendimento e a disseminação dos serviços de saúde a nível do município.

Electricidade e criminalidade

A falta de rede eléctrica era vista como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento do distrito. Presentemente, a situação parece prevalecer. Apesar de já contar com energia da Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB), a vila de Ribáuè continua a receber poucos investimentos e, em contrapartida, assiste à degradação das infra-estruturas. A iluminação pública ainda é deficiente.

Na maioria dos bairros a qualidade de energia ainda não é satisfatória. Mas, apesar de o município dispor de corrente eléctrica da HCB, a maioria da população recorre à lenha e ao carvão para a cozinha, além de usar velas e petróleo para a iluminação doméstica.

A questão da insegurança também preocupa os habitantes, apesar de a criminalidade ser quase inexistente na vila de Ribáuè. Porém, presentemente, os casos

Transporte

Não existe transporte público em Ribáuè. A circulação de pessoas e bens é garantida por pequenos operadores, que cobrem o percurso de 12 quilómetros entre a vila e a localidade de Namigonha, e vice-versa. O custo da viagem é 20 meticais, o que



é oneroso para grande parte da população. Em alternativa, os munícipes optam por motos. Exemplo disso é o professor de inglês Gaspar Paulino.

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



A areia vermelha dá cor aos edifícios, na sua maioria degradados e não só, que formam a parte de cimento da município. A primeira impressão com que se fica de Ribáuê é a de que nada foi feito nos últimos anos para proporcionar bem-estar aos residentes. Quando se dá uma volta pela autarquia, constata-se esse sentimento. Nessas estradas poeirentas, outro problema sobressai aos olhos: o lixo, o que revela, logo à partida, um sistema deficitário de recolha de re-

síduos sólidos.

Um pouco por todo lado é possível ver a ineficiência do Conselho Municipal de uma pequena cidade com todas as características rurais. Apesar de ter passado a dispor de pequenas infra-estruturas modestas e de alguns edifícios do governo distrital ganharem um novo fôlego, Ribáuê continua com um aspecto abandonado e, conseqüentemente, os problemas crescem a uma velocidade estonteante.

tâncias para depositarem o seu dinheiro. Porém, os mais afectados por essa realidade são na sua maioria os funcionários públicos, principalmente os professores, os profissionais de saúde e os polícias que são obrigados a efectuar uma viagem de comboio de pelo menos quatro horas até a cidade da Nampula para levantarem o salário.

Todos os meses, os funcionários públicos abandonam os seus respectivos postos de trabalho para ir consultar o saldo da sua conta bancária ou levantar os seus ordenados. Na maioria dos casos deixam-se ficar em Nampula em detrimento das suas obrigações laborais, alegando falta de sistema no banco. As situações mais frequentes estão relacionadas com os professores que chegam a ausentar-se duas semanas por mês, contribuindo negativamente para o aproveitamento pedagógico dos alunos.



A moda é produzir mandioca

Não há emprego em Ribáuê. Dedicar-se ao comércio informal, à agricultura ou emigrar são as únicas alternativas para os jovens. Na sua maioria, optam por tentar a sorte na cidade Nampula.

A agricultura é a actividade predominante, envolvendo quase todos os agregados familiares, mas com o início da fabricação de cerveja feita à base de mandioca, começa-se a assistir a uma nova realidade em Ribáuê. Há cada vez mais camponeses a abandonarem a produção de mapira, feijão nhemba, mapira, mexoeira, entre outros, para se dedicarem exclusivamente à cultura de mandioca.

Estêvão Mocupi, de 55 anos de idade, é agricultor há mais 20 anos. Começou por produzir feijão nhemba, milho, amendoim e mandioca. Porém, com a crescente procura de mandioca por parte da fábrica de cerveja, Mocupi virou as suas atenções para aquela cultura. Dispondo de 25 hectares, ele diz que o negócio é lucrativo e o seu desejo é tornar-se o maior produtor.



Ribáuê em números

População: + 150 mil
Superfície: 4894km²
Represas: 23
Estradas classificadas: 30km
Furos mecânicos: 12
Poços: 3
Energia eléctrica: +500 consumidores
Escolas: 92
Unidades Sanitárias: 9

O docente percorre com a sua motorizada sensivelmente 24 quilómetros diários, de segunda a sexta-feira, para leccionar em Namigonha. Auferindo um salário de 8.412 meticais, o jovem professor diz que gasta grande parte da sua remuneração em combustível para a moto. Um litro de diesel custa 55 meticais. “Não há transporte, somos obrigados a despendar o pouco que ganhamos de modo a deslocarmo-nos ao trabalho”, afirma.

Urbanização: Os problemas persistem

Ribáuê ainda é um dos municípios moçambicanos cujo desenvolvimento económico continua eternamente adiado. A falta de investimentos de grande vulto reflecte-se no estado em que se encontra a pacata autarquia. Os sinais de abandono são de veras preocupantes, e estão estampados em todas as partes. A começar pela estrutura urbana. A vila ainda apresenta características rurais.



O desordenamento territorial é um dos problemas que salta à vista quando se circula pelos bairros periféricos do município. Muhiliale, Murrapania e Molipihia são considerados os mais problemáticos. Num passado não muito longínquo, a vila de Ribáuê apresentava graves problemas de intransitabilidade das suas vias de acesso, principalmente as que ligam a vila aos bairros. O facto devia-se à crescente construção desordenada de casas, dificultando a circulação normal de viaturas.

Actualmente, as estradas encontram-se em estado degradado, não têm asfalto, quase todas são de terra batida, esburacadas e não oferecem as mais elementares condições. Há alguns anos, as autoridades municipais locais necessitavam de cerca de 1.5 milhões de meticais para fazer face à reabilitação das duas vias de extrema importância da vila (que ligam a escola secundária local ao Instituto Agrário), assim como do distrito em geral. Até o momento nada foi feito.

Namigonha: o pulsar da economia

Devido à sua localização geográfica, a localidade de Namigonha é um lugar estratégico para a vila de Ribáuê, sob o ponto de vista económico. Trata-se de um local de encontro e também um local onde centenas de pessoas procuram ganhar a vida das mais diversas maneiras, sobretudo ao longo da estação, onde o sector informal (a economia local) do posto administrativo de Ribáuê fervilha.

Namigonha é o principal mercado e o lugar onde o comércio ganha vida de forma impetuosa e, conseqüentemente, galvaniza a economia da vila. O desenvolvimento é impulsionado pela circulação do comboio, que faz a ligação ferroviária entre Nampula e Cuamba (na província de Niassa), e vice-versa.

Todos os dias, de terça a domingo, pelas as manhãs e ao meio-dia (período em que transitam os comboios vindos de Nampula e Cuamba, respectivamente), um grupo composto por mulheres e adolescentes deixa o seu lar para garantir o sustento diário do seu respectivo agregado familiar, vendendo produtos agrícolas como tomate, cebola, alho, couve, repolho, feijão, amendoim, entre outros. Alguns moram arredores de Namigonha e outros são oriundos da vila e têm de percorrer vários quilómetros para exercer a sua actividade de sobrevivência.

É na estação de Namigonha onde a vida económica do posto administrativo de Ribáuê ganha fôlego, local onde se podem encontrar as pequenas lojas, as barracas, o mercado, entre outros. Vende-se um pouco de tudo, mas é o negócio da venda de produtos agrícolas, com destaque para a mandioca, que chama a atenção dos visitantes. “Ribáuê está a desenvolver. Já temos energia de Cahora Bassa desde 2000. Mas ainda há muito por ser feito”, diz Ferreira Amade, proprietário de uma barraca em Namigonha.

A título de exemplo, a nível do distrito de Ribáuê, do município em particular, não existe sequer uma única instituição bancária. A população e os agentes económicos têm de percorrer longas dis-

ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique

A União Africana deve fazer mais pela paz

“O meu marido e o meu filho mais velho, incapazes de suportar a guerra, perderam a razão. Dois dos meus filhos foram crianças soldados e uma filha de oito anos foi sequestrada.

Texto: Miriam Gathigah, IPS • Foto: LUSA

“Não os veremos nunca mais”, disse Mariamu Dong sobre o conflito de 21 anos entre o Norte e o Sul do Sudão, agora dois países separados. Os seus sete filhos cresceram nesses anos sangrentos, mas apenas um conseguiu superá-los.

“Sinto-me como alguém a quem cortaram os membros, pois perdi o meu marido e os meus filhos na guerra. Somente o mais novo pôde sobreviver e agora vive no Quênia. E todo esse tempo o mundo olhava-nos de longe”, lamentou Dong. O Sul converteu-se num país independente em 9 de Julho de 2011. Dong vive no que hoje é o Sudão do Sul, em Torit. Entretanto, diariamente recorda a guerra que o mundo e a Organização para a Unidade Africana (OUA), agora chamada União Africana (UA), permitiram que continuasse por mais de duas décadas.

Foi um órgão regional, a Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento da África Oriental (IGAD) que finalmente conseguiu o Acordo Geral de Paz de 2005 entre o Governo de Cartum e o Movimento de Libertação do Povo do Sudão, que levou posteriormente ao fim da guerra e à independência do Sul. A IGAD é formada por Djibuti, Eritreia, Etiópia, Quênia, Somália, Sudão, Sudão do Sul e Uganda.

Especialistas em conflitos afirmam que a implantação de estratégias não violentas para acabar com as guerras deve ser prioridade quando o continente comemorou o Dia de África, celebrado no dia 25, incluindo os 50 anos da criação da OUA, transformada em UA em 2001. “A UA, e antes a OUA, dormiram durante boa parte dos conflitos africanos. Os milhões de vidas que se perderam no continente constituem o testamento do fracasso dessas organizações”, afirmou à IPS o especialista em paz e segurança congolês Lionel Ibaka.

Um exemplo é a guerra da República Democrática do Congo (RDC) que, segundo estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), deixou cinco milhões de mortos desde que começou em 1998, assinalou Ibaka. Em Março, o Conselho de Segurança da ONU resolveu enviar uma brigada de intervenção



para neutralizar grupos rebeldes que actuam no leste dessa nação do centro de África. Mas essa intervenção pode ter chegado tarde. “O banho de sangue e o terror na RDC são considerados os piores e mais destrutivos desde a Segunda Guerra Mundial”, advertiu Ibaka.

Um informe de 2010 da Agência das Nações Unidas para os Refugiados indica que a violência na RDC está “acompanhada por um uso evidentemente sistemático da violação e do ataque sexual por parte de todas as forças combatentes”. O documento acrescenta que 30 mil crianças foram recrutadas como soldados e viveram uma “violência indescritível”.

Nisa Luambo, uma jovem de 27 anos, da província de Kivu Sul, foi obrigada a passar por algo semelhante. Embora não tenha perdido a vida, a violência matou uma parte de seu ser. Tinha 12 anos quando começou a guerra e se viu separada de sua família. “Fui abusada sexualmente tanto por soldados como por civis. Sofri quatro abortos nessa época, e não tinha cuidados médicos nem comida”, contou à IPS.

“As pessoas perguntam-me o que quero para o futuro, e eu respondo com o meu silêncio. Onde estavam quando nos violavam e nos batiam até quase morrermos? Sim, tivemos sorte porque muitas morreram”, acrescentou Luambo. O país continua instável e não se vislumbra o fim do conflito. “Quando penso no amanhã não sinto alegria. Sei que não há amanhã para um povo que vive em guerra”, afirmou.

Vincent Kimosop, director executivo da instituição não governamental designada Instituto Internacional para Assuntos Legislativos, que dá assistência jurídica a órgãos do Governo, parlamentares e outros atores do processo legislativo, acredita que a ausência de governo está no coração do conflito africano. “A UA deve fazer mais para apoiar o desenvolvimento de instituições de governação, pois é a base para que um país funcione”, disse à IPS.

Para Javas Bigambo, especialista em governação, direitos humanos e desenvolvimento, a “UA não pode ser cega diante das atrocidades e dos horrores cometidos por presidentes africanos. É lamentável, mas a UA raramente encontrou algum erro num líder africano ou proporcionou soluções para os problemas económicos e de governabilidade”. A história continental de conflitos violentos “aponta para essa destrozada fábrica social e política. África está em perpétua agitação”, afirmou.

O genocídio de Ruanda, uma carnificina na qual foram assassinadas 800 mil pessoas, e a violência pós-eleitoral do Quênia em 2007, na qual mil pessoas morreram e 600 mil foram forçadas a fugir, também são parte dessa lógica africana. No entanto, Julius

Mucunguzi, académico ugandês especializado em notícias de conflitos, acredita que as coisas estão a mudar. “África está num caminho de renovação. Está a melhorar. Embora a OUA tenha sido criada há 50 anos, a UA tem pouco mais de uma década e já está a criar estruturas para aprofundar a paz e a segurança”, disse à IPS.

Contudo, “instituições como o seu Conselho de Paz e Segurança devem investir em mecanismos de alerta para detectar sinais de possíveis conflitos e evitar que aconteçam”, ressaltou Mucunguzi. Para o desenvolvimento de África é crucial existirem meios de comunicação independentes, pluralistas e vibrantes, e a UA deve criar um clima que celebre a liberdade de Imprensa e o direito à informação, recomenda o especialista. No ano passado, 18 jornalistas foram assassinados na Somália.

Em Uganda, a intolerância estatal contra os *media* ficou evidente no dia 20 deste mês, quando o Governo fechou o Daily Monitor, principal jornal desse país da África oriental. O impresso, o site e duas emissoras de Rádio que faziam parte do mesmo grupo também foram fechados por informarem sobre uma carta que envolvia o Presidente, Yoweri Museveni, em operações para assegurar que o seu filho assumia a Presidência.

Contudo, e apesar da actual instabilidade e das turbulências, “África está a conseguir progressos significativos”, insistiu Mucunguzi. A economia da integração também é fundamental. Segundo Bigambo, a UA “deve fortalecer blocos económicos”, como a IGAD, a SADC, a Comunidade Africana Oriental e o Mercado Comum da África Oriental e Meridional. “O comércio regional é um componente estratégico para promover uma África integrada, próspera e pacífica”, concluiu.

Eduardo dos Santos garantiu a Obiang entrada da Guiné Equatorial na CPLP

A Guiné Equatorial recebeu do Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, a garantia de que entrará formalmente na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em 2014 – disse o líder do regime, Teodoro Nguema Obiang, depois de um encontro em Luanda.

Texto: jornal Público de Lisboa • Foto: portalde angola.com

“O Presidente dos Santos assegurou que a Guiné Equatorial vai entrar na próxima reunião”, disse Obiang, segundo a agência Angop, no final de uma visita que fez a Luanda.

O apoio de Angola à adesão da antiga colónia espanhola como membro de pleno direito da comunidade lusófona é conhecido, mas, desta vez, segundo Obiang, foi assegurada a entrada.

A citação atribuída a Obiang na edição online do Jornal de Angola tem um tom um pouco diferente: “O meu irmão assegurou que vai apoiar a entrada da Guiné-Equatorial na próxima cimeira”.

“Estamos a sensibilizar neste momento os países membros para que a Guiné possa então aderir à comunidade”, afirmou também, segundo a Angop, o homem que governa o país em ditadura há mais de três décadas.

Contactado pelo PÚBLICO, o secretário executivo da CPLP, Murade Murargy, disse não ter conhecimento das conversas mantidas no encontro de Luanda, mas adiantou que



“se o Presidente José Eduardo dos Santos garantiu ao Presidente Obiang que vai apoiar a candidatura isso é um bom passo para uma análise favorável da candidatura”.

A Guiné Equatorial é observador associado da CPLP desde 2008 e o seu pedido de adesão foi o tema quente das duas últimas cimeiras de chefe de Estado e de Governo, em 2010, em Luanda, e 2012, em Maputo. A possível entrada tem sido contestada pelo facto de legitimar um regime ditatorial, com pena de morte e ausência de direitos civis. Mas, formalmente, Portugal é o único Estado que se tem oposto à entrada.

Obiang, que desde 2004 tenta entrar para a CPLP – nesse ano esteve na cimeira realizada em São Tomé e Príncipe –, publicou um decreto que declara o português como ter-

ceiro idioma oficial, a seguir ao castelhano e ao francês. Aprovou também a incorporação da língua portuguesa nos currículos escolares e a criação de centros culturais e leitorados nas universidades.

Ainda assim, em 2012, os países membros concluíram que não estavam reunidas as condições para a adesão devido à falta de consenso e mantiveram a Guiné Equatorial de fora. Portugal assumiu a discordância, com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Portas, a declarar que os principais obstáculos à entrada da Guiné Equatorial são a pena de morte e a ausência de direitos civis. Já depois disso, a Guiné Equatorial foi autorizada a abrir uma embaixada em Lisboa.

Em Dezembro, Murade Murargy reconheceu que a pena de morte é um “grande entrave” e que a CPLP quer que quando um Estado entra “venha com uma folha limpa”: “No sentido de que vai observar os nossos princípios”, esclareceu. Na altura, numa entrevista em que também foi questionado sobre a Guiné-Bissau, anunciou a criação de um “grupo de acompanhamento” para apoiar a Guiné Equatorial, “aconselhando os passos que deve seguir para que possa ser membro efectivo”. E admitiu a possível entrada em 2014. “Estamos esperançados de que, se tudo correr bem, possa entrar na próxima cimeira, em Díli. É uma hipótese.”

Os membros de pleno direito da CPLP são Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Um quarto das crianças do mundo falha na escola por sofrer de malnutrição

Um quarto das crianças do mundo tem o seu desempenho escolar em risco por causa de malnutrição, denunciou esta semana a organização internacional Save the Children, que apresentou um relatório sobre o impacto negativo de uma dieta deficiente na aprendizagem infantil.

Texto: jornal Público, de Lisboa • Foto: LUSA

No seu relatório Food for Thought, divulgado na terça-feira (28), a Save the Children aponta para os “danos irreversíveis” da malnutrição crónica em milhões de crianças de países em desenvolvimento, que não só faz o risco de morte infantil disparar, bem como põe em causa a sua aprendizagem – e o seu acesso a um emprego mais qualificado e a uma vida melhor por efeito da educação.

Um estudo levado a cabo com mais de 7300 crianças, na Etiópia, Índia, Vietname e Peru, demonstrou que as crianças mal alimentadas tinham maiores dificuldades para aprender a ler e escrever. Aos oito anos de idade, 19% das crianças subnutridas exibiam uma maior propensão para se enganar na leitura de frases simples como, por exemplo, “o sol está quente”; 12,5% revelavam maior tendência para o erro na escrita e 7% tinham um desempenho pior na execução de operações simples de aritmética do que os colegas sem défices nutricionais.

O relatório cita, por exemplo, um menino de 12 anos da Etiópia, Shambel, que diz que “as crianças que tomam pequeno-almoço antes de vir para a escola aprendem bem a lição, mas para mim é mais difícil porque não como o suficiente”. De acordo com estimativas avançadas pela Save the Children, uma em cada quatro crianças do mundo sofrem de atrofia ou tem o seu desenvolvimento tolhido por deficiências na alimentação.

Os danos da malnutrição infantil não são apenas físicos. “Nos países em desenvolvimento, a subnutrição é um dos factores que explica a crise de iliteracia”, alertou a directora executiva da Save the Children International, Jasmine Whitbread, na apresentação do relatório. “São milhões de crianças, um quarto



da população infantil, que têm o seu desenvolvimento cognitivo e educativo em risco”, sublinha, referindo que o estudo mostra, também, que as crianças mal alimentadas ganham, em média, menos 20% quando chegam à idade adulta.

“As conclusões deste relatório confirmam os nossos piores receios: de que a malnutrição prejudica irreversivelmente as hipóteses de futuro de uma criança mesmo antes de ela pôr os pés numa sala de aulas. É verdade que foram feitos enormes progressos no combate à mortalidade infantil, mas o facto de 25% das crianças do mundo terem, à partida, o seu desempenho escolar comprometido tem graves consequências em termos dos esforços para pôr fim à pobreza global”, referiu.

As consequências económicas da malnutrição infantil em termos de crescimento económico podem ascender aos 125 mil milhões de dólares em 2030, projecta a Save the Children.

Desde 1999, o número de crianças que passou a frequentar o ensino básico aumentou em mais de 40 milhões. “Mas isso não resolve a crise global na educação, uma vez que, por causa das carências alimentares, temos 130 milhões de crianças na escola sem conseguir aprender. Ou seja, continuam sem ter as competências básicas e, por isso, sem ter a oportunidade de cumprir o seu potencial e levar uma vida produtiva”, lamenta.

A apresentação do relatório da Save The Children coincide com a realização de uma ci-

meira dos líderes do G8 (grupo dos oito países mais industrializados do mundo), na Irlanda do Norte, nos dias 17 e 18 de Junho. Aproveitando o “embalo”, o Governo britânico organiza uma sessão especial dedicada às questões da alimentação, no início de Junho, em Londres: a organização de defesa das crianças apelou aos seus participantes para incluir o combate à malnutrição infantil na sua lista de prioridades.

“Pedimos aos líderes mundiais que usem esta oportunidade para se comprometerem com medidas que permitam acabar com o flagelo da malnutrição. O aumento no financiamento dos programas de nutrição dos países mais afectados por este problema pode transformar a vida de milhões de crianças”, frisou Whitbread.

Um grupo de escritores de livros infantis do Reino Unido – entre os quais o criador do urso Paddington, Michael Bond, e a autora da popular série The Gruffalo, Julia Donaldson – associou-se ao apelo da Save the Children, e lançou uma campanha de sensibilização da opinião pública e dos governos internacionais.

“O impacto da malnutrição infantil pode ser devastador e não deve ser subestimado. Este é um flagelo que impede as crianças de desenvolver os seus corpos e os seus espíritos. É uma fome global de literacia”, considerou Julia Donaldson.

Publicidade

CAMISOLAS PARA MENINAS BEBÊS
Tamanhos 6-24 meses
8900 MT cada

COLETES DE MALHA PARA MENINOS BEBÊS
Tamanhos 6-24 meses
14900 MT cada

CONJUNTOS DE 2 CAMISOLAS PARA RECÉM-NASCIDOS
Tamanhos 0-6 meses
13900 MT por conjunto

SAPATOS CASUAIS PARA MENINOS BEBÊS
Tamanhos 1-3
13900 MT por par

SAPATOS CASUAIS PARA MENINAS BEBÊS
Tamanhos 1-3
9400 MT por par

GORROS DE ESTILO PARA BEBÊS
4400 MT cada

CASAQUINHOS DE MALHA PARA BEBÊS
13900 MT

RECIPIENTES PARA COMIDA DE BEBÊ
4400 MT cada

GARANTIA DE DEVOLUÇÃO DE DINHEIRO

PEP

Melhores preços e mais!

Começa a 31 de Maio de 2013

Temos todas as recargas sempre ao preço mais baixo!

082 gto

Mundo

Mugabe critica Mandela por ter sido suave para com os brancos

O Presidente Zimbabweano, Robert Mugabe, criticou o antigo Presidente sul-africano, Nelson Mandela, alegadamente por ter sido suave para com os brancos. Estas declarações fazem parte de um documentário que retrata a vida do líder da ZANU-FP.

Texto: Milton Maluleque • Foto: LUSA

Num lanche familiar na companhia da sua esposa e filhos, o estadista, de 89 anos de idade, fala do seu controverso reinado político, até à sua relação com os antigos Primeiros-Ministros britânicos Tony Blair e Margaret Thatcher (esta última falecida).

A entrevista, de cerca de duas horas e meia, detalhada na íntegra pelos media britânicos e sul-africanos, mostra o lado humano e familiar de Mugabe, contrastando com o comportamento belicista e de violência verbal a que o mundo se habituou.

Dali Tambo, filho do herói sul-africano da luta contra o Apartheid, Oliver Tambo, é o produtor do documentário a ir ao ar na televisão pública da África do Sul, a SABC3, neste domingo.

As imagens foram captadas na casa de campo da Primeira-Dama do Zimbabwe, Graça Mugabe. Esta entrevista acontece a poucos meses da realização das cruciais eleições gerais



do país que um dia foi considerado celeiro do continente, mas hoje é um dos mais pobres.

Posse de terra

Na vizinha África do Sul, onde a terra continua nas mãos de latifundiários brancos, Mugabe defendeu que o antigo Presidente Nelson Mandela, foi muito suave.

“Mandela foi muito longe ao ser bom para a comunidade branca, muita das vezes usando os próprios negros”, considera Mugabe.

O estadista zimbabweano acusou Mandela de ter sido mais do que um santo. Apesar de ter tido várias divergências com a antiga Primeira-Ministra britânica, Margaret Thatcher, falecida em Abril último, Mugabe diz que preferia a “Dama de Ferro” do que o seu sucessor, Tony Blair.

“Na senhora Thatcher, podia confiar. Mas no Partido Trabalhista e no Blair, principalmente depois do que aconteceu, não. Foram provas mais do que suficientes para não confiar nele”, afirmou Mugabe, tendo acrescentado que “ninguém confia no Senhor Blair”.

Permanência no poder

Mesmo estando no poder há 32 anos, o que faz dele um dos líderes vitalícios africanos, ele insiste que continuará no poder. “O meu povo ainda necessita de mim”, disse. “Quando o povo ainda necessita de si para os liderar, não existe tempo e não importa o quão velho se é para dizer adeus”.

Mugabe, divide o poder com o seu rival, o Primeiro Ministro Morgan Tsvangirai, depois da violência pós-eleitoral de 2008. Nenhuma data foi até aqui avançada para a realização das eleições.

Refira-se que num dos trechos da “grande entrevista”, Robert Mugabe, falou do seu relacionamento com a actual Primeira-Dama, Graça, enquanto ainda estava casado com a sua primeira esposa, Sally.

“Enquanto a Sally estava nos seus últimos dias de vida, mesmo que isto pareça aos olhos de alguns como um acto cruel, eu disse para mim mesmo que não era só eu que queria um filho. A minha mãe dizia sempre que morreria sem ter visto os seus netos”.

Mugabe viria a casar com Graça, sua antiga secretária, depois da morte da sua primeira esposa Sally em 1992. O casal tem três filhos.

Escassez de recursos dita novos ataques xenófobos em Orange Farm e Sebokeng

A escassez de recursos locais para acomodação e bens para a comercialização informal está na origem de novos ataques xenófobos registados nas últimas duas semanas em Orange Farm e Sebokeng, subúrbios vizinhos, localizados a sul de Joanesburgo, que vivem a braços com índices assustadores de desemprego.

Na sexta-feira da semana passada, a marcha que teve lugar em Orange Farm contra a expropriação de casas adquiridas ilegalmente pelos residentes locais, promovida pelo recém-criado Partido Socialista e dos Trabalhadores (Wasp), culminou com actos de sabotagem e de pilhagem às lojas pertencentes a cidadãos estrangeiros.

Este evento é idêntico ao ocorrido em Fevereiro de 2010, quando estudantes do ensino primário se envolveram em saques às lojas de emigrantes em Orange Farm, como forma de protestar contra a falta de bens de primeira necessidade.

Desta vez, os protestos foram organizados pela Wasp, que desmente a autoria das pilhagens. Entretanto, o partido reconhece que os residentes de Orange Farm competem para a obtenção de bens de primeira necessidade e que estes viviam com as sequelas da xenofobia.

Os saques

O porta-voz da polícia provincial de Gauteng, Lungelo Dlamini, disse que estas ocorrências teriam iniciado, na segunda-feira da semana passada, os protestos em torno da escassez de bens de primeira necessidade em Sebokeng, o último subúrbio a sul da província de Gauteng.

As estradas de acesso ao bairro foram bloqueadas e o protesto rapidamente espalhou-se para os subúrbios vizinhos de Evaton e Orange Farm, que se localizam a menos de 20 minutos. A Polícia suspeita que a circulação pelas vias tenha sido interrompida na tentativa de inviabilizar o acesso da corporação às zonas atingidas pelos saques.

Já na quinta-feira da semana passada, a Polícia teria advertido os estrangeiros residentes naquelas áreas para que abandonassem o local, tendo ainda ajudado alguns a retirarem os seus bens das lojas e das suas residências.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Catalina Farias-M&G



A corporação recebeu ainda informações de que as escolas seriam encerradas na última sexta-feira, para que os petizes participassem nos protestos. Mais de 100 pessoas foram detidas em conexão com a pilhagem das lojas e residências de estrangeiros e compareceram perante o tribunal esta semana.

Evidências de perigo

Os proprietários das lojas passaram a noite da sexta-feira nos arredores do posto policial. Vidros quebrados nas suas lojas serviram como evidência do perigo que corriam naquele dia. Para a Wasp, o triste cenário não está directamente ligado à violência

xenófoba de 2008, porém, afirma que os “ingredientes” para uma nova onda de xenofobia estão patentes.

O porta-voz da nova formação política, Mamatwe Sebei, diz que os incidentes da última semana não devem ser vistos como ataques xenófobos. Para Sebei, o actual dilema da habitação na área irá continuar a criar condições para a ocorrência de uma nova onda de violência, em particular contra o cidadão estrangeiro.

Os residentes de Orange Farm afirmam que o Governo edificou cerca de mil casas para distribuí-las pelos mais desfavorecidos, um projecto denominado RDP, mas grande parte dos edifícios teria sido ocupada ilegalmente.

Selo d'@Verdade

Sobre o Acordo Geral de Paz e as exigências da Renamo

Aqui no meu país, alguns documentos (como Acordo Geral de Paz, contratos assinados pelos exploradores dos recursos minerais, etc.) andam “negligenciadamente” bem distantes do público (não sei se só andam distantes de mim, e não do resto dos moçambicanos).

Num país democrático como o nosso, não se justifica que em todas as escolas por onde andei, nas bibliotecas não haja a Constituição da República, e este “livro sagrado”, por mim, nem devia ser vendido, devia ser distribuído gratuitamente porque acredito que existem alunos finalistas da 12ª classe, para não falar de alguns que estejam no ensino superior, que nunca leram pelo menos um artigo da Constituição de República, ou por outra, devia-se anexar a Constituição a uma das disciplinas nas classes de lá de baixo (7ª Classe) onde muitos moçambicanos conseguem chegar, e com a introdução desta, pelo menos poderíamos conhecer melhor os nossos Deveres e Direitos.

Para não fugir muito do assunto prefiro desde já tratar de falar do Acordo Geral de Paz (AGP). Nós os moçambicanos, as vezes *ilegitimamos* inconscientemente as reclamações do presidente da Renamo, olhamos para a Renamo, Dhlakama e os membros em geral e pensamos que eles são “tolos”.

Eles dizem que o que foi assinado no AGP não está a ser cumprido, e nós para lhes criticarmos, precisamos de ter acesso ao AGP para analisarmos o que foi acordado entre as partes (Renamo e Governo) e, uma vez que este acordo que devia ser do domínio público, não “existe”, andamos a falar mal inconscientemente ou mesmo rirmo-nos de Dhlakama e os seus membros quando apresentam as suas inquietações.

Quando falamos da Independência Nacional, foi-nos ensinado em quase todas as classes que passamos os contornos por que se passou para o alcance da mesma, a informação anda em todo o lado, recheando as bibliotecas. Mas, quando falamos do Acordo Geral de Paz, só nos dizem que se assinou em 1992 em Roma. Afinal qual foi o Acordo?

Somos todos domesticados a falar a mesma língua partidária, de uma maneira “coerciva”, onde ninguém deve apresentar opiniões diferentes, sob pena de ser considerado da oposição e, consequentemente, perder o pão ou ser transferido da Escola Secundária Josina Machel em Maputo para ir dar aulas no Posto Administrativo de Nangade em Cabo Delgado.

Por exemplo, qualquer pessoa que ler este artigo logo vai chegar à conclusão de que o autor do mesmo é da oposição, e eu não culpo ninguém por isso, porque todos que pensam assim foram domesticados para pensar assim mesmo! Nem para pensar que

talvez o autor seja um neutro (apartidário) ou mesmo do próprio “partidão”, não conseguem pensar até esse ponto, porque, repito, foram domesticados (domados)!

Uma vez que não gosto de ser domesticado, e nem ver outros a passar pela mesma situação. (Insultar quem diz que o AGP não está a ser cumprido, e sem ler primeiro o tal documento é mesmo que aceitar assinar um contrato sem ver pelo menos uma cláusula) e, para não cair na mesma erro, e ciente de que existem também moçambicanos que ainda não tiveram acesso ao AGP, desde já, quero compartilhar alguns pontos gerais deste Acordo:

Eis os pontos do Acordo Geral de Paz

Protocolo I - Dos Princípios Fundamentais:

1. “O Governo compromete-se a não agir de forma contrária aos termos dos Protocolos que se estabeleçam, a não adoptar leis ou medidas e a não aplicar as leis vigentes que eventualmente contrariem os mesmos protocolos. (Página 9).

2. Os partidos gozam dos seguintes direitos:

- a) Igualdade de direitos e deveres perante a lei
- b) Cada partido deve poder difundir livre e publicamente a sua política.
- c) Nenhum cidadão pode ser perseguido ou discriminado em razão da sua filiação partidária ou das suas opiniões políticas. (P.15)

Deveres dos partidos

d) Na sua organização interna os partidos devem respeitar plenamente os princípios de livre filiação dos seus membros, os quais não poderão ser obrigados a ingressar ou permanecer num partido contra a sua vontade. (P.17)

I. Liberdade de imprensa e de acesso aos meios de comunicação

b) Regulamentos administrativos e fiscais não serão, em nenhum momento, aplicados de maneira a discriminar ou impedir o exercício deste direito por razões políticas. (P.19) II. Liberdade de associação, expressão e propaganda política

b) A liberdade de associação, expressão e propaganda política compreende o acesso não discriminatório à utilização de lugares e instalações públicas. (P.21)

V. Procedimentos eleitorais

3 - Comissão Nacional Eleitoral (CNE)

a) Para organizar e dirigir o processo eleitoral, o Governo, constituirá uma Comissão Nacional de Eleições composta por pessoas que, pelas suas características profissionais e pessoais, dêem garantias de equilíbrio, objectividade e independência em relação a todos os partidos políticos. (Pág. 23)

7- a) O Governo empenhar-se-á em facilitar à RENAMO a obtenção de instalações e meios, com vista a permitir a possibilidade de alojamento, movimentação e comunicação para o desenvolvimento das suas actividades políticas(...). (Pág. 27)

Formação das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM)

b) As FADM serão apartidárias, de carreira, profissionalmente idóneas, competentes, exclusivamente formadas por cidadãos moçambicanos voluntários, provenientes de forças de ambas as partes(...) (Pag.29).

Olhando para os pontos acima referidos (do AGP), e, fazendo uma análise da situação política em Moçambique, onde são destruídas as sedes dos outros partidos, são queimadas as bandeiras, são ilegalmente detidos os opositores, são “perseguidos” os funcionários públicos que se filiam a partidos diferentes do “partidão”, são aos professores descontados coercivamente os seus salários para pagar quotas do partido bem como a construção de sedes do partido.

Nisto tudo, posso dizer que a Renamo ou a oposição tem um pouco de razão noutras coisas. E para mim só perde a razão quando recorre a armas. Volto a apelar a esses dois (Renamo-Governo da Frelimo) a não usarem armas para resolver qualquer problema, mas sim a optarem pelo diálogo... diálogo... diálogo... diálogo... com êxito!

“Os membros detêm a mais ampla liberdade de expressar a sua crítica e opinião, sendo-lhes exigido o respeito pelas decisões tomadas democraticamente, nos termos dos Estatutos”. (Estatuto do Partido Frelimo Artigo 19)

“Todos os cidadãos têm direito à liberdade de expressão, à liberdade de imprensa, bem como o direito à informação”. (Constituição da República Artigo 48)

Pedro Cossa



Liga Muçulmana é privilegiada

A Liga Muçulmana continua a ser a equipa mais privilegiada no Moçambola. Desmente quem quer que seja, mas esta é a pura verdade. Senão vejamos: depois de ter conquistado os dois campeonatos nacionais, consecutivamente, e ter tido o privilégio de receber o troféu na hora, ou seja, após o jogo, contrariamente ao que aconteceu com o Maxaquene no último campeonato que se sagrou campeão nacional, eles dão-se o luxo de adiar jogos a seu bel-prazer.

Alegando participação nas Afrotas, a Liga Muçulmana não aceitou jogar com o Maxaquene, Vilankulo FC e Costa do Sol a contar para a 5ª, 7ª e 9ª jornadas, respectivamente, no meio de semana, conforme a marcação dos jogos pelo organismo que superintende o Moçambola. Os dirigentes desta colectividade pediram adiamentos sucessivos e contra o Maxaquene fizeram-no por duas vezes, isto é, duas quartas-feiras consecutivas, sendo que na última justificaram-se pela viagem para Congo, onde foram perder por 4 - 0 com o todo-poderoso TP Mazembe, mas na verdade a mesma aconteceu na sexta-feira.

No meu ponto de vista, estes jogos só poderão ser realizadas após a eliminação da equipa nestas lides africanas, claro que não torço para que isso aconteça!

Em nenhuma parte do mundo se proíbe a realização de jogos a meio de semana, principalmente, partidas em atraso. Que privilégios têm os atletas da Liga para não serem sacrificados às quartas-feiras, em prol da boa organização do Moçambola? Isto está a transformar-se numa autêntica “batota”, pois os *muçulmanos* poderão, facilmente, controlar os seus adversários directos na luta pelo título, dado o número excessivo de jogos em atraso.

Meus senhores, historietas sobre este clube, em termos de favoritismos, perpetrados pelos árbitros e dirigentes do nosso futebol, por causa do poderio financeiro deste clube, já estamos cansados de saber, mas desta maneira e, a olho de todos, já é demasiado. O tratamento entre os clubes deve ser igual para todos. Imaginem a equipa qualificar-se para a fase de grupos da tal competição, então, aí eles vão optar por desistir do campeonato doméstico, porque, ao que se percebe, quando estão a nível africano não querem misturar as coisas.

Contudo, espero que consigam reverter o desaire de Lubumbashi, no seu campo na Matola, dentro de dias, pois está em jogo o futebol moçambicano além-fronteiras.

Alcides Bazima



O FUTEBOL VÊ-SE MELHOR COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Moçambola: HCB de Songo e Maxaquene firmes na liderança

O HCB de Songo derrotou, no passado domingo (26), o Vilankulo FC, por 2 a 0 e manteve a liderança da competição com 18 pontos, igualando, para já, o Maxaquene que no arranque desta décima jornada também venceu o Têxtil de Púnguè, por 2 a 1. O Desportivo de Nacala, equipa que à entrada desta ronda estava no pelotão de comando, para além de ter perdido três pontos no “gabinete”, averbou uma derrota diante da Liga Muçulmana caindo para a sétima posição.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguenze

Para o triunfo do HCB de Songo no campo Municipal de Vilankulos diante dos “Marlins”, combinaram todos os elementos. O primeiro, sem dúvida, uma grande exibição de Soarito entre os postes. Já se sabe: um guarda-redes inspirado pode assegurar uma má digestão para qualquer ataque. E foi isso que aconteceu com a equipa da casa.

O outro elemento, como em todos os desportos, é a sorte. Estava escrito que a HCB de Songo ganharia o duelo embora o Vilankulo FC não merecesse a derrota. É melhor explicarmos: Osvaldo, camisola 8 do Vilankulo FC, esteve perto do golo. Passou por Mucupael, “sentou” literalmente Fanuel e ainda fez a bola passar por cima de Soarito. Um contra-ataque letal que incluiu velocidade, arte e foi culminado pela má sorte. Aliás, muita má sorte. A bola perdeu-se pela linha de fundo. Nesse lance a superioridade dos “Marlins” poderia ser traduzida em golo, mas o azar disse não.

Prossigamos com a história. O Vilankulo, como em toda época passada nos jogos em casa, era a melhor equipa em campo. Contudo, foram os visitantes que marcaram por intermédio de Babo. Num remate colocado que culminou um lance de contra-ataque, Babo recebeu o passe junto ao lado direito do seu ataque, flectiu para o meio e disparou para gelar o campo. Antes disso, Soarito evitou, com duas grandes intervenções, o golo do VFC.

A vantagem da HCB desorientou o VFC que recuou no terreno e permitiu que a equipa da agreste província de Tete respirasse. Até ao final da primeira parte o jogo decorreu na zona intermédia. Chiquinho substituiu Abdul por Tendai ainda no primeiro tempo.

Na etapa complementar o Vilankulo FC instalou-se literalmente no meio-campo da HCB de Songo. A avalanche ofensiva da equipa da casa esbarrou nas luvas de Soarito. Onde o guarda-redes da HCB não chegou o poste deu uma ajuda.

Numa jogada de insistência Osvaldo “deitou” o lateral direito da HCB que, sem hipóteses de travar o adversário, jogou a bola com a mão. O árbitro não hesitou e apontou para a marca de grande penalidade. Matlombe, na cobrança, rematou ao lado do poste esquerdo de Soarito. Não era definitivamente dia da equipa da casa.

Quando já não se podia esperar o pior foi Babo, em estado de graça, quem acabaria por enterrar os “Marlins”. Um golo no minuto 84 que estabeleceu a ditadura da eficácia, num jogo em que o Vilankulo FC aprendeu, da pior forma, que o futebol pode ser injusto.

No final, sofrido triunfo dos homens de Songo, que ao menos cumprem com o seu papel de aspirantes ao título, que não é outro senão ganhar as suas partidas, mesmo que não demonstrem futebol para tal. E, quanto ao VFC, perde mais do que três pontos pois de momento está numa zona incómoda da tabela classificativa. Sempre se pode confiar em Chiquinho Conde em condições adversas, mas a verdade é que o VFC se meteu numa encruzilhada de orações da qual ainda está por ver se logrará sair indemne.

Costa do Sol averba a terceira derrota

Na tarde de sábado (26), a vez foi do Costa do Sol entrar no santuário de Nampula para, de forma frustrada, sair sem a ambicionada “bênção” que pretendia. Razões: uma equipa distraída nunca ganha jogos.

Aliás, a equipa canarinha entrou irreconhecível e despreparada se calhar, perceba-se, para brilhar naquele relvado desconfigurado do campo 25 de Junho. E no primeiro lance de ataque do seu adversário sofreu golo.



Foi através de uma cobrança rápida de livre, em que a bola sobrevoou até à zona da grande área, perante a desatenção dos centrais canarinhos que só “acordaram” ao ver as malhas de Gervásio receberem o esférico introduzido de cabeça por Belito. Estavam jogados apenas sete minutos da partida.

O Costa do Sol, ao seu estilo característico, fez o jogo de paciência circulando e trocando mais a bola entre os jogadores, na expectativa de ver a equipa da casa a desapertar-se na zona mais recuada ou, ainda, a cometer algum erro. Debalde. Para além de o piso do campo não ter ajudado aquela equipa na construção de jogadas ofensivas, no primeiro quarto de hora podia ter sofrido mais um golo se não fosse a falta de pontaria de Hipo que atirou por cima da baliza.

No único lance em que a turma canarinha conseguiu aplicar-se com perfeição, jogando a um toque e impetuosa na transição de bola, chegou ao tento. O homem mais avançado no terreno, Tony, ganhou o esférico no flanco direito e cruzou para Rúben que, no lugar de fazer o remate de primeira, entregou Nelson que, de primeira, restabeleceu a igualdade no marcador.

E engana-se quem pensa que com o golo o Costa do Sol se levantou. Pelo contrário. Foi obrigado a recuar para não sofrer com a audácia da equipa locomotiva, que ao minuto 28 desperdiçou um “frango” oferecido pelo guarda-redes Gervásio ao entregar a bola de bandeja ao seu oponente Belito que rematou para a linha do fundo.

No reatamento, o Ferroviário de Nampula quase passou ao lado da partida. É que nesta etapa do jogo, o seu adversário entrou imponente e disposto a alterar o marcador a seu favor.

Tentou o Costa do Sol, em dois momentos separados, violar a baliza de David, primeiro ao minuto ao 57 na cobrança de um livre directo por intermédio de Manuelito II e, segundo, pelo mesmo jogador que dentro da grande área desferiu um remate frouxo para as mãos seguras do guarda-redes. Os donos da casa pouco fizeram e, ainda assim, já no período de compensação, chegaram ao golo da vitória num lance em que, mais uma vez, os centrais do Costa do Sol se distraíram-se a ponto de Jerry, que entrou no jogo no minuto 88, aparecer do nada e sem marcação para fazer o 2 a 1 final.

Desportivo de Nacala perde pontos no “gabinete”

A equipa canarinha do norte do país, estreante no Moçambola e que até à entrada da décima jornada ocupava a primeira posição da prova com 15 pontos, os mesmos que o Maxaquene e o HCB de Songo, perdeu os três pontos que conquistou diante do Ferroviário de Maputo em jogo da quinta jornada do Moçambola, mercê da vitória por 1 a 0.

É que por mero erro da arbitragem, que mostrou duas cartolinas amarelas ao mesmo jogador do Desportivo, Sebastien Lamah, sem ser expulso através da exibição de um cartão vermelho, o Conselho de Disciplina da Liga Moçambicana de Futebol (LMF) mandou repetir o jogo. No entanto, a direcção daquele clube protesta a decisão alegando que a infracção foi meramente do árbitro e do delegado da LMF que não reportaram fielmente as ocorrências daquela partida ameaçando, por outro lado, não

comparecer ao segundo jogo, bem como denunciar o caso à FIFA, órgão máximo que superintende o futebol a nível mundial.

Aliás, Monteiro César, o delegado, foi punido com uma multa de três mil meticais por ter faltado à verdade no seu relatório ao reportar que dois jogadores do Desportivo de Nacala e com camisolas diferentes, 8 e 18 (ainda que tratando-se do mesmo atleta, Lamah, número 18) viram a cartolina amarela, a última nos minutos finais da partida, o que deixa clara a ideia de que se trata de uma nova artimanha para a falsificação de resultados desportivos no futebol moçambicano. Aliás, o árbitro em causa, Justino Zandamela, mantém-se impune como se nada tivesse feito, sem contar com o facto de o presidente do Conselho de Disciplina da LMF ser um funcionário sénior dos Portos e Caminhos-de-Ferro de Moçambique (CFM), empresa que suporta o Clube Ferroviário de Maputo (CFVM), equipa protestante.

Já no sábado, o Desportivo de Nacala perdeu diante da Liga Muçulmana, por 2 a 1, em partida da décima jornada. Gildo, transcorridos dez minutos, colocou a sua equipa a vencer, vantagem que durou até ao minuto 29 quando Sonito restabeleceu a igualdade.

O golo da reviravolta foi apontado por Josimar nos instantes iniciais da segunda parte.

Quadro de resultados

10ª Jornada				
Fer. de Nampula	2	x	1	Costa do Sol
Maxaquene	2	x	1	Têxtil de Púnguè
Liga Muçulmana	2	x	1	Desp. de Nacala
Fer. de Maputo	0	x	2	Fer. da Beira
Chingale de Tete	1	x	2	Clube de Chibuto
Vilankulo FC	0	x	2	HCB de SOngo
Estrela Vermelha	1	x	0	Matchedje

PRÓXIMA JORNADA

Fer. de Nampula	x	Fer. de Maputo
Fer. da Beira	x	Maxaquene
Têxtil de Púnguè	x	Chingale de Tete
Clube de Chibuto	x	Vilankulo FC
HCB de Songo	x	Estrela Vermelha
Matchedje	x	Liga Muçulmana
Costa do Sol	x	Desportivo de Nacala

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	HCB de Songo	10	5	3	2	13	7	6	18
2º	Maxaquene	9	6	0	3	10	7	3	18
3º	Liga Muçulmana	8	5	2	1	14	5	9	17
4º	Clube de Chibuto	10	5	2	3	12	13	-1	17
5º	Fer. da Beira	10	4	3	3	13	10	3	15
6º	Costa do Sol	10	3	4	3	11	9	2	13
7º	Fer. de Maputo	9	3	3	3	7	8	-1	12
8º	Desp. de Nacala	9	4	3	2	6	3	3	12
9º	Chingale de Tete	10	3	3	4	7	8	-1	12
10º	Fer. de Nampula	10	3	3	4	9	11	-2	12
11º	Estrela Vermelha	10	3	2	5	6	9	-3	11
12º	Vilankulo FC	9	3	2	4	3	7	-4	11
13º	Têxtil de Púngè	10	3	2	5	7	12	-5	11
14º	Matchedje	10	1	2	7	4	11	-7	5

Desporto

Autoridade Tributária: Um clube de Namialo que surpreendeu África

O Clube de Voleibol da Autoridade Tributária de Nampula participou, no passado mês de Abril, em Tripoli, capital da Líbia, no Campeonato Africano de Clubes Campeões de África, edição 2012. E apesar do oitavo lugar conquistado tornou-se a primeira equipa moçambicana a chegar aos quartos-de-final, bem como a inscrever a posição assumida no livro de recordes do país. Nesta semana a conversa é com Efraím Solano, técnico ao serviço da Autoridade Tributária, o responsável pelo projecto de estruturação de uma equipa que, depois de se sagrar campeã da Zona VI, surpreendeu o continente africano ao ser consagrada como a sensação do certame que decorreu na Líbia. O nosso entrevistado que definiu, nas entrelinhas, a sua equipa como um exemplo a seguir no país, falou também de assuntos ligados à vida do voleibol moçambicano.

Texto: David Nhassengo • Foto: Júlio Paulino



Jornal @Verdade – Qual é o seu sentimento encontrando-se a comandar uma equipa na maior competição africana de voleibol a nível de clubes?

Efraím Solano – Depois de um período longo de trabalho, ultrapassando vários obstáculos, primeiro estar na Líbia e, segundo, conquistar a oitava posição é para mim motivo de muita satisfação. Sinto-me bastante orgulho por pertencer a esta geração de vencedores.

@V – Quer dizer que se sente confortável por ter terminado na oitava posição da competição?

ES – É uma posição que pode não orgulhar ou não significar muito para ninguém. Mas só o facto de termos passado da fase de grupos e ainda na qualidade de equipa improvável, sendo a primeira vez na história de Moçambique em competições africanas, é bastante relevante.

@V – Qual foi o segredo para alcançar este resultado histórico?

ES – O nosso trabalho é complexo e teve a sua génese há sensivelmente três anos. Engloba várias componentes desde a psicológica, a nutricional até à técnica da equipa. A palavra-chave do nosso sucesso é a capacidade do atleta de estar no voleibol.

@V – O que falhou para que esta equipa da Autoridade Tributária não fosse para além dos quartos-de-final?

ES – Temos, em primeiro lugar, que olhar para o grupo em que estivemos inseridos, com equipas do Quênia, de Uganda e da Costa do Marfim que constituem, de per si, potências a nível do continente. Em segundo, olhar para o “azar” que tivemos no sorteio dos quartos-de-final ao cruzarmos o caminho de um anfitrião que todos sabemos o que representa também para o continente africano.

@V – Teve a oportunidade, nesta competição, de observar com equipas com um nível elevado em termos de rendimento no voleibol. Qual é a avaliação que faz de Moçambique neste momento?

ES – O nosso voleibol vai, pouco a pouco, andando de forma progressiva. Nos já demos o primeiro passo.

Algo que se destacou na nossa participação na Líbia é o facto de que, inicialmente, éramos considerados uma

equipa qualquer. Mas, graças à nossa prestação e dedicação, fomos consagrados como a equipa sensação da competição, o que demonstra que estamos a subir.

Soube, recentemente, que a Confederação Africana de Voleibol enviou uma nota à Federação Moçambicana de Futebol e à direcção do nosso clube a saudar o “show de bola” que demos na Líbia, bem como a considerar que temos um futuro brilhante a nível de África. Mas isso não deve envaidecer-nos. Pelo contrário, temos de manter esta humildade, este trabalho e esta constância para que possamos ser aquilo que todos esperamos.

@Verdade – Esta é uma equipa que surgiu numa zona, diga-se, rural. O que é que a difere das restantes do país, sobretudo as urbanas, tomando em conta que grande número está centrado nas cidades?

ES – Não tenho autoridade para falar das outras equipas. Mas na Autoridade Tributária há união e espírito de trabalho colectivo. Nós estamos sempre juntos. Somos uma espécie de amigos de infância.

É um facto que estamos baseados em Namialo, um local que dista da cidade. Mas é lá onde implantámos o nosso centro de formação que neste momento conta com cerca de 250 atletas.

É preciso deixar claro, também, que nada tem a ver com a localização, ainda que nas regiões recônditas tenhamos problemas de infra-estruturas. Todo o atleta pode adaptar-se quando há um projecto claro e sério de trabalho, partindo da própria formação.

Há um aspecto que contribui para o fracasso das equipas em qualquer desporto: muitos treinadores esquecem-se de que a componente psicológica do jogador é preponderante para a vitória.

@V – Partindo do princípio de que o patrono do vosso clube é a Autoridade Tributária, uma instituição abastada, não será este o factor que vos diferencia das restantes equipas e vos coloca numa posição privilegiada?

ES – É o que muita gente pensa. A questão material nunca junta uma equipa, só separa. Eu, na qualidade de técnico, tenho de pensar somente nos meus atletas e eles nos objectivos traçados.

A humildade e o trabalho caminham verticalmente com o sucesso. Volto a repetir: o trabalho psicológico é a nossa qualidade.

Este é um projecto que começou do nada e há sensivelmente três anos. Há algo, por exemplo, de baixo custo mas fulcral e que, se calhar, muitos treinadores não usam neste país: os vídeos sobre o voleibol.

@V – Qual é a importância desses vídeos?

ES – São vídeos que ensinam como deve ser um trabalho de equipa; qual deve ser o comportamento de um atleta de voleibol; e qual é a responsabilidade de

cada um em campo. Na Autoridade Tributária nós temos um total de 15 filmes desse género e, para nós, são como uma segunda arma.

@V – Quais são as necessidades da equipa da Autoridade Tributária?

ES – Felizmente, temos as condições básicas para continuarmos como equipa. Tudo, diga-se, joga a nosso favor.

Temos envidado esforços para que os atletas sejam bem nutridos, exerçam normalmente os trabalhos de musculação e tenham num treino diário sem preocupações. Algumas coisas são improvisadas, cujo mérito vai para a criatividade do próprio treinador com ajuda dos coordenadores.

Em termos de condições, repito, tudo joga a nosso favor.

@V – A nível de infra-estruturas?

ES – Este é, infelizmente, o nosso calcanhar de Aquiles. Mas entendendo que a falta de infra-estruturas é um problema de todo o país.

O que percebo é que até o próprio Governo, sem falar das associações, ainda não concebeu esta ideia da construção e da importância de pavilhões desportivos. Na Autoridade Tributária temos de pensar, a longo prazo, em ter um pavilhão e um ginásio.

@V – Onde é que a equipa da Autoridade Tributária treina neste momento?

ES – Em Namialo temos um campo aberto da vila que usamos para treinar. Temos, também, o campo da Escola Secundária de Muatala usado como alternativo onde, com a ajuda do antigo presidente da Federação Moçambicana de Voleibol, Camilo Antão, montámos um tapete.

@V – Os campos de Tripoli não constituíram algo estranho para os atletas moçambicanos?

ES – Na verdade, aqueles campos são diferentes e evoluídos se fizermos uma análise comparativa. Mas nós temos o básico, como bem disse anteriormente. O que tem de acontecer no país é a federação continuar a apoiar a nossa equipa em termos materiais para que possamos despontar a nível internacional.

@V – O técnico Efraím tinha excelentes relações de amizade e cortesia com Camilo Antão, no período em que ele era presidente da Federação Moçambicana de Voleibol. Nunca escondeu isso. Qual é a relação que mantém, neste momento, com Khalid Casam?

ES – É uma relação normal. Mas também não deixa de ser verdade que com Camilo Antão havia muita confiança. Com Khalid sempre houve diferenças desde o período em que ele era treinador.

continua Pag. 26 ➔

Desporto

Mas porque estamos unidos em prol do voleibol, estando ele no topo, temos de nos compreender. O contexto não muda.

@V – O que é que o elenco anterior disponibilizava à Autoridade Tributária e que este já não faz e vice-versa?

ES – Para além da própria afinidade que tínhamos com o elenco anterior, sobretudo com o próprio Camilo Antão, a única ajuda que tivemos da federação foi o tapete. Hoje continuamos com este material apesar de persistirem alguns embaraços.

Outro aspecto que revela que há entendimento entre o nosso clube e o novo elenco federativo é o do uso desta equipa como selecção nacional sub-23, sabido da média de idade de 21 anos e do reconhecimento do trabalho que desenvolvemos ao longo destes três anos. Trabalhamos todos em prol de um objectivo comum: desenvolver o voleibol moçambicano.

@V – Quais são os objectivos da Autoridade Tributária?

ES – Neste momento estamos a pensar no Campeonato Nacional de Voleibol. Felizmente somos campeões da Zona IV e isso coloca-nos novamente no campeonato africano. Mas continuaremos a trabalhar para glorificar a província de Nampula e o país no geral.

“O voleibol moçambicano é anacrónico”

@V – Tendo em conta que está há cinco anos a residir em Moçambique, o que acha do nosso voleibol?

ES – Na minha opinião, o voleibol moçambicano está numa fase de transição. Espero não ofender a ninguém, mas ele tende a sair duma camada mais antiga para uma mais moderna em que a modalidade, embora de forma isolada, ganha novos projectos sérios e ambiciosos.

Creio que daqui a mais algum tempo chegaremos até onde todos queremos.

@V – Em termos concretos, quais são os indicadores dessa evolução?

ES – Não é por uma questão de vaidade. Mas quando surge um clube como o da Autoridade Tributária a mostrar serviço fora de portas, muitos clubes do país querem seguir o exemplo. Internamente, passaremos a ter mais concorrência e a nível internacional teremos maior repercussão.

Fomos elogiados e consagrados como equipa sensação do ano pela Confederação Africana de Voleibol e isso demonstra que o voleibol moçambicano tem futuro e poderá ser uma referência africana. Quanto mais competência apresenta a equipa “Y”, mais equipas poderão subir porque vão querer derrotá-la. Eu penso assim.

@V – É correcto dizer que a Autoridade Tributária é o exemplo do voleibol moçambicano?

ES – É muito complicado responder directamente a essa pergunta. Apenas tenho a dizer que somos um clube organizado que luta todos os dias para ser cada vez melhor. Todo o pessoal, desde os coordenadores até aos



atletas, sabem que nada sabem e por isso procuram aprender a cada instante.

Felizmente estamos a viver um sonho, o de ombrear com as grandes equipas, ainda que africanas. A Autoridade Tributária está a ajustar o voleibol global no contexto moçambicano.

“Não proibi nenhum atleta de estar na selecção nacional”

@V – Os jogadores da Autoridade Tributária rejeitaram a selecção nacional logo após o regresso da Líbia. Porque?

ES – Teve a ver com as condições impostas pela federação. Acabávamos de fazer uma viagem cansativa de Trípoli, Líbia, a Moçambique, em que os atletas ficaram sem dormir dois dias.

Quando chegaram a Nampula, os nossos atletas tinham de viajar de autocarro até à cidade de Maputo e numa carreira nada confortável. Ademais, foi num período conturbado na zona centro do país com os acontecimentos de Muxúnguê. Obviamente que nenhum pai gostaria de ver o seu filho exposto a estas condições.

@V – Diz-se que foi o técnico Efraím quem proibiu os atletas de representarem a bandeira nacional. Isso é verdade?

ES – Nós somos humanos e temos as nossas limitações. Um atleta que vem de uma competição precisa de repouso e a federação devia também ver as coisas nesse prisma e não aparecer a exigir que os atletas viagem de Nampula a Maputo de autocarro.

“No voleibol não temos selecções representativas”

@V – Olhando para o trabalho que é feito pela Autoridade Tributária e a brilhante prestação que teve na Líbia, na sua óptica, o que falha na selecção nacional de voleibol sénior masculina?

ES – O maior erro da nossa selecção nacional é não ser representativa. Tentou-se, na última convocatória, chamar-se atletas de quase todo o país mas, infelizmente, as escolhas não foram as mais acertadas.

Eu sempre defendi que, em qualquer modalidade desportiva, um seleccionador nacional, para ter sucesso, deve conhecer a realidade do país e os jogadores que vai convocar. Mas é preciso, também, que a federação garanta que o técnico principal viaje pelo país à busca e pesquisa de talentos para a selecção nacional. Os atletas, por sua vez, merecem melhores condições enquanto representantes das bandeiras nacionais.

A federação falha, por outro lado, ao não planificar as competições, quer dos clubes internos, quer da própria selecção.

@V – Se fosse convidado a abraçar a função de seleccionador nacional, aceitaria?

ES – Seria complicado. Eu sou um funcionário público e estou no voleibol apenas no período livre da minha vida. Eu acho que neste momento a selecção nacional está bem entregue ao técnico Beto Araújo.

Eu chegarei à selecção nacional no dia em que forem melhoradas as condições para os meus atletas. Neste momento as coisas ainda estão numa fase em que precisam de transição.

FACTOS

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.

Desporto

Liga dos Campeões Europeus: Robben marca no fim, acaba com sina e dá título ao Bayern

Arjen Robben teve uma, duas, três enormes oportunidades de abrir o marcador em Wembley. Era inevitável não relacioná-las com o penálti perdido diante do Chelsea, há um ano, no prolongamento, que acabou por ser decisivo para a perda do título na Allianz Arena. O craque holandês, que começou esta Liga dos Campeões no banco de suplentes, aproveitou-se da lesão do titular Toni Kroos para brilhar e, enfim, poder dizer que é um herói. Um super-herói, com o perdão do trocadilho que o seu nome sugere. Com um lindo golo do número 10, aos 44 minutos do segundo tempo, o Bayern de Munique confirmou o seu favoritismo ao derrotar o Borussia Dortmund, por 2 a 1, no passado sábado(25), e dar um fim à sina de vice-campeões após duas finais perdidas em três anos.

Texto: Redação/ Agências • Foto: FIFA.COM

Eleito pela UEFA o melhor em campo, Robben ainda teve grande parcela de responsabilidade no primeiro golo do jogo, marcado por Mandzukic. Foi do holandês o passe açucarado para o croata apenas atirar para as redes, aos 15 minutos do segundo tempo, após driblar o guarda-redes Weidenfeller. Pouco depois, aos 23, o Borussia Dortmund viria a empatar a partida, em penálti cometido por Dante e cobrado com categoria por Gündogan. Mas foi pouco para o conto de fadas aurinegro se tornar realidade.

Esta é a quinta vez que os bávaros erguem a “orelhuda”. As três primeiras vieram de forma consecutiva, em 1974, 75 e 76, com o grande clube liderado por Franz Beckenbauer. Em 2001, uma conquista nos penáltis sobre o Valencia devolveu ao clube a “áurea” de um campeão. Agora, com a conquista em Londres, o Bayern torna-se o terceiro maior vencedor da competição, superado apenas pelo AC Milan (sete) e Real Madrid (nove) títulos, igualando-se ao Liverpool e descolando de um grupo composto por Barcelona e Ajax.

Campeão alemão com seis jornadas de antecedência, o Bayern agora persegue a chamada “Triplíce Coroa”. Ela poderá vir no próximo sábado (1), data da final da Taça da Alemanha, contra o Stuttgart, em Berlim. Esta será ainda a despedida do técnico Jupp Heynckes, a ser substituído pelo espanhol Pep Guardiola, a partir de Julho.

O Borussia Dortmund, dono de uma campanha louvável ao eliminar o Manchester City, o Ajax, o Shakhtar, o Málaga e o Real Madrid, continua apenas com um título, conquistado em 1997. A jovem equipa comandada pelo irreverente técnico Jürgen Klopp terá outra oportunidade de se sagrar campeã europeia na próxima temporada, já que garantiu a classificação directamente à fase de grupos por ter sido a segunda classificada na Bundesliga. Mas sem Mario Götze, a maior revelação alemã dos últimos anos, que trocará o Borussia justamente pelo Bayern na abertura da próxima janela.

Neuer e Weidenfeller garantem o zero

Foi uma ironia daquelas... Com nove confrontos desde a temporada 2010/2011 – muitos deles decisivos –, o Borussia e o



Bayern passaram os primeiros dez minutos a estudarem-se um ao outro em Wembley. Os toques de lado, temendo serem surpreendidos por um roubo de bola na intermediária, deram o tom no início da primeira final alemã da Liga dos Campeões. A postura da dupla durou pouco tempo, é bem verdade, mas deu a impressão de que os 90 minutos seriam longos. Para o bem do futebol, não passou de ledoo engano.

O Dortmund tomou a liberdade de atacar nas suas primeiras iniciativas. Muitas, no caso. Com o “gegenpressing” em prática – tática que explica a transição veloz dos aurinegros –, a equipa do técnico Jürgen Klopp empurrou os bávaros para o seu reduto e conseguiu criar inúmeras oportunidades para inaugurar o marcador. A vantagem poderia até ter sido razoável ao fim do primeiro tempo se o Bayern não contasse com uma estrela também debaixo das traves.

Aos dez minutos, Kuba deu o primeiro aviso. Contra-ataque, bola recebida na grande área e um chute sem muito perigo, por cima da baliza de Manuel Neuer. O guarda-redes viria a trabalhar aos 13, quando Lewandowski arriscou de longe. No minuto seguinte, Gündogan lançou Reus, que cruzou para Kuba rematar, mas sem resultado.

Neuer defenderia com palmadas ainda mais duas bolas. Aos 18, num chute de canhota de Reus. Aos 21, numa conclusão à meia altura de Bender. Com uma defesa recordista na temporada e dona de números impressionantes no campeonato alemão – 18 golos sofridos em 34 jogos –, ele provavelmente não se lembraria de um jogo em que foi tão protagonista nos últimos tempos.

Bayern cresce e iguala jogo

O Bayern tampouco. Se não estava irreconhecível, aparentava uma fraqueza não vista nos últimos meses. Por isso tratou de reagir logo e conseguiu equilibrar o panorama do jogo na segunda metade. As primeiras oportunidades nasceram aos 26 minutos, pelo alto: uma cabeçada de Mandzukic forçou Weidenfeller a desviar brilhantemente. Depois, Javi Martínez chutou para fora.

Do banco de reservas, Jupp Heynckes, no seu penúltimo jogo pelo Bayern, ainda teria outros motivos para lamentar. Aos 30, Robben foi accionado por Müller, entrou com liberdade, mas concluiu em cima de Weidenfeller. O holandês perderia um golo claro aos 42 minutos, quando se aproveitou de uma falha de Hummels para ficar cara a cara com o guarda-redes alemão. Mas a finalização não foi a melhor.

Pouco antes, o outro destaque da noite colocou na conta mais uma grande defesa. Aos 34, Lewandowski girou sobre a marcação de Boateng e invadiu a área em óptima posição. Uma saída praticamente perfeita impediu que o polaco marcasse. Os 45 minutos iniciais terminaram com O a O a prevalecer, mas cheios de emoção.

Desta vez, ao contrário do que acontece no Bahrein e em Espanha, onde Nico também consegue a pole position, o domínio da qualificação não se esfuma durante a corrida. Rosberg, o mais forte em todas as sessões deste grande prémio, resiste a duas entradas do safety car em pista e a uma bandeira vermelha sem nunca ver a sua posição verdadeiramente ameaçada. A Mercedes sai daqui com um fim-de-semana quase perfeito; para a satisfação total só falta o resultado de Lewis Hamilton. O britânico parte em segundo, mas acaba em quarto. E, de certa forma, pode culpar Felipe Massa, rival de lutas nem sempre simpáticas (até no Mónaco), que à 29.ª volta repete o acidente da terceira sessão de treinos livres em Sainte Devote. O safety car entra pela primeira vez em pista esta época e os pilotos que ainda não trocaram de pneus aproveitaram para o fazer. Hamilton é o último, fica à espera que Rosberg pare primeiro. Quando regressa à pista já os Red Bull de Sebastian Vettel e Mark Webber estão à sua frente – essa ordem mantém-se até ao fim.

O safety car sai, mas a confusão não demora a regressar. À 46.ª volta, Max Chilton empurra Pastor Maldonado contra o muro, o Williams do venezuelano salta e a barreira de protecção vem para o meio da pista – ainda acerta no outro Marussia, de Jules Bianchi. Resultado: bandeira vermelha, corrida interrompida. Os pilotos estacionam na grelha, saem, falam com as equipas. Até

aqui, a grande estrela da tarde é Sergio Pérez. O mexicano da McLaren ultrapassa o colega Jenson Button na chicane (42.ª volta), depois tenta fazer o mesmo a Fernando Alonso, que atalha caminho. Assim que há bandeiras verdes para recomeçar a prova, o espanhol cede a posição.

Mais tarde, após mais uma visita do safety car (num acidente com Daniel Ricciardo provocado por Romain Grosjean), Pérez procura uma terceira vítima, outra vez à saída do túnel. Azar dele, pela frente tem Kimi Räikkönen, que o espreme contra o muro. Pérez continua em quinto (pouco depois acabará por desistir); Kimi vai à boxe tratar de um furo e regressa em 16.º, a sete voltas do fim. A série de grandes prémios consecutivos a pontuar do finlandês está prestes a morrer nos 22, mas nas últimas voltas Räikkönen passa por Giedo van der Garde, Max Chilton, Esteban Gutiérrez, Valtteri Bottas e Nico Hulkenberg para ainda chegar ao décimo lugar. Assim, o recorde de 24 provas seguidas nos pontos, que pertence a Michael Schumacher, continua ameaçado.

Rosberg é o mais feliz da tarde, mas Vettel também não fica atrás. O tricampeão do mundo, segundo no Mónaco, aumenta a vantagem para os quatro principais rivais (além de Kimi em 10.º, Alonso fica em 7.º, Hamilton em 4.º e Webber em 3.º). Já são 31 pontos de distância para o finlandês da Lotus.

Robben, ele mesmo, decisivo

O segundo tempo começou a um ritmo mais lento que o primeiro. Desta vez com o Bayern um pouco melhor, produzindo e, principalmente, não se deixando surpreender. Aos 14, após pequeno hiato sem emoção, os vermelhos estiveram perto do primeiro. Bola cruzada na pequena área e Mandzukic falhou. Um minuto depois e lá estava ele para enviar o esférico para o fundo das redes. Ribéry serviu Robben com um lindo passe por dentro da defesa, o holandês driblou Weidenfeller e cruzou para o avançado croata marcar: 1 a 0.

O Borussia sentiu claramente o golpe. Nervoso, esteve perto de se complicar em algumas saídas de bola. Precisava de um lance isolado, e ele surgiu aos 22. Reus recebeu um lançamento na grande área e acabou por ser derrubado por Dante, que já tinha cartão amarelo. O árbitro Nicola Rizzoli assinalou o penálti, mas foi condescendente ao punir o defesa brasileiro com uma advertência apenas. Gündogan serviu Neuer para o empate.

O Bayern, no entanto, continuava melhor. Não apenas tecnicamente, diga-se. Parecia sobrar em campo. Multiplicou-se na proporção dos vermelhos que ocupavam metade das arquibancadas de Wembley. Por muito pouco não respondeu de imediato, aos 27, quando Müller driblou Weidenfeller e cruzou rasteiro. Robben estava preparado para marcar, mas faltou aquela entrega extra. O sérvio Subotic, então, apareceu com um carrinho para salvar.

Os bávaros continuavam a pressionar. Aos 30, Alaba arriscou de fora da área e obrigou o guarda-redes a jogar para canto. Logo em seguida, Müller reclamou de um puxão de Subotic na entrada da área. Ele conseguiu tocar para Mandzukic, que não aproveitou. Aos 42, Schweinsteiger, até certo ponto sumido na partida, também soltou a sua bomba. O número 1 do Borussia afastou a soco.

De tanto insistir, o Bayern chegou à vitória com aquele que seria o mais criticado em caso de outra decepção. Aos 44, Ribéry tocou de calcanhar de forma fantástica para Robben, que tirou Hummels e Subotic, com um só toque, antes de concluir lentamente para o fundo das redes. Depois de dois vice-campeonatos, chegou a hora de comemorar.

Fórmula 1: Tal pai, tal filho

Keke ganhou em 1983, Nico em 2013. É a primeira dupla pai-filho a vencer no Mónaco. É também o primeiro triunfo da Mercedes no circuito

Texto: jornal iOnline

As luzes apagam-se e Nico Rosberg sai na grelha da frente. A bandeira de xadrez agita-se e Nico está na dianteira. Pelo meio a liderança nunca sai das mãos do alemão. Estas três frases enganam, dão uma errada sensação de linearidade. Pelo contrário: o GP do Mónaco de 2013 é uma montanha russa de acontecimentos, um touro mecânico que agita tudo o que tem por cima. Rosberg é que passa por tudo sem tremer. Com isso, o piloto de 27 anos vence a segunda corrida da carreira (depois da China no ano passado). Mais do que isso, faz dele e de Keke (vencedor em 1983) a primeira dupla pai-filho a ganhar no principado. Da mesma forma, ao fim de 60 edições, é o primeiro triunfo da Mercedes no Mónaco.

“O povo que espere!”

No fim do texto “Sambroera em Aurélio”, lido na apresentação de *As Hienas Também Sorriem*, o professor José Teixeira considera que, a par de Aurélio Furdela, os escritores moçambicanos não precisam de ser aplaudidos pela sua produção, mas os seus livros devem ser lidos urgentemente. No entanto, o escritor – cuja obra capta as peripécias do Moçambique pós-independência – explica que “escrevi o livro com um sentido de oportunidade histórica”. Lendo-se a obra percebe-se que se está diante de uma série de denúncias – contra as atrocidades e fraquezas humanas – feitas por um homem preocupado com os problemas da sua época. O que fundamenta esta posição?

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Uma pista em direcção aos desvios sociais, até certo ponto estruturados por um sistema de governação, no país, os quais consolidam a constatação de que Furdela escreveu um livro de denúncias encontra-se no comentário de Mbate Pedro que, no prefácio da obra, escreve: “*As Hienas Também Sorriem* é a cómica imagem, a metáfora cruel, do mundo amorfo em que vivemos, em que, quando a justiça não consegue condenar os ladrões e corruptos, defende-os e eleva-os à categoria de Doutores deputados”.

Na verdade, “o negócio da venda de carros roubados na terra do Rand tinha-lhe atraído a cobica, juntando-o, assim, a quatro outros patifes”, reporta-se na crónica de Furdela referindo-se ao deputado Sebastião Costa Zimba, o corrupto.

Diante do que se expõe, ao leitor vontade não falta – e essa é a questão premente – de questionar a origem dos nossos deputados, os tais defensores dos interesses do povo, muito em particular quando esta figura reconhece que 30 anos depois de em 1983 se verificar um período de muita fome em Moçambique, nesta segunda dezena do século XXI há lugares no país onde as pessoas morrem do mesmo mal. E o deputado, impávido, simplesmente considera que “Cada qual tem o seu 83. O mais importante agora é resolver os problemas de quem trabalha para o povo. O povo que espere!” (Sic).

Uma vida de zombies

Ora, tomando a precariedade do sistema de saneamento da cidade de Maputo como exemplo, sobretudo sempre que chove, a impressão que fica é de que as entidades a quem se confiou, por meio do voto, o governo dos seus destinos, preterem o povo para satisfazerem os seus interesses individuais.

Se for cidadão desta urbe, o estimado leitor irá convir que (mesmo no centro da cidade de Maputo) sempre que chove a situação torna-se um caos. É nesse sentido que na terceira crónica do livro, *Pescando o Meu Filho*, Furdela capitaliza o subúrbio que pouco difere da urbe para recordar-nos de que “toda a extensão do bairro, mergulhada numa maré de água e dejectos, a escaparem das latrinas levando a passear, pelos becos do bairro, os vermes e toda a ordem de germes que se misturam com as nossas vidas de zombies” (Sic).

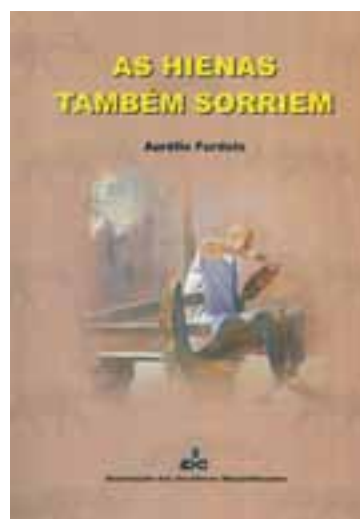
No entanto, para contextualizar o momento actual, o texto de Furdela é multitemático. Nele encontramos colectividades ou representações sociais reais, como é o caso dos desmobilizados de guerra e dos madjermane sobre quem se pensa que “lhes vão acabar a dívida, deixando-os morrer um a um até ao último centavo!” Aliás, nessa discussão, esta constatação tem o seu sentido. Afinal “a fila dos madjermane está a diminuir cada vez mais, nas manifestações” (Sic).

É também nesse subúrbio sublimado pelo autor onde coabitam estes grupos sociais oprimidos. E aqui a opressão não é interpretada, necessariamente, como fruto da acção de alguém. Mas também da sua inacção. Por exemplo, naquele dia, “as gotas começaram a cair do céu, acumulando-se no quintal, depois nas ruas, onde o demorado e primitivo processo de evaporação natural das águas ainda não foi substituído pela vala de drenagem”.

Tal como se descreve no livro, para o dito pai, aquele dia de chuva mantém-se imemorial. E não faltam argumentos: “*Às apalpadelas, busquei um pedaço de rede mosquiteira, daquelas de esticar sobre a cama. Lancei-a à água, para aqui, para lá, e consegui, finalmente, pescar o meu filho*” morto.



“Cada qual tem o seu 83. O mais importante agora é resolver os problemas de quem trabalha para o povo. O povo que espere!”



Enquanto o tragédia desta natureza ocorria, o autor escreve que “A Rádio transmitia (...) uma notícia de louvores a um grupo de deputados que apoiavam, algures, nos subúrbios da cidade, outras vítimas das enxurradas distribuindo pacotes de bolachas e rebuçados às crianças”.

O que se diz sobre o autor

Mbate Pedro, um leitor atento da obra de Furdela, afirma que “o essencial da escrita Furdeliana encontra-se, creio, no estilo profundamente satírico e mordaz, já apurado em *O Golo que Meteu o Árbitro*, acabando por dar aos seus textos uma qualidade espacial, como se o mar fosse salgar os pés à praia”. De qualquer modo, será na ausência de um respeito sagrado e de uma angústia, reforçados por “uma permanente provocação em relação ao mundo espiritual, às sombras, às trevas, aos intervenientes” que surpreendem José Teixeira nessa obra.

Ainda que na produção artística comparações que nos mostram evolução e/ou regressão não se façam, diante de *As Hienas Também Sorriem*, José Teixeira afirma que “algo de muito profundo mudou pois agora à anterior ironia sucede, às vezes, o sarcasmo até rude sem cerimónias”.

Alinha-se a produção de Furdela no mesmo patamar que os livros *Nós Matámos o Cão Tinhoso*, *Ualalapi*, *Nghamula*, *O Olho de Herzog*, de Luís Bernardo Honwana, *Ungulani Ba Ka Khosa* e *João Paulo Borges Coelho*, respectivamente, a fim de que se afirme que “é também nestas *Hienas Furdelianas* que encontramos a marca totalmente actual da literatura moçambicana destes tempos”.

Se os argumentos apresentados neste texto não atraem o leitor, há que se ler *As Hienas Também Sorriem*, mesmo que seja para que se perceba, no contexto moçambicano, o que pode mover um homem – que tenha trabalhado por muitos anos – a abdicar do seu direito de reformar. Ou, no fim, para que se irrite com o sarcasmo com que o autor, no texto *Doutor Seringas* e a *Burra que Sabia*, provoca a moralidade dominante, sobretudo a instituída pelo Criador.

“Às apalpadelas, busquei um pedaço de rede mosquiteira, daquelas de esticar sobre a cama. Lancei-a à água, para aqui, para lá, e consegui, finalmente, pescar o meu filho”

As Hienas Também Sorriem, livro que ostenta uma cor castanha com uma iconografia de um homem sentado a reparar o sapato, foi chancelado pela Associação dos Escritores Moçambicanos, organização em que o escritor é membro efectivo e de direcção. A sua publicação é financiada pelo FUN-DAC.

Isto é



Inocêncio Albino
linno.albino@gmail.com

Coisas que não compreendo no Teatro de Inverno

Se tudo ocorrer conforme prevejo, este ano eu gostaria de acompanhar todas as sessões do décimo Festival de Teatro de Inverno de Maputo. Como tal, na semana passada, tive a honra de ver as três primeiras peças exibidas pelos grupos de teatro da Escola de Comunicação e Arte (Sete Irmãos), Nkhululeko (Vinte minutos da verdade) e Makwerhinho (Kuphanda).

Tratando-se da décima edição de um evento que acompanhou o nascimento de actores, as expectativas em relação ao mesmo são grandes.

De qualquer forma, confesso que estou menos animado do que estava ao longo dos preparativos, momento em que sonhava com melhores condições técnicas sob o ponto de vista de iluminação, de sonoplastia e da divulgação. Nesse último aspecto estou a referir-me à publicação e promoção da iniciativa nos painéis das ruas de Maputo, uma cidade que se está a tornar de luz, a partir dos painéis publicitários. Isso também faz parte do apoio à cultura. É mecenato.

Entretanto, se, efectivamente, a ideia de discriminar determinados grupos em função da sua qualidade artística, nesta edição, for – como o mano Quim, o director do evento, me assegurou – dos próprios actores e grupos teatrais, ainda que me tenha emocionado com a tristeza de uma actriz adolescente pelo facto de a sua colectividade ter sido excluída, nada se pode fazer.

Mas o que é qualidade num festival cujo fundamento é criar espaço de acção a quem não o tem? Um evento que nasceu no clamor dos grupos de teatro amador em prol da existência de uma plataforma em que também se pudesse expressar?

De qualquer forma, colocando-se os constrangimentos à parte, também estou animado com o facto de este ano os dois grupos que, neste momento, constituem o edifício do teatro moçambicano – o popular Gungu, por um lado e o erudito Mutumbela Gogo, por outro – também fazerem parte da ementa do festival.

Este arranjo, bem pensando, possibilitará que muito mais pessoas possam ver espectáculos de qualidade profissional e, se quisermos, internacional – como agora, em virtude da participação dos brasileiros Mundo Teatro e dos angolanos Pitabel, pensar-se que o Teatro de Inverno caminha em direcção a tal patamar – protagonizados pelo Mutumbela Gogo e pelo Gungu.

Mas atenção, ainda que os ingressos custem 50 meticais, as obras *O Inimigo do Povo* e *Salve-se Quem Puder* pertencem a ambos os grupos e serão exibidas nas suas instalações. É aí onde começam as minhas incompreensões. Até que ponto podemos assumir que o Mutumbela Gogo e o Gungu estão integrados no Festival do Teatro de Inverno, numa situação em que as suas actuações seguirão a programação normal das suas instituições?

Para mim, sendo o Teatro Mapiko a catedral do Festival de Teatro de Inverno, é lá onde o Mutumbela e o Gungu deviam actuar. Sendo assim, criar-se-iam condições para se ceder espaço às colectividades culturais que, na realidade actual, tenham um palco convencional de teatro. Ou seja, realmente, dar-se-ia oportunidade a quem não a tem.

Aliás, seguindo essa lógica, sou impelido a reiterar que o Teatro de Inverno se funda nos palcos do Mapiko. Se existe uma casa cultural que deve ser sublimada é esta. Por isso, estou muito animado com o facto de os angolanos estarem agendados para actuar lá. Defendo que aos brasileiros se devia fazer o mesmo. É naquele palco onde se encontra a nossa realidade sem nenhum muralha de vergonha.

O Muvandabarwa está abandonado!

Enquanto não se concretizar o seu sonho “muvandabarwa”, como se sente o professor e músico moçambicano, Carlos Lupelise, de 59 anos de idade, continuará um filho bastardo e abandonado. Entretanto, analisada sob o ponto de vista temático, a sua música é um workshop, uma crítica social, contra os males contemporâneos. O problema é que não encontra mercado...

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguzeu

Carlos Lupelise é um músico nato, ou, pelo menos, em função da sua necessidade e sensibilidade musical, acredita nisso. No entanto, ainda que se dedique à arte musical desde a infância, há barreiras sociais que impedem que a sua carreira artística ganhe visibilidade. Como intitula o seu provável primeiro trabalho discográfico, o artista assume que é um “muvandabarwa”, ou simplesmente, um filho bastardo abandonado pelo próprio pai.

No seu dia-a-dia, como professor, Carlos Lupelise concilia o ensino à actividade artística de forma didáctica. É no meio disso que incute nos seus alunos a necessidade de aprenderem, desde cedo, a valorizar a sua cultura – a partir das suas manifestações artísticas – reconhecendo o valor da sua influência nas suas vidas.

No início da década de 1970, altura em que a sua afeição pela música se torna mais prenunciada, aproveitando eventos culturais pontuais, de forma tímida, Lupelise começou a expor o seu talento perante o público, até que, dois anos depois, partilha palcos com as bandas Muzongos, Guotolatsongo e Safelute, em Maputo.

Na essência, as composições de Carlos Lupelise são uma arma de intervenção social com base na qual o artista critica os desvios morais, éticos bem como políticos da nossa sociedade como forma de despertar as pessoas com vista a cultivarem boas qualidades. Os valores da solidariedade e o amor ao próximo são outros exemplos de assuntos abordados nas suas músicas.

E as dificuldades impõem-se

Ainda em tenra idade, quando os seus pais se separaram, em resultado das dificuldades que se instalaram na sua vida, Carlos Lupelise sentiu-se como se de um filho bastardo, como canta, se tratasse. É que é nessa altura que a sua crença de que devia gravar as suas músicas se consolidou. No entanto, a realidade foi-lhe bem contraditória. Na cidade de Maputo, a capital moçambicana, faltou-lhe tudo. Desde estúdio musical para o efeito, o dinheiro para custear a colaboração de outros artistas, bem como para arrendar um espaço para ensaiar as suas composições.

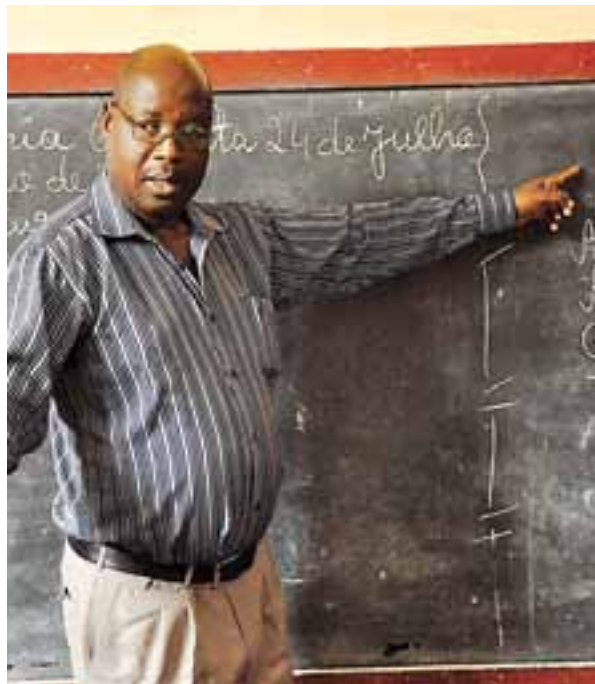
Entretanto, apesar dos obstáculos enfrentados, o amor que nutre pela música serviu-lhe de estímulo para contrapor as barreiras. Disso resulta que, em 1993, 21 anos depois, consegue gravar as oito músicas que compõem o disco “Muvandabarwa”.

De acordo com o artista, este título – que significa “o filho bastardo” – foi seleccionado de forma criteriosa, na medida em que reconstrói a história da sua vida, sobretudo as suas experiências amargas.

Uma pessoa a quem lhe faltou o amparo do pai devido à separação do cônjuge. Aliás, Carlos narra que as peripécias mais grotescas dessa experiência relacionam-se com o facto de – depois da morte do seu pai, seguindo determinados ritos tradicionais – não ter ido ao seu velório.

Refira-se, então, que a gravação das músicas foi apenas uma primeira etapa da luta de Carlos a caminho da publicação do seu primeiro álbum – o que ainda não aconteceu – porque em nenhuma momento teve financiamento para a sua publicação. Trata-se, aliás, de uma situação que concorreu com a sua luta a fim de concluir a sua formação universitária.

Cansado de ser ignorado pelos mecenas, nos circuitos por onde tem andado a solicitar apoios para a materialização do seu so-



nho de infância, agora, Carlos Lupelise pretende apostar na publicação independente da sua obra. Ao longo dos anos, nem os óbices que enfrenta desestimularam a sua produção. Por isso, presentemente, o cantor possui 30 composições musicais, a partir das quais critica, aconselha e alerta os apreciadores da sua música sobre determinados comportamentos desviantes, os quais devem evitar.

A valorização da educação e os seus intervenientes, o respeito mútuo entre os membros de uma família – como base para a construção de uma sociedade sólida –, a luta contra a violência doméstica e o abuso sexual de menores são outros exemplos de temáticas que se discutem na música de Carlos.

Carlos Lupelise que canta Marrabenta e Muthimba considera que fá-lo seguindo as veredas de Fanny Mpumfo e Xidiminguana que reputa como seus mestres, mas, acima de tudo, uma forma de valorizar a música ligeira moçambicana.

Falta qualidade no conteúdo

Quando a discussão é em torno do velho tema da qualidade dos conteúdos das composições musicais que determinados músicos – sobretudo os jovens – interpretam, Carlos Lupelise afirma que não vale a pena massificar tais obras. Para ele, a falta de boa qualidade musical não concorre para a sua projecção no mercado internacional. O mais agravante é que, na sua leitura, tais criações concorrem para que as pessoas tenham dificuldades de distinguir o certo do errado, o bem do mal, entorpecendo os valores do humanismo.

“A fraca elaboração temática dos artistas empobrece a nossa música. É que os nossos cantores estão mais preocupados com a venda dos seus produtos em vez de transmitir educação aos ouvintes”, refere.

O artista considera que, em Moçambique, existe entre os promotores de eventos culturais e do entretenimento musical uma tendência para a sublimação de artistas estrangeiros, a quem se contrata pagando muito dinheiro, em prejuízo dos moçambicanos. Outro aspecto invocado por Lupelise é o divórcio que há entre os empresários, os fazedores de cultura e os artistas nessa actuação – o que possibilita uma acção, muitas vezes, pouco sinérgica.

Viver para a música

Ainda que as condições não joguem muito a seu favor, na música, Carlos Lupelise tem um sonho sublime – contribuir para que os ritmos nacionais sejam uma referência nos grandes palcos internacionais.

É que para o cantor, a música só morre quando o seu compositor não vive à sua altura, a sua essência em plenitude, uma vez que ela alimenta a alma humana, os seus vícios, os seus sonhos e anseios removendo as barreiras que impedem-no de evoluir. É a propósito disso que se engendra o seguinte comentário: “Para alcançar esse cume é preciso viver para a música e não dela como, actualmente, acontece com os artistas nacionais”.

De acordo com Lupelise, toda a cultura é rica e útil em qualquer realidade e contexto social no mundo. No entanto, “é preciso que os nativos valorizem o que é nosso, consumindo mais os produtos culturais nacionais. Só assim se pode estimar e engrandecer as nossas raízes culturais a fim de conquistar o mundo a partir da arte de bem cantar”.



Alexandre Chaúque
siabongafrimino@yahoo.com

Toma que te Dou

Com o Presidente Guebuza na Ponta Vermelha, outra vez*

É preciso repetir que tenho pelo actual Presidente moçambicano muito respeito, sou cidadão deste país, fui educado para respeitar os símbolos, e o senhor Armando Guebuza não deixa a menor dúvida de que representa, neste momento, o Estado, embora não sendo ele o Estado. Desta vez não será o “boss” a chamar-me, eu é que solicitei a audiência através de uma ligação telefónica que fiz directamente para o seu celular conectado a um satélite internacional, e o encontro teve lugar no sábado passado, na Ponta Vermelha, onde mora no seio do fausto em si. Naquele dia tinha todo o tempo para mim, não me perguntou antes sobre o motivo da minha preocupação, já nos conhecemos, ele é meu fã, ou seja, tornei-me uma espécie de um pedaço de toda a luz que o Presidente Guebuza precisa para dirigir um país que abruptamente pode mudar de direcção. Abruptamente não, pois os últimos desenvolvimentos políticos indicam que o rastilho está aceso e um dos actores que pode evitar a explosão da dinamite é ele mesmo.

Fui vestido de ganga, como o fiz da primeira vez, ele também envergava um fato de treino, como da primeira vez que estivemos ali, no mesmo espaço, Guebuza bebendo água mineral importada da Rússia e eu sorvendo cerveja da marca super bock, servida pela sua excelentíssima esposa, num ambiente de família. A manhã é calma e o sol espregueira por entre as árvores bem cuidadas, que se erguem, altivas, da terra estrumada. A relva, natural, parece um tapete sintético e tudo aquilo, testemunhado por um palácio que parece ter sido construído hoje, com delicadeza, exala prosperidade.

Depois de transpor a cancela, sem ser revistado, transportado numa viatura da marca Pajero de grande cilindragem, em cujo volante ia um homem de meia-idade, carrancudo, atarracado, que não falou comigo desde que me foi buscar em frente à redacção do jornal @Verdade, voltei a sentir que aquele não é um lugar qualquer. Quando descí, ordenado pelo condutor, vi dois pavões com espatacular plumagem passeando no paraíso onde desfrutava da vida o cidadão Armando Guebuza, privilegiado hoje com o testemunho de Presidente da República, num dos cantos divisei uma figura vestida de branco com bandeja de prata na mão esquerda e toalha alva na direita, indicando-me a mesa para onde me devia dirigir, ao mesmo tempo que os dois pavões grasnavam para me assustar e, desta vez, até fiquei com medo, não obstante ser eu quem tinha a arma de arremesso, e não o Presidente Guebuza, como da outra vez, que tinha sido ele a mandar-me chamar.

Lá vem ele, sem guarda-costas por perto, parece caminhar na mó debaixo, a impressão é de que o chefe de Estado está sem chão, o sorriso é frágil, olha para os lados como se estivesse com medo de alguém, receando provavelmente a sua própria sombra, pior do que isso, não sabe porque lhe fui procurar. Levantei-me cumprimentando-lhe respeitosamente. A mão do Presidente treme, parece uma criança à minha frente, mas eu estou diante de um chefe de Estado, inteiro.

– Então, Bitonga Blues, como vai?
– Assim, assim, senhor Presidente.
– Vai um whisky para espantar o frio?
– Não, senhor Presidente, prefiro uma água.
– Eu sei que gostas de cerveja, fica à vontade, vais beber uma super bock, como da outra vez.

Na verdade, o que eu queria era mesmo uma cerveja, para apanhar uma “paulada” e enfrentar, com as ideias aclaradas, uma figura daquele porte. Estamos sentados frente a frente, o Presidente não está à vontade, ainda não bebeu nenhum gole do conteúdo que está à sua frente, brinca nervosamente com o anel que lhe une à senhora Maria da Luz, tirando-o e recolocando-o no dedo do compromisso, cruza várias vezes as pernas, olhando constantemente para trás e para os lados, os pavões voltam a grasnar, rompendo um silêncio absoluto que habita aquele lugar cobicado.

– Senhor Presidente, vim aqui como cidadão, informalmente, aproveitando o facto de o senhor ser meu fã.

– Faz o favor, Bitonga, estás em tua casa.

Fartei-me de rir quando o meu anfitrião me disse que ali eu estava em casa. Nunca será verdade que ali seja minha casa, nem minha, nem do próprio Armando Guebuza. Mas cá estamos nós, frente a frente, homem para homem, daquele lado o “boss” com o poder da política e das armas e do dinheiro, e deste estou eu, com o poder da palavra, que é mais forte que as lavas de todos os vulcões vomitando fogo ao mesmo tempo.

– Senhor Presidente, sabe que tem, numa das suas mãos, a pólvora e, na outra, o unguento?

O Presidente Guebuza ao ouvir de mim esta observação voltou a cruzar as pernas, nervosamente, chutou, sem querer, no tampo da mesa, de vidro e o copo de cristal, onde lhe era servido o whisky, quebrou-se. O líquido dourado jorrou na sua própria direcção, molhando-lhe as coxas por sobre as calças de fato de treino da marca Nike, e eu mantive a minha super bock na mão direita, sem me mexer.

– Desculpa, Bitonga Blues, vamos marcar o encontro para outro dia.

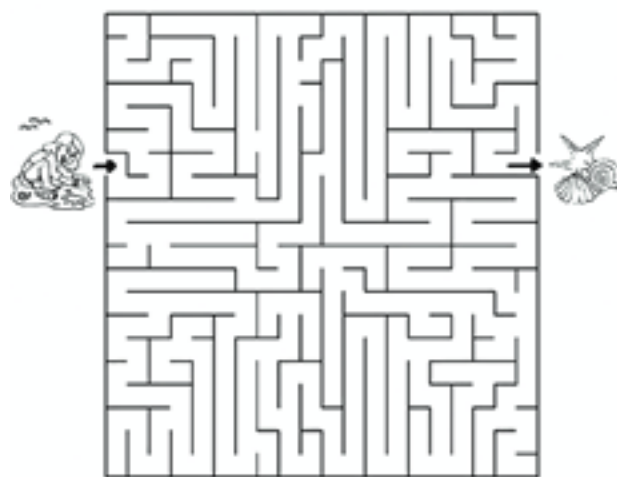
Levantou-se, estendeu-me a mão direita, trémula, virou as costas e regressou para os luxuosos aposentos da Ponta Vermelha.

*Texto fictício

ENTRETENIMENTO

Especial dia da Criança

Labirinto



Descobre as 5 diferenças!



Escreve o nome de 3 coisas que guardarias num cofre de tesouro



Escreve o nome de 3 coisas que guardarias em segurança no teu computador



O que podes fazer no computador?

Coloca um visto no círculo para mostrar o que é possível.



Labirinto



Labirinto



Protege a tua privacidade

Pinta a moldura para mostrar a quem oferecerias isto



Amigos Família Amigos e família



Um amigo Um amigo e família Um amigo e família



Um amigo Um amigo e família Um amigo e família

Agora coloca um visto em ☐ para mostrar as coisas que podes pedir de volta.

Pinta as personagens



Que objetos permitem ...

fazer um retrato?



enviar uma foto?



tocar música?



ajudar-te a escrever uma carta?



ENTRETENIMENTO

Especial da Criança

Completa os rostos



Pinta as personagens



Labirinto



Pinta o desenho

HORÓSCOPO - Previsão de 31.06 a 06.06



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Será um período regular no aspecto financeiro. Algumas dificuldades que possam surgir serão ultrapassadas. Próximo ao fim da semana a situação tenderá a melhorar; no entanto, seja muito prudente em tudo o que se relacione com dinheiro.

Sentimental: Será uma semana caracterizada por alguma insatisfação, no aspecto sentimental. Caso não tenha encontrado, ainda, a sua alma gêmea, poderá ter esta semana a tal oportunidade, porque tanto esperava.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: As questões relacionadas com dinheiro começam a revelar tendência para se equilibrarem; assim, naturalmente, começará a encarar o futuro, imediato, de uma forma muito mais positiva.

Sentimental: Será uma semana muito agradável. Não se afaste do seu par, divida com ele os seus pensamentos e desejos mais íntimos; se o fizer, terá um período que não se irá esquecer tão depressa.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Este aspeto, caracteriza-se por uma situação estável e uma semana tranquila. Os seus problemas não passam por questões relacionadas com dinheiro. Será um bom momento para pequenos e médios investimentos.

Sentimental: A sua relação sentimental poderá ser o centro de todos os seus problemas; seja realista e não se deixe abater por pensamentos que lhe reduzirão as suas forças e capacidades.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Tudo o que se relacionar com dinheiro poderá ser motivo de alguma preocupação. Tente fazer uma boa gestão dos seus dinheiros e aguardar que este período, menos positivo, termine.

Sentimental: O seu relacionamento amoroso poderá contribuir, de forma muito positiva, para equilibrar outros aspetos. Deixe que o seu par se aproxime de si; além de lhe fazer muito bem, contribuirá para se esquecer das suas preocupações.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Questões de ordem financeira não lhe deverão criar grandes problemas, serão caracterizadas pela estabilidade; no entanto, recomenda-se alguma prudência nas despesas e evite qualquer aplicação de capital.

Sentimental: Os níveis de confiança entre o casal irão estar em baixo e poderão surgir algumas situações de ciúme que, embora não justificadas, poderão criar, também, algumas contradições.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Esta área será a sua luta constante. As previsões para a semana, não sendo as melhores, também não se poderão considerar como negativas. Continue a viver e a lutar contra este aspeto com a coragem que o caracteriza.

Sentimental: Um relacionamento sentimental muito agradável será o que esta semana lhe reserva. O diálogo, a compreensão e o prazer de estar com quem gosta deverão ser aproveitados, da melhor forma.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Será uma semana muito equilibrada em todas as questões que envolvam dinheiro, contribuindo para aumentar os seus níveis de confiança. Poderá fazer algumas compras de produtos que lhe façam falta.

Sentimental: A sua relação amorosa poderá conhecer, nesta semana, um pequeno paraíso. Não se furte ao que lhe irá surgindo e abra o seu coração com o seu par; o entendimento cria-se e consolida-se numa base de abertura e diálogo franco e sincero.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Será uma semana, um pouco, complicada em matéria de dinheiro. Algumas dificuldades poderão perturbar o seu equilíbrio emocional. Despesas já esperadas serão motivo de alguma preocupação.

Sentimental: Semana que poderá caracterizar-se por um grande encantamento. A sua sexualidade estará em alta e deverá tirar partido dessa circunstância. As noites convidam ao romance; aproveite, bem, o seu relacionamento sentimental.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: As finanças poderão ser motivo de alguma preocupação. Não veja tudo pela negativa e pense que será um momento menos bom mas que, rapidamente, se modificará.

Sentimental: Esta semana será muito promissora no aspecto sentimental. A aproximação do casal será grande e os resultados serão, verdadeiramente, gratificantes. O diálogo, a compreensão e o carinho serão a terapia mais indicada para uma boa semana.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Não se pode considerar que atravessará um bom momento, no que se refere a questões de ordem financeira. É uma situação que lhe poderá tirar a estabilidade que tanto necessita; tente ter uma visão otimista e encontrará motivações que o tranquilizarão.

Sentimental: Este aspeto poderá ser muito agradável; dependerá de si e da forma como se relacionar com o seu par. Seja compreensivo e evite atribuir culpas a quem as não tem; se o conseguir, poderá ter, neste aspeto, uma semana muito positiva.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Seja, extremamente, cuidadoso em tudo o que se relacionar com este aspeto. Evite as despesas desnecessárias e os compromissos financeiros que não possam assumir.

Sentimental: Este aspeto poderá caracterizar-se por um vazio, muito grande. Seja dialogante e compreensivo. Não misture trabalho com questões de ordem sentimental; caso o consiga, tudo se poderá modificar e encontrará junto do seu par o carinho e a compreensão tão necessários.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: As suas finanças caracterizam-se pela regularidade e não será este aspeto que lhe levantará problemas. Não serão aconselháveis, durante este período, investimentos e aplicações de capital.

Sentimental: Tente ser mais realista na sua relação e não permita que o ciúme entre no seu coração. O seu par merece a sua confiança e se conseguir ultrapassar dúvidas sem fundamento, este aspeto poderá tornar-se muito agradável.

Cartoon



VIOLÊNCIA

A verdade em cada palavra.

“ Paz sem voz não é paz, é medo. ”
– O Rappa

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

/JornalVerdade

Email: averdademz@gmail.com

@Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.